

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA

# KEROUAC VERSUS VERSUS KEROUAC



KEROUAC  
VERSUS

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA

VERVE

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA

# KEROUAC VERSUS JAC





JOÃO PAULO DE OLIVEIRA

# KEROUAC VERSUS

VERVE

1ª Edição

2017



Copyright © 2017 João Paulo de Oliveira

Coordenação editorial:

Verônica Paranhos

Revisão:

Guilherme Semionato

Capa e diagramação:

Sarah David

Ilustrações de miolo e capa:

João Pinheiro

O48k Oliveira, João Paulo de, 1981-.

Kerouac versus / João Paulo de Oliveira. - Rio de Janeiro:

Grupo 5w, 2017.

264p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-5934-010-5

1. Literatura Brasileira - memórias. I. Título.

CDD B869.4

Tamar de Carvalho Rodrigues Lopes - CRB 7/6725

Todos os direitos reservados à

Editora Verve | Grupo 5W

Praça Mahatma Gandhi, nº 2, sala 1115

Centro - Rio de Janeiro - RJ | CEP: 20031-100

É proibida a reprodução deste livro sem prévia autorização  
do autor e da editora.

Quando João Paulo de Oliveira me falou destes textos e da intenção inicial de soar como Kerouac, eu pensei que ele queria ousar demais. Que era muito difícil chegar a um nível de proximidade com a escrita de um dos maiores escritores do século XX. Seria custoso tanto pelo distanciamento temporal entre João e Kerouac quanto pela genialidade do último, que acho difícil de ser superada. Entretanto, o projeto não se trata disso, não é a respeito de superação. É sobre usar a imaginação para contar histórias e relacioná-las ao ponto de vista do escritor inspiração. E nisso João Oliveira superou todas as expectativas. São mais de 40 textos nos quais importantes personalidades são retratadas de forma verossímil e com riqueza de particularidades. Além de ser um resplandecente escritor, João tem uma mente fértil de deixar o leitor boquiaberto. É como se ele fosse um camaleão, se moldando e se adaptando a cada texto que escreve, vivendo cada um daqueles momentos como se realmente estivesse lá. Não posso esquecer dos momentos em que me vi perdida, pesquisando se determinado texto realmente não era de Kerouac: “Ele só pode estar me trapaceando...esse texto é do cara!”. E foi assim que uma fã da obra inspiradora mergulhou sem dificuldades nesse universo tão extenso e expansivo criado por João.

Sabrina Sânde, editora literária de Kerouac Versus

Jean-Paul Sartre escreveu em *A imaginação* que uma folha em branco conserva sua autonomia enquanto não é preenchida.<sup>1</sup> Qualquer signo inserido já seria o suficiente para degenerar uma suposta independência e inércia. A interferência não condiciona a “nova” ideia a um aprisionamento, mas sim a uma abertura para outras composições e vivências – seja pela arqueologia de seu conteúdo, pelo afeto causado no outro, mas também pelas possibilidades de recriação, de adaptação, e mesmo de profanação. Por isso, a partir do momento em que se preenche o espaço com qualquer tipo de criação, o produto disso, sua obra, não está isento de ser utilizado e distribuído, em partes e fragmentos, em outras construções.

Há pelo menos três décadas – de forma mais intensa –, parte da poética artística produzida se ocupa em interpretar, reproduzir, reexpor ou mesmo se utilizar de produtos culturais e também de poéticas de terceiros. São artistas que selecionam e inserem objetos culturais já formados, dados anteriormente por outros, em novos contextos. Bourriaud se refere a esse fenômeno como a “arte da pós-produção”. O autor afirma que esses artistas, ao conectar seus trabalhos a obras preexistentes, “contribuem para abolir a distinção tradicional entre produção e consumo, criação e cópia, *ready-made* e obra original”, fazendo cair por terra noções herméticas de originalidade e criação.

Para Bourriaud, recorrer às formas já produzidas demonstra uma tentativa de alocar a obra de arte em uma rede de signos e significados, e não observar conteúdo e estética

.....  
<sup>1</sup> *A imaginação*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008

como formas autônomas ou originais. “Não se trata mais de fazer *tabula rasa* ou de criar a partir de um material virgem, e sim de encontrar um modo de inserção nos inúmeros fluxos de produção”.

O artista contemporâneo deixou de compor e passou a *programar* formas, utilizando-se de dados, recobrando referências, fazendo analogias atemporais, e não mais se ocupa apenas da degeneração de um elemento bruto, como a modelação de uma argila ou o preenchimento de uma tela em branco. Esses “programadores” supõem o saber como um gatilho de invenção de novos itinerários dentro do escopo cultural pré-construído. Eles produzem caminhos originais entre os signos já dados e consideram a cultura como o quadro de uma narrativa que permite projetar novos enredos por meio de suas obras – ou programas.

A criação se mostra como um espaço para manobras, um portal para dimensões atemporais, um gerador de atividades. Estamos no tempo da bricolagem de espíritos, na época da navegação em camadas radiais de signos que se recompõem na inserção, adaptação e cisão de formas e propósitos já existentes.

Este projeto dedicado à memória *beatnik* é uma manobra que versa dentro do contexto apresentado por Bourriaud, da pós-produção. Ele teve início na blogosfera em meados de abril de 2008. Seus primeiros 27 capítulos foram postados originalmente em [Indies.blog.com](http://Indies.blog.com). Desde novembro de 2009, o projeto está baseado no domínio [JackKerouac.com](http://JackKerouac.com).

*Let it Beatnik* tem início como uma celebração da vida e da obra de Kerouac e, também, como uma tentativa de expansão (interpretação) de suas ideias, pensamentos e escrita. O primeiro passo se chama “Versus”, nela o propósito seria – pela leitura e pelo estudo do estilo, das temáticas e do comportamento biográfico do escritor – conseguir criar ambientação

e verossimilhança suficientes para que o interlocutor tenha a impressão de estar em contato com textos escritos pelo próprio Kerouac, como que autobiográficos, a marca desse autor estadunidense.

A série “Versus” se traduz em encontros escritos em primeira pessoa, sob uma possível ótica de Jack Kerouac, narrando seu envolvimento subjetivo, onírico e material com pessoas comuns e alguns avatares da cultura ocidental, principalmente os que contribuíram para a construção do imaginário artístico e cultural a partir da década de 1940.

A proposta foi buscar nas biografias de Kerouac e dos demais personagens, situações, dilemas e embates que pudessem ser colocados sob a forma de diálogos ou divagações pessoais. Uma tentativa de um texto recheado com signos que se remetessem aos contextos vividos por Kerouac, e que isso não incomodasse o leitor – fluísse sem parecer *fake*. A intenção foi atestar Kerouac.

Entretanto, muito mais do que uma releitura do outro, “Versus” é uma poética pessoal que se manifesta numa espécie de exercício artístico, imaginativo e filosófico sobre a vida. Os textos são subterfúgios para a fruição dos pensamentos e conceitos que, em boa parte, também se referem ao extrato de Jack Kerouac e de seus interlocutores. O gatilho é dado pela vida cotidiana e pela leitura de seus escritos e dos escritos de seus biógrafos. Essa relação não se estabelece de Kerouac para os textos, mas do imaginário de quem escreve para o meio digital, recorrendo e colando referências, preenchendo e deixando lacunas, modelando ou tecendo impressões, mas também informando sobre julgamentos feitos antes, durante e depois de sua vida.

“Versus” é atemporal em relação à biografia de Kerouac, não seguindo racionalmente uma ordem cronológica que date sistematicamente os encontros. Seu agrupamento se

realiza de forma espontânea, surgindo em cada capítulo uma nova imaginação vivida no contato com a obra, pesquisas em diários, biografias de Kerouac, nos livros de outros *beatniks*, por seus comentadores, nos jornais da época e nas tramas e informações fornecidas hoje em dia, na internet, por fãs e estudiosos do autor. A série se teceu numa rede de referências buscadas – além da pesquisa em literatura, nas artes, na filosofia, na música e no comportamento humano que tipicamente transcende a escala temporal e se ocupa também do sonho, do inconsciente e das autoimagens como campo de construção de narrativas que tendem à revolução.

## A (RE)VOLTA DOS SUBTERRÂNEOS

A série de encontros “Versus” faz parte do projeto *Let it Beatnik*, uma tentativa de ampliar o resgate do espírito beatnik, muito além dos estereótipos midiáticos e temporais.

Os textos começaram a ser escritos em 2008 e hoje, abarcam 57 contos em primeira pessoa, como se as ideias e concepções saíssem da própria escrita de Kerouac. Nesta série de “encontros”, *Jack Kerouac – o personagem*, relata seu envolvimento subjetivo, onírico ou mesmo racional com avatares da cultura libertária e criativa da “geração perdida”, dos existencialistas franceses, dos poetas, artistas, homens e mulheres marginalizados, pobres ou amantes e adoradores do jazz e das artes; das experimentações, dos jovens que vieram com uma nova mensagem no Pós-Guerra e outros tantos, de todos os tempos, mas que marcaram a cultura global no compasso do beatífico, como Kerouac pode visualizar em determinados momentos iluminados de sua trajetória.

*Versus* é atemporal, não seguindo racionalmente uma ordem cronológica que date sistematicamente os encontros. Seu agrupamento se realiza de forma espontânea, surgindo a cada capítulo uma nova emoção supostamente vivida pelo personagem e autor. A série é baseada em pesquisas nos livros, nas biografias de Kerouac, em seus diários, nos jornais da época e por outras fontes atuais como Claudio Willer e o ilustrador João Pinheiro. A procura também se faz em relação aos co-participantes destes encontros; aos momentos históricos vividos em todo o globo nos cerca de 30 anos de carreira literária de Kerouac – por volta do início dos anos 1940 ao final da década de 1960, quando morre em 1969. *Versus* trabalha sua narrativa de forma pessoal e subjetiva, tentando induzir o

leitor a crer ao menos um envolvimento de Kerouac no texto. Ou pelo menos, que o interlocutor tenha em mente ter lido algo parecido nas traduções e frases do beatnik. Obviamente, a qualidade do trabalho não deve ser concebida em função de uma possível fidelidade estilística, mas sim na possibilidade gerada por vários fatores – tecnológicos, comunicacionais, geopolíticos, artísticos, que permitiram que Jack voltasse de sua morte subterrânea e fosse resgatado sobre um novo ângulo, de um fã, de uma alma co-irmã que reconhece em suas palavras e suas ações uma mediação essencial ao próprio espírito e motivação existencial de conduta na Terra.

Para um fã é ainda mais importante o lançamento no ano em que o autor completaria 95 anos e a obra de mais representação, *On the Road* (Pé na Estrada, no Brasil), seis décadas. Lançada em 1957, ela foi um marco para a ampliação política, artística e cultural dos valores. É preciso agradecer a todas e todos que me guiaram nessa estrada, especialmente, Roberto Blattes que me indicou a editora VERVE, Sabrina Sande, editora e revisora literária, bem como, minha filha Julieta e aos amigos Rômulo Veiga e Júlia Milward que me presentearam com o Diário de Kerouac, em novembro de 2006. Nunca mais fui o mesmo!

*Let it Beatnik*

João Paulo Oliveira



## ÍNDICE

Kerouac vs Borges.....	15
Kerouac vs Alienação.....	21
Kerouac vs Kahlo.....	27
Kerouac vs King Jr. ....	31
Kerouac vs Coltrane.....	35
Kerouac vs Baker.....	39
Kerouac vs Bukowski.....	43
Kerouac vs Espinoza.....	49
Kerouac vs O amadurecimento.....	53
Kerouac vs Lennon.....	57
Kerouac vs Morrison.....	61
Kerouac vs A América.....	65
Kerouac vs Moriarty.....	69
Kerouac vs Huxley.....	73
Kerouac vs Hemingway.....	77
Kerouac vs Chaplin.....	79
Kerouac vs Monroe.....	81
Kerouac vs O capitalismo.....	85
Kerouac vs Thoreau.....	89
Kerouac vs Parker.....	99
Kerouac vs Burroughs.....	101
Kerouac vs O existencialismo.....	105
Kerouac vs Camus.....	107
Kerouac vs Camille.....	111
Kerouac vs Corso.....	115

Kerouac vs O fim.....	121
Kerouac vs Dionísio.....	125
Kerouac vs Foucault.....	129
Kerouac vs Afrodite.....	139
Kerouac vs Linda.....	145
Kerouac vs Madalena.....	149
Kerouac vs <i>Mr. President</i> .....	155
Kerouac vs Nietzsche.....	159
Kerouac vs A criança.....	165
Kerouac vs O casamento.....	169
Kerouac vs O meio.....	177
Kerouac vs A loucura.....	179
Kerouac vs Pollock.....	181
Kerouac vs Rothko.....	183
Kerouac vs Warhol.....	185
Kerouac vs O jazz.....	189
Kerouac vs Simone.....	193
Kerouac vs A cidade pequena.....	197
Kerouac vs A América Latina.....	199
Kerouac vs A modernidade.....	205
Kerouac vs A honra.....	209
Kerouac vs O <i>karma</i> .....	213
Kerouac vs Van Gogh.....	217
Kerouac vs A metamorfose.....	223
Kerouac vs O ocidente.....	233
Kerouac vs Ananda.....	235
Kerouac vs Watts.....	241
Kerouac vs O paradoxo.....	247
Kerouac vs Saturno.....	251
Kerouac vs <i>The Us Army</i> .....	253
Kerouac vs Fausto.....	257
Kerouac vs Duluoz.....	259



2025 PAMEL RO-26

## KEROUAC vs BORGES

Sempre gostei muito do termo marginal. Identifico minha alma com aqueles que insistem em andar sobre o fino meio fio do estabelecido. A cada momento penso mais e mais em abandonar qualquer simpatia pela rude e opressora tradição. Já estamos em 65, porra, e até agora a guerra ainda não acabou. Os bastardos que assumiram a negociação tentam impor uma racionalidade impossível de ser exercida. O pior é que sabem disso, porém enquanto todos nós aparentemente temos que andar na linha, eles enriquecem as calças com grana, putas e muito álcool. Já diria meu tio Joe, “nenhuma decisão sensata foi tomada de forma sóbria na história dos conflitos humanos, muito menos por quem nos governa”. Sabia sensatez de um velho comuna rabugento. Mas aqueles que estão na margem ainda estão dentro do próprio sistema. Gostaria que entendessem o que um ex-diplomata do Brasil escreveu. Os verdadeiros vagabundos iluminados da geração perdida estão à deriva na terceira margem do rio. Eu também gosto dos alucinados e da história da loucura, não vejo particularidades mais fantásticas do que as narrativas dos loucos e videntes. Hoje em dia, tentam impor remédios para a natureza caótica ser normatizada pela razão sanitária demagoga.

Mas estávamos em uma convenção de escritores no México. A imprensa, os déspotas esclarecidos, vieram até nós como se fossemos animais selvagens encontrados no seio

da África. *O Livro* já havia sido lançado e eu representava a tal geração beat naquele lugar que tantas vezes me ensinou aquilo que é essência. Por mais absurdo que possa parecer, apesar de estarmos em uma nação ao sul, quem comandava as ações somos nós, os do norte. A comissão organizadora, os servos do hotel e todas as perguntas eram feitas em inglês. Eu me atrevia a falar meu espanhol marginal de chicano. Um erro, logo veio a mocinha da assessoria me pedir para me recompor e falar como os civilizados. Da puta madre! Ela se virou e fez cara de quem adorava pisar nos marginais, me deu até tesão. Mas logo me arrependi de querer fecundar uma dessas branqueiras que vêm na América um espelho inacessível e incompreensível aos olhos dos outros criados do mesmo carbono e da mesma merda que elas! Na verdade, desconfio que falava mal o espanhol, tirando um pouco do espetáculo que todos queriam. Eu ainda não estava bêbado.

Um senhor simpático e sua bengala se dirigiram com dificuldade até mim. Em inglês – apesar do sotaque característico, ele me disse:

– Olá rapaz! Vi que tentou se comunicar com os primitivos. Cuidado, somos todos selvagens e a qualquer momento podemos morder seu pé!

Rimos bastante daquela afirmação enfática e pertinente. Acomodei o sujeito, pois percebi que não enxergava.

– É, estou nessa há pouco tempo, ainda não me acostumei completamente. Mas você sabia que agora que estou cego, consigo ler as almas das pessoas com mais facilidade!

– É mesmo, respondi interessado em seu bom humor. E que cor tem a das pessoas desse lugar.

– Ih, meu filho. Isso seria inconfessável. O grande irmão deve estar de olho em mim! Então, você me pergunta, por que lhe disse sobre ler almas se não posso lhe dizer como são?!

Pareço louco não?! Mas não é isso. Queria apenas que soubesse que é possível ver algo além do que todos dizem e falam e vêem e escutam.

– É verdade. Confesso que também acredito nisso.

E então ele me contou a história mais fantástica e absurda-real da minha vida. Um velho cego que ainda via coisas demais!

Eu nasci em Buenos Aires, capital da Argentina. Um grande país que fica um pouco mais abaixo e que nos últimos tempos tende a se tornar uma extensão da sua nação. Mas isso é coisa para outra hora. Como você me disse que acredita nas coisas que os olhos não podem enxergar, queria lhe contar uma passagem que ocorreu comigo quando ainda podia por meus olhos a serviço da luz.

Um dia, andando pelas ruas cinzentas de minha cidade, um pensamento muito estranho passou a me acompanhar: Jorge, você não existe! E não era qualquer pensamento, era o meu próprio deus atômico me dizendo isso. Ouvi como se fosse um locutor de rádio. Parecia um informe em uma partida de futebol. E ele continuou por vários quarteirões me dizendo a mesma coisa. De repente, mudou o tom: Jorge, ninguém existe! Bom, agora sim fazia sentido, não era só eu, era todo mundo. Todos os humanos também faziam parte da não-existência. Me senti um pouco mais aliviado. E assim fui pensando, se eu não existo e não existe ninguém, você também, minha voz interior! Mas voz interior é gente? Não sei. Ou é a gente, nosso superego pregando ou é gente fazendo parecer voz do interior. Aí já é outra história.

Além disso, esse chão é falso, assim como o apito do guarda, a buzina e mesmo aquela linda garota que acabou de passar vestida de vermelho. Não, não Jorge! Ela existe! Ann?! A mulher de vermelho existe, Jorge! Deixei aquela loucura de lado e vivi o resto do dia como se nada tivesse acontecido. Somente a

noite que fui retomar aquele diálogo. Na cama, fiquei imaginando o mundo ora não existindo, ora existindo, como uma respiração que nos deixa mortos por um naco de segundo quando expulsa todo o ar do corpo. Dormi com aquilo na cabeça e adentrei o mundo de Morpheus, abrindo as portas do meu inconsciente com chaves cada vez menos tangíveis. Vasculhei por um mundo inteiramente vazio, mas também terrivelmente físico, onde os sentimentos e os pensamentos assumiam formas orgânicas e tirânicas me deixando apavorado e intranquilo, sentindo coisas e tendo certeza de lesão, só que sentimentos tomavam corpo em máquinas medievais. Uma decepção, por exemplo, se tornava uma lâmina gigante. Um sofrimento, a corda no pescoço apertando. O arrepio, a água gelada descendo a coluna vertebral por dentro. Mas de repente, apareceu o medo. Antes dele vir, já tinha pensado que talvez aparecesse sob a forma de uma nota de 100 pesos ou de armas bélicas ou quem sabe um pinto bem grande (risos). Porém, o medo me pareceu nada mais do que um gato preto e sem os olhos. Uma criaturinha que em nada me apavorava, pelo contrário. A vontade que me deu foi de acolhê-lo com todo o carinho dedicado a um felino indefeso. Porém minhas mãos eram puro sentimento e nada confortáveis eram as formas-pensamentos, eram espinhos que cortavam a minha alma e o couro do medo. Acordei apavorado com minha impotência diante o medo, não por sua imposição, mas sim, por sua dor.

Meu travesseiro estava inundado de sangue e o medo estava espantado em meu colchão. Tomei um susto com aquilo e fui logo ao banheiro para fazer a barba e começar o dia longe de tudo. Ao me olhar nos olhos, pude perceber que no interior da minha vista, uma luz enigmática brilhava como um gato negro com olhos amarelos. Pensei, talvez seja a coragem

vindo me dizer que o medo e o sangue nada mais eram do que a luta irracional do existir em meio à não-existência. Saí de casa, como em todas as manhãs e fui percorrer o mesmo caminho para ver se aquela voz aparecia novamente. Para a minha surpresa, ela veio acompanhada da mesma mulher de vermelho, mas que podia ser outra, apesar de também estar de vermelho. Ei, Jorge, é essa que existe! Ela é a cegueira do gato, foi a dor dela que manchou seu colchão nesta noite. Coitada, ela existe, pensei. Deve ser realmente inapropriado existir em um mundo fictício e sem explicação. Fiquei bastante intrigado com aquela coincidência e resolvi espreitar atrás da tal mulher. E a dona andava como se soubesse de sua existência. Mexia o quadril de forma a invocar qualquer alma perdida que estivesse pelo caminho. O que mais me intrigava nesta história era que somente eu sabia do detalhe de sua real existência. Será que ela também tinha noção disso? Esta indagação me fez aproximar, aproximar... e meu dedo já ia ao seu ombro quando um felino negro sem os olhos pulou na sua frente fazendo com se curvasse sensibilizada. O gato cego apoiou seus pelos pelas pernas sensuais da dama de vermelho. Ela se abaixou para agradecê-lo. Para disfarçar o atropelo, fingi-me de cego. Fechei os olhos enxergando os olhos amarelos do felino e tentei me apoiar em uma pilastra.

– Ei, olha por onde anda! Oh... desculpe senhor, é cego também, me perdoe, não enxerguei!

Não tive coragem para lhe dizer que não era cego e que também sabia de sua não-existência. Realmente, não pude ver em que direção acabou levando o medo em suas mãos. Porém, fiquei mais satisfeito sabendo que desta vez o medo não sofrera tanto. Quem sabe ele só existe para as pessoas reais?





## KEROUAC vs ALIENAÇÃO

*Em uma aula, há duas décadas, fui constrangido na frente de meus colegas por dois motivos: o primeiro porque era jogador de futebol e, por isso, não poderia ter qualquer conteúdo próprio. Depois, porque um maldito professor insistiu para que eu definisse o que era alienação, não da maneira como eu penso que seja, mas segundo algum pensador oficial que estivesse grafado em um livro oficial. Bom, para não seguir o exemplo de meu “mestre”, deixo para que vocês deem o próprio significado de alienação e das pessoas que dela se nutrem. Eu só sei que nada sei.*

Quando você passa muito tempo andando por aí, você começa a querer ficar amigo de qualquer pessoa que lhe pareça bacana. E a ronda solitária pelo asfalto e poeira te faz, sim, perceber como as pessoas são parecidas e que várias interpretam os mesmos personagens mudando apenas de latitude e sotaque. Porém, andar sozinho por aí é andar conversando consigo mesmo, revisando constantemente o próprio íntimo. Quase todo velho andarilho, por mais bêbado, delinquente e mau-caráter que tenha sido em todos os dias de sua passagem, sabe muito bem que a solidão nos aproxima do deus interior e que este sujeito (que pode ser muitos) sempre nos revela coisas interessantes e sabedorias que carregamos para a vida aqui fora. Conheci muitos sábios ignorantes da própria grandeza em várias caçambas de caminhões podres, espalhados pela América. Será que nasceram dessa forma ou o andarilho-ancião é um tipo de fórmula búdica potencial?

Quando percebia alguém diferente do comum e bem próximo ao meu ideal de “vagabundo iluminado”, olhava para o rosto do candidato à amizade eterna e deixava que ele falasse um pouco, só para ver como que ele se colocava para “o” fora. Gostava mesmo de vê-lo em ação com terceiros, como que tratava os outros. Aliás, um dos hexagramas que mais me atrai no i-Ching é traduzido muitas vezes como “nutrição”, é o de número 27, os cantos da boca. Suas linhas possuem uma simetria especular perfeita. Embaixo o trovão, em cima a montanha. Ele fala do vazio existencial que há entre nosso espírito e o mundo, entre nós e as outras pessoas, entre tudo e qualquer coisa. Esse é o intervalo que o microscópio do homem não consegue se aproximar. Ele só vê a matéria e a sua ausência, não percebe que há um *vitae* espalhado pelo éter que completa a quietude da vida. Perceber como as pessoas alimentam seus semelhantes é entender como estas mesmas personas se alimentam. É preciso olhar para o outro e preencher esse vácuo, é disso que estamos sedentos, é por isso que realmente vivemos. Temos que tirar o pé da lama que nos imobiliza e nos deixa inertes. É preciso ligar a luz do mundo.

Não sei como dizer isso nos dias de hoje. Ninguém mais quer saber de refletir para o dentro. A maioria das pessoas que encontramos aleatoriamente nas ruas não precisam mais pensar. Há uma caixinha com luz, onde um babaca com pose e óculos fala como se fosse o próprio Mercúrio. As pessoas simplesmente se sentem comovidas com o monte de baboseiras que esses espíritos oportunistas divulgam e agora creem que não precisam mais crer em nada, não precisam se dar o trabalho de pensar em nada. Apenas escolher, escolher em que acreditar, como e de que forma. Eu estou farto das ruas cada vez mais cinzas e melancólicas. A vida colorida da juventude parece estar congelada dentro da sala de alguma família nova-rica. E agora

o governo manda até o operário, o chão de fábrica, adquirir sua caixa de Pandora. Dá até subsídios para que o americano que sustenta seu país trabalhando duro, mesmo sendo explorado por patrões impiedosos e sendo humilhado por capatazes broxas, compre sua televisão, o recurso final para a depressão real da ordinária vida cotidiana. Quem dera meus amigos conhecidos nos quintões das vias mais remotas, verdadeiros vagabundos entronizados do paraíso para a proteção dos dessa terra, pudessem correr ao meu lado e as horas de música, arte e literatura, filosofia, religião e meditação pudessem ser vistas e ouvidas por todos os outros que não são vagabundos e que vivem a vida oficial das pessoas da América careta que os protege, prendendo-os a crenças sociais ignorantes e cheias de preconceitos. A porra do indivíduo só consegue pensar por si quando o seu corpo está uma carcaça velha e desbotada, quando não tem nem mais força para falar qualquer coisa e ninguém também quer ouvi-lo.

Quando jovem e forte, com a potência mental e física avantajada, o homem não quer saber desse cimento universal que nos cola uns aos outros e nos deixa de fato existir. Queremos apenas cuidar do nosso quadrado, tijolo, de nossa coordenada. Somos poços imbecis de poder. Arriscamos aos 20 e poucos a possibilidade de ficarmos eternamente congelados e embasbacados com os sons que penetram em nosso terreno. Deixamos qualquer vontade de produção ligada apenas ao bem-fazer para nós mesmos. Não percebemos o quanto é necessário sair às ruas, levar tapa da corja alienada. Só dando a cara a tapa é possível revelar ao ignorante a essência da vida. Somente por meio da resistência pacífica é possível almejar qualquer possibilidade de pensamento verdadeiro e iluminado de quem lhe ataca.

O perverso alienado, em seu mundo de violência física e retórica hierárquica, só enxerga a punição física e econômica

como possibilidade de superego, de freios para os seus instintos e vontades. Assim, quando lhe vem a ordem de um superior (que, em verdade, dele tem nojo) para bater com força na cabeça daquele que perturba o sistema, sua boca enche de saliva e possibilidade de gozo – são os cantos da boca do i-Ching 27 para o funcionário coercitivo do Estado e do capital, que se quebram na mandíbula de sua hierarquia. Porém, se a mosca na sopa simplesmente para no ar e não tenta se desviar do golpe, o imbecil ignorante não sabe mais como agir. Passou boa parte da vida amedrontando, resolvendo todos os problemas dos outros, aterrorizando e ouvindo as clemências de seus sacrificados. Ele só consegue entender a mosca como um filho da puta covarde que foge da luta, pois sabe que irá apanhar. Quando o que normalmente foge faz diferente e lhe oferece a outra face, dando-lhe o manto da sabedoria, o grande poço de ignorância vasculha o vaso pobre e vazio à procura de sua própria essência. Olha para cima, coça o cabelo, vira o pescoço, tenta enxergar alguém que possa lhe dizer o que fazer quando os coagidos agem de forma diferente do que se espera. Ele não sabe, não tinha isso no treinamento. Não tinha por quê, seus treinadores também são parte de uma linhagem de cães treinados não se sabe por quem, mas que responde de forma positiva aos apelos dos outros e não consegue nunca se lembrar de como é possível pensar e construir o mundo a partir de outras formulações, como as próprias. Fico com muita pena quando vejo pessoas que simplesmente aderem a movimentos violentos porque são carentes em si e por si. Queria muito que essas pessoas conhecessem os vagabundos iluminados, que ouvissem jazz pelos alto-falantes das esquinas caretas de Manhattan, que pudessem desenhar nas calçadas seus sonhos e pintar seus desejos nos muros que escondem a passividade. É preciso

nutrir essas pessoas com ideias que criam ideias. Elas precisam criar suas próprias convicções, trabalhar o que há de mais puro em suas essências, recorrer ao deus atômico que tem a garganta fodida de tanto gritar para que a alienação cesse!

Basta!



## KEROUAC vs KAHLO

Fui visitar Old Bull mais uma vez. Ele ainda morava nos arredores de México D.F. Na verdade, vivia em uma cidadezinha colada à capital chamada Coyoacán – um pouco menos urbana que o restante do distrito federal mexicano. Quando cheguei à rua do velho, percebi um clima bastante fúnebre. Algo havia acontecido que deixara uma angústia visível nas pessoas. O rosto de cada um que cruzava o meu caminho me deixava ainda mais curioso para saber o que tinha acabado com a alegria daquela gente. Nunca presenciara a vizinhança de Old Bull tão silenciosa. Crianças sempre rolavam *la pelota*, as mulheres cantavam felizes em seus tanques de roupa e os homens apostavam nos botecos. Dessa vez nenhum movimento sequer, apenas o barulho ensurdecedor do triste e solitário vento a bailar com as folhas ao chão. De repente me lembrei que talvez aquele dia pudesse ser algum dia santo. Os mexicanos daquele bairro eram católicos fervorosos ao estilo deles, sem muita dor, e deixariam de chorar silenciosamente a morte do Cristo ou de algum outro mártir, aproveitando a situação para saudar algo. Quem sabe eu não havia me esquecido de alguma data cristã e por isso aquela ausência de vida. Na hora me veio à cabeça a imagem de mi madre, la santa de Guadalupe. Para sanar qualquer dúvida, fiz o sinal da cruz e continuei a cortar o vazio das vielas simples e empoeiradas do México.



Toquei a companhia uma única vez, mas fiquei mais de dez minutos para ver a cara velha e inchada de Old Bull Gaines. Durante esse tempo, tirei meu espírito para um diálogo franco sobre a morte. Esqueci de qualquer referência ao presente e não me reconheci sequer como um ser humano, perecível e infeliz. Imaginei o jardim celestial como um esforço da mente para continuar insistindo na ideia de existir. Já estava quase alcançando a iluminação quando um rosto bastante conhecido me trouxe de volta do transe. Seus olhos estavam bastante vermelhos, era como se ele estivesse chorando copiosamente há horas. Quando Gaines me viu, pareceu ter ficado ainda mais emocionado e abriu os braços pedindo algum tipo de afeto para a sua dor. Abraçou meu tronco com tanta força que realmente comecei a me preocupar, achei até que algum parente pudesse ter sucumbido e estava sendo velado ali mesmo, naquela sala podre e cheia de seringas usadas. Se não fosse isso, seria alguma coisa parecida.

– O que foi que aconteceu, seu velho tarado? Pare de se comportar como uma freira.

Old Bull, feito uma criança, soluçava sem conseguir pronunciar qualquer palavra sã. Ao seu lado, El Índio, íntimo e fornecedor de heroína, também apareceu com as vistas lubrificadas:

– Jack, Jack, no hable assim con el Toro. Ele está muito, muito triste... ella morrio! – E voltavam os dois a chorar como bebês e se abraçavam e me davam as mãos.

Já estava ficando irritado com todo aquele dramalhão de rádio. Ambos viram a minha confusão e logo me pediram para entrar na casa. Estava louco por uma explicação e quase voltando para Nova York de tão puto. Gaines se recuperou e com a voz ainda embargada pôde me explicar toda aquela cena. A delegación de Coyoacán estava completamente arrasada pela misteriosa morte de sua mais majestosa dama. A doña da Casa

Azul, Frida Kahlo, estava morta e ninguém podia fazer nada. Old Bull já havia me dito uma vez que, quando se mudou para o México, na verdade, procurava estar perto de Kahlo. Ele acompanhara suas exposições havia muitos anos e ficou completamente apaixonado pela artista. Não duvido de isso ser o real, afinal ele sempre tinha impulsos loucos e compulsivos, não me surpreenderia que tivesse algum plano para seduzi-la.

Na última vez em que eu o tinha visitado, ele me contara de suas tentativas de aproximação com *la mujer más caliente del Mexico*. Quando consegui me mostrar quem era a mulher que havia feito ele viajar 5 mil quilômetros, fiquei completamente pasmo com o quanto feia era aquela figura. Entretanto, quando pude me aproximar e ouvir sua voz, talvez possa ter entendido por que ele tinha se apaixonado por tão estranha estética. Era forte e decidida. Quando a encontramos, dava uma aula de pintura em um dos pátios da escola. Mancava muito de uma das pernas e seus cabelos estavam quase todos grisalhos. Seu corpo se contorcia de forma antinatural, ainda assim sua sensualidade podia ser sentida de longe. Mesmo com um olhar masculino, a postura de seu corpo denotava um fogo irresistível. Segurava sempre um cigarro entre os dedos e seus olhos permaneciam baixos como se estivessem antes olhando para dentro de si do que para qualquer coisa nesse mundo. Para completar, usava vários adereços que faziam aquela mulher se destacar como nenhuma outra. Vestia uma saia lindíssima, com temas hispânicos. Na cabeça, flores e apetrechos. Nas mãos, um abanico flamenco para espantar o calor. Realmente, ela compunha uma verdadeira história em seu próprio corpo. E não foi diferente de sua vida artística. Quando retornei a Nova York naquele mesmo mês, pude ver algumas de suas obras e também, por que não, me senti apaixonado por aquela mulher, filha de um alemão com uma

mexicana. Um achado da natureza que construiu sua obra em cima da própria angústia, dos próprios atropelos de seu corpo. Ainda hoje me recordo das últimas palavras deixadas por Frida em seu diário: “Espero que minha partida seja feliz, e espero nunca mais retornar – Frida.”

Agora, não sei se choravam por sua morte ou pela forma como se foi. Talvez ela não possa ser mais uma santa, talvez apenas uma mulher. E tomara que Deus não a coloque de volta neste mundo.

## KEROUAC vs KING JR

Eis que um negro forte vem andando em minha direção e parece furioso. Suas passadas são largas, ele está a mais de cem metros da mesa que eu ocupo. Vem concentrado, cabeça baixa e o tempo todo sendo jogada para um lado e para outro, grandes passadas, pisadas fortes. E vem dizendo consigo mesmo algumas palavras, frases, salmos em voz baixa e focada. Eu estou bêbado e solitário em um canto do Brooklyn, um buraco frequentado por negros e latinos, o lugar ideal para quem ainda curte a parada de verdade. A vida por aqui não é mais beatífica como antes, precisamos ficar descobrindo momentos como esse, lugares como o Moe's ou pardieiros ainda mais obscuros, onde a luz não penetra confortavelmente – eis a busca da flor de lótus no lamaçal.

Esse sujeito que vem andando parece que irá me dar a maior bronca da história. Sua imagem é intimidadora, ele já está com a razão, aliás, deve estar mesmo com razão. Só eu mesmo que não sei qual é a dele. De repente, o sujeito levanta o dedo e começa a falar como um louco que eu estava transformando tudo num oásis do demônio, que eu tinha desrespeitado o Senhor Jesus Cristo, que eu era um aliado dos infernos e que espalharia a praga sobre os Estados Unidos. Esperei que ele terminasse sua fala, mas o danado do homem ficava falando, pregando, exorcizando. Nunca vi tanta fé na espiritualidade – ou talvez ele fosse um feiticeiro ou um xamã que para nós, leigos, quando os vemos com suas bíblias debaixo do braço e ouvimos seus

cânticos e agradecimentos pelos cantos da cidade, são apenas crentes em busca de gado e grana.

Todavia, eu não quis me esforçar nem um pouco para poder dizer alguma coisa para aquele sujeito, achei que aquilo tudo era muito deselegante e por alguns instantes imaginei se aquilo não era alucinação de bebida. Mas ele continuava e falava e eu ouvia. “Senhor K., você é o responsável direto pelos pecados que estes jovens estão cometendo. Quando me falaram que você estaria por aqui, não tive qualquer medo ou temor, vim com Deus ao meu lado e vim falar aqui na minha comunidade, que sujeitos como você serão banidos quando vier o Elias.” *Oh meu Deus*, pensei, o que fui arrumar para esse cara ficar assim tão furioso. Imagino que sua filha deve ter fugido de casa com algum fã de Cassidy ou coisa parecida. Além de ter acabado com tudo que fosse beat, ainda me culpam pela desgraça em suas famílias.

De repente, um outro negro, agora com suavidade em suas expressões, se aproximou de nós. Sua voz era macia e seus olhos transmitiam certa pacificação. “Ei, amigo, não liga para ele, está exaltado, acaba de perder o filho.” Tudo bem, respondo, só queria um pouco de educação da parte dele. Apesar da chegada do amigo, o homem furioso ainda continuava a movimentar loucamente sua bíblia e a gritar para espantar os demônios. Se ele fosse um padre católico já tinha me jogado água benta na certa. “Meu nome é Marty, pastor King Jr, prazer.” “Pelo jeito você sabe quem eu sou, mas tudo bem, meu nome é Jack, demônio K.” Ele riu. O outro havia parado de dar seu show histérico e agora chorava no ombro de uma “irmã” que veio em seu socorro.

– Senhor King, eu não sei o que eu fiz, mas lhe digo que estou muito longe do inferno, pelo menos daquele que fica nas profundezas. Porque no da vida real e absurda, eu sou o seu mensageiro e vivente. Ah, isso eu sou! Tenho certeza de que trouxe

muito mais coisas beatíficas do que desordem e loucuras, mas... “Tudo bem, Jack, disse King, os caminhos para a vida eterna são vários. Cada um produz a própria senda, não há como lhe culpar de nada, realmente, ele estava muito emocionado.”

Eu gostei daquele sujeito. Ele me explicou com o seu sotaque sulista algumas coisas, digamos... sobre a sociologia espiritual, disse que era preciso unir a América em torno do espírito de liberdade e da verdade, mas que todos deveriam ter direito a isso e todos deveriam trabalhar por isso, incessantemente. Não apenas os brancos, cristãos, adultos, mas negros, crianças, mulheres, velhos e mesmo os homossexuais e alcoólatras, “somos todos irmãos, fazemos parte da mesma família. A cor da pele e a origem são meros detalhes com que temos que lidar nesta vida, eles não dizem a verdade.” Entendo, afirmei com a cabeça, isso me lembrou muito alguns ensinamentos orientais, acho que talvez seja isso mesmo, quando eu tentei dizer alguma coisa para esse bando de estrumes que é a maioria das pessoas que não quer pensar, disse com os meus escritos, que não importa a viagem ou quem é o viajante, o que importa é o caminho e se há alguém em trânsito. Qualquer roupa que eu vista é apenas pano, um pano diferente para cada dia, um corpo diferente para cada vida. É tudo transitório mesmo! Dessa vez fui eu quem se exaltou. Não sei se ele concordou com o que disse, acho que não iria acreditar em reencarnação, destino, mas pelo menos respeitou minhas palavras e se despediu, foi em auxílio ao amigo. Homens como esse que fazem a América. Porém a hipocrisia e a pequenez ocidental nunca irão deixar sua voz ser ouvida. Oxalá haverá dia sobre essa terra em que um negro terá força e suavidade para falar aos nossos ouvidos sem que seja aos berros, desesperado de dor e todas e todos, de bom grado, prestaremos atenção ao seu discurso como crianças aos pés de seus pais.



## KEROUAC vs COLTRANE

Acabo de chegar em casa e estou levemente entorpecido pelo paraíso. Nova York vive um verão intenso, tudo é suor e loucura, as mulheres, os bêbados e os poetas confraternizam pela madrugada alucinada da Grande Maçã, dançando o *bebop*, escutando os anjos entortarem a realidade em suas harpas de sopro. Minhas mãos não compreendem adequadamente os pensamentos que emergem do vale sombrio, eles escapam e voltam e dizem ao meu ouvido como se não fossem meus e, por isso, sinto-me tímido e não me importo em desenhar suas letras mortas no papel deste diário desgastado e febril.

Mas o paraíso não é marrom, nem branco ou colorido. É abstrato, efêmero e forte. Contempla a paisagem do meu espírito como se viesse do próprio *atman*. Laurien dorme chapada ao meu lado e o sol insiste em querer acabar com este dia que nunca deveria deixar de existir. Enquanto houver saliva em minha alma irei lembrar quando vi as trombetas celestiais entoando cânticos em favor da humanidade, em favor dos loucos que vivem fora dos hospícios oficiais e convivem com a insanidade da sociedade perfeitamente imperfeita que pintam todos os dias na TV e nos jornais, principalmente nos jornais. Sendo mais objetivo, antes mesmo que eu me perca em devaneios, hoje, por sorte, apertei a mão de um iluminado e minha alma se tornou completa.



Laurien andava meio encucada esses dias, imagino que esteja insegura quanto a minha proposta de firmar a vida depois do *Livro* ser publicado – a previsão é que no máximo no outono ele já esteja nas livrarias e agora mesmo, daqui a uma semana, saia do prelo. Não quero ser mais apenas um perdido, quero poder sentir cócegas nos pés e respirar um saboroso café da manhã preparado em minha cabeça, pensando em alguém que tenha dormido ao meu lado a noite inteira. Se não me ativer aos motivos deste depoimento, irei esquecê-lo por completo quando acordar e meus olhos insistirem em me trair. Para poder cortejá-la de uma maneira mais nobre e poética, vesti minha melhor camisa de botões e a convidei para um jantar romântico no antro da burguesia – Coach House. Gastei várias saídas em menos de duas horas de uma vida que, no fundo ou no raso, não penso em ter. Foi bom, mas Laurien não me disse nada. Fomos embora pela Times Square felizes e vagabundeando sobre o mundo e as coisas que poderíamos fazer quando fosse um escritor de sucesso. De repente, enquanto falávamos sobre nomes eslavos para os nossos possíveis filhos, escuto meu sobrenome ser gritado no meio do trânsito leve do início da madrugada. “Hey, Jack, venha conosco, Monk irá começar agora o show no Five Spot.” Eram Allen, Corso e mais um sujeito que provavelmente estava se metendo com eles.

Não pensamos muito e entramos logo no Buick 49. Sempre enchia muito o saco de todos dizendo que Thelonious é o maior, o mais sincero e sensível de toda essa geração de deuses do jazz. Todavia, não esperava chegar à conclusão nesta noite de que Monk não passa de um súdito na hierarquia músico celestial. Um negrinho de olhos expressivos e cheio de raça comandava a adaga divina que amordaçou por mais de duas horas o meu enfermo e carente coração indisciplinado.

Coltrane, John Coltrane, esse é o seu nome. Sei que já havia ouvido falar dele como integrante de alguns outros projetos, porém foi difícil acreditar que a perfeição não está no centro, mas ao lado. O som que enobrece seu sax tenor é destemperado e perfeito, breca, mas ainda assim emite melodias, é o paraíso que qualquer droga não pode me dar. Imagino que ele nunca irá se lembrar do branquelo que fez questão de compará-lo a um deus egípcio, que insistiu em apertar sua mão divina. Estava em êxtase o sujeito, olhava nos meus olhos, mas enxergava de fato os próprios pensamentos e sensações – uma dádiva que tento alcançar, porém os demônios do meu *karma* impedem que o nirvana chegue nessas bandas. Ao menos me alegro e tento me animar para o resto com essa dose de harmonia e perfeição. Não vejo a hora de procurá-lo nas lojas de vinil. Peço a Deus e a Morpheus que me embalem em sonhos suaves e contínuos, em imagens alucinadas e descontínuas da perfeição. Bom dia, paraíso.



## KEROUAC vs BAKER

Chet, Chet, Chet... mil vezes Chet! Nunca vi algo tão louco portar tão bem a porra de um trompete alucinado feito um deus no topo da montanha mais alta da imaginação sonora. Seu cool jazz me fazia alucinar, suas frases enlouquecidas me tiravam do cérebro. Um puta mentiroso esse maldito! Um grande beatificado esse cadavérico artista das estrelas. Sua música inundou Nova York de inveja, ninguém acreditava que um branquelo banguela poderia comandar tão bem o ofício da negaiada. Davis até tentou esconder seu espanto, mas ninguém mais do que ele mesmo foi capaz de reverenciar o diabo louro do oeste.

E depois de uma noite incrível de Jazz e whisky fui apresentado ao promissor Chet como um promissor escritor do leste. Estava de passagem pelos arredores de L.A., era uma segunda-feira fodida em que eu e o pessoal não tinha porra nenhuma para fazer e surgiu a idéia de visitar um bar que ficava nos arredores da cidade. Era um porão que abria as portas para o Jazz toda segunda. Acho que era nesse dia por que ninguém iria querer ver esse tipo de coisa acontecendo no fim de semana. Tinha uma galera bacana em Los Angeles que odiava qualquer coisa que vinha dos negros e esse pessoal não tolerava qualquer citação a eles. E nós como éramos loucos por tudo que saía da alma negra, íamos onde ela estivesse.

Pete me pegou pela gola e me levou para um canto onde um pessoal puxava um fumo. A princípio achei que essa era a nossa intenção, mas de repente percebi que ele queria me apresentar ao altão louro e banguela que falava sem parar de seus feitos.

– Hey Chet, esse é Jack, o cara que eu te falei!

– E aí? – Baker estendeu a bagana na minha direção e me ofereceu o baseado. É claro que aceitei na hora e antes de responder o seu cumprimento, mandei a fumaça para o mais profundo do meu corpo e ainda com ela estocado no meu peito respondi:

– Cara, você manda como os negões da costa leste. Tem um pessoal lá que não irá acreditar quando eu falar que vi alguém ao nível do Parker e do Davis.

Acho que ele não se sentiu muito à vontade com a comparação, pois praticamente ignorou o que eu disse e se virou para um outro cara que ali estava. Porém, antes de sair dali, ele me disse que depois queria continuar a nossa conversa. Eu apenas abanei a cabeça e passei o fumo para o próximo. Pete ficou meio envergonhado, mas eu logo acalmei a sua ansiedade e pedi para ele relaxar. Já estava acostumado com essas pretensas estrelas, eu mesmo era uma delas, afinal.

Acho que nunca mais a gente se falou direito, apenas na Europa em 61, mas passei a anunciá-lo por onde for que eu fosse. Acho que sentia uma energia estranha que rolava em mim e que não sei exatamente porque, via que tinha naquele cara. Penso que devia ser o caso de eu ver nele algo que eu nunca pude ser, um branco tocador de jazz.

Ao longo da década de 50, quando Chet chegava a NY, eu fazia questão de levar o pessoal para ouvi-lo, mas o meu orgulho nunca me permitiu muita aproximação. Na verdade, tinha medo dele sair de fininho como da outra vez. Acho também

que o filho da puta ficou ofendido de eu dizer que ele tocava como os negões. Um mané orgulhoso de uma figa que se achava um deus. E por que não? Talvez fosse mesmo, um daqueles sopros divinos que descem ao inferno para se deprimir e instigar aos simples mortais na mais pura arte das estrelas.

Quando eu já tinha me transformado em um escritor célebre, tive um encontro com o maldito na Europa. Naquela época acho que tanto eu quanto ele estávamos mais a fim de nos enlouquecer do que falar com as pessoas. Assim, numa festa de uma bicha italiana que vivia em Paris tivemos a honra de dividir a mesma agulha e ficarmos soltos por umas horas, investigando cada um a alma do outro. No início havia ainda uma moçada, mas de repente só sobrou o nosso papo alucinado, cada um falando arrastado e desorientado sobre si e também de como as pessoas e a imprensa nos deprimiam. Chegamos a conclusão que o melhor mesmo era entrar cada vez mais para dentro e esquecer que existe algo ai fora. Ficamos ainda mais deprimidos e percebemos que sim, havia algo entre a gente, mas era tão pesado que o melhor seria cada um esquecer o outro, como se esquece do que acontece num porre de vodka.



## KEROUAC vs BUKOWSKI

Na América, quando você acha que é o único que está percebendo alguma coisa, se sente como se fosse um rei. As mulheres deixam de ser misteriosas, as ruas são iluminadas por cada passada que damos e qualquer fodão que aparece na sua frente se transforma num verdadeiro otário. Todavia, quando você descobre que tem um monte de maluco pensando da mesma forma, de duas uma, ou você pira de vez e se entrega ao deserto, ou então se alia a eles.

Em fevereiro de 53 estava completamente duro e muito longe de qualquer lugar seguro. No meio do deserto, indo para o oeste e fugindo alucinadamente de Denver – por que alguém disse a alguém que eu estava tendo encontros com a garota de outro alguém. Esse último resolveu fazer a prova dos nove e acabou acertando o resultado. Consegui sair do hotelzinho ferrado do subúrbio com a cueca na mão e uma blusa de algodão. Por pouco não tive meu corpo perfurado. A menina, Ella, parece que recebeu sua punição e continuou feliz ao lado do marido, o *grande papai gordo*.

Indo na direção do deserto, ainda de madrugada, consegui algumas roupas que estavam num varal alheio e pude me cobrir adequadamente para tentar uma carona. O coroa que parou o carro me levou para uma cidadezinha pequena, conhecida como a meca dos caminhões do Colorado, Wingtown. Ficou ali descrevendo cada tipo de máquina que pôde ver nas mais



de tantas feiras que acontecem duas vezes ao ano – “uma na primavera, uma no outono”, dizia. Eu estava completamente alucinado de fome. E ao mesmo tempo, sem ideia até para pensar em qual comida poderia desejar. Fiquei esperando que o puto falasse alguma coisa que ligasse a comida, mas não. Acho que nesse esforço de não ouvi-lo com convicção, mas com esperança, ele não gostou muito do meu cheiro, pois continuou a viajar, mas não me levou junto. Quando paramos perto de um posto de gasolina fui dar uma mijada e na volta o velho já tinha partido. Dali consegui uma carona até Mont Daily e lá encontrei, pela terceira vez na minha humilde e miserável vida, o sujeito mais parecido comigo e com Dean ao mesmo tempo. Veja bem, ele não se parece comigo, ele não se parece com Dean, ele só se parece com um amálgama. Muitos vão ler isso como se fosse uma loucura, porém é a mais verdadeira das alucinações. Esse cara é tanto eu, um literato que observa a vida de forma delirante e diletante, e ao mesmo tempo, possui a selvageria e a atração fatal pelo malfeito e pelo sexo a todo custo, os mesmos princípios do prazer que pulsam no maldito Dean Moriarty. Também é um poeta, também é um sujo, a porra de um maldito como nós dois. Entretanto, por ser a nossa junção, acaba que não consegue ser nenhum de nós dois, é incompleto, asqueroso, teimoso, louco.

Ele estava na fila de empregos para uma lavanderia na cidade. Eu também estava ali porque tudo parecia sem qualquer sentido, queria logo poder voltar para o meu quarto de proletário em Ozone Park. Estava de saco cheio de ser o maior andarilho da América. Logo que entrei, ele me viu, mas fez questão de se aborrecer por encontrar alguém conhecido naquelas bandas. Fechou a expressão e ficou em silêncio como se eu fosse uma alma penada, como se eu não estivesse ali.

O desespero que assolava aquela ânsia pra sair daquela cidade em que todos os mendigos do mundo podiam ser carregadores, escravos contemporâneos do fodido dólar que vão receber no final da semana. Isso me fez ter a visão de alguém que, sem quaisquer perspectivas no estrangeiro, quando encontra algum conterrâneo, sente-se fortemente associada a este, mesmo que na convivência preterida, na terra própria, isso tenha sido um desgaste. Assim, no meio de tudo aquilo, encontrei forças para vencer meu orgulho e lhe dirigir a palavra.

A última vez em que nos encontramos havia sido de certa forma tensa. Uma de suas garotas estava de caso com um chapa meu e ele quis resolver a sem-vergonhice dela no tapa. Quase tive que ser indelicado com sua pessoa. Por bem, acabamos todos bêbados e ouvindo bebop em LA. Henry é um grande poeta que poderia se dar melhor do que qualquer um pois, já havia perdido qualquer pedaço de compaixão pelas outras pessoas e, por isso, não dava a mínima para ser ou não ser reconhecido em todo o país (o meu caso-desejo, por exemplo). Sentia-me um menino quando percebia que meu objetivo era ser lido e Henry verdadeiramente cagava pra isso. O dele, na verdade, era ter um pouco de grana para continuar bebendo e apostando nos cavalos.

Seu comportamento em relação a mim sempre foi “na ofensiva”. Digamos que “pesava”, na tentativa de se colocar na rédea da razão em um bate-papo ou discussão. Ele logo fingiu que não estava me reconhecendo bem e foi inadvertidamente mirando para o meu bolso da camisa (que havia roubado do varal em Denver). Acenou com a mão e me chamou como quem chama uma garçonete bonita. Estávamos separados por umas oito pessoas que também tentavam o emprego.

– Olá, como vai, senhor iluminado?

– Ah, para com isso, Henry Sujo. Isso foi papo de maluco, estávamos todos em outra dimensão... Hehehe.

– Não sei, Jack, mas penso que, em determinados estados mentais, somos mais sinceros e divinos do que quando sóbrios. Tem um cigarro?

– É, pode ser. – Fui tirando um pouco de fumo do meu bolso e pegando um papel para enrolar. Já ouvi dizer que alguns mexicanos tentam alcançar alguma coisa consumindo peyotes no deserto.

– Bom, não me importa. Pelo menos até agora isso só se parece com conversa de bêbados! O que um poeta como você está fazendo perdido no meio do nada, e ainda procurando emprego?!

– A história é longa, mas talvez sempre a mesma. Chega uma época em que o homem cansa de vagar e precisa se recolher em sua caverna.

– Entendo... – ele dá uma tragada, aperta os olhos, mira na direção que me ultrapassa.

– Sabe, eu também estou farto dessa vida ordinária. Já até pensei em colocar uma pedra no meu pescoço e deixar Deus decidir por mim. Porém, eu sei que essa não é a solução, ainda quero que alguém possa descobrir as minhas sacanagens e chocar essa gente babaca com as sujeiras da minha cabeça.

– Olha, sempre achei que você não tivesse um propósito na escrita. Vejo que tem mudado suas posições. Quer ser famoso agora?

– Não, meu caro. Muito longe disso, penso em destruir aqueles que almejam ser alguma coisa. Pois tanto eu quanto você sabemos que quem *é* não precisa de ninguém para falar que *é*. É e simplesmente é, basta.

– Tudo bem, mas destruir...

– Ridicularizar, fazer desistir, humilhar os sentimentos

da pessoa que acha que essa vida só é alegre quando tem alguém babando o seu ovo. Jack, quer saber, quero ficar aqui porra nenhuma, vamos tomar uma cerveja na biosca ali do lado? Amanhã, a gente entra de novo na fila. Vai ter sempre um filho da puta precisando de um burro de carga que precisa de um filho da puta para continuar sendo um burro de carga.

– Pô, não vai dar, quero esse emprego. Preciso me mandar para Nova York.

– Então a gente se vê! Será que você não me arruma mais um desses?

– Claro, serve aí, aqui tem papel também! Falou, até a próxima.

– Ok!

E de lá saiu o maior viciado em bebedeiras da América. E eu fiquei esperando a vez de me chamarem e trabalhei ali duas semanas, o suficiente para juntar dinheiro e voltar para casa. Henry apareceu em outra noite, estava completamente louco e sublime, nunca vi alguém tão bêbado conseguir cantar a mulher mais linda da cidade com tanta facilidade. Quem me dera ser assim!



## KEROUAC vs ESPINOZA

Na mais louca de todas as cidades, encontrei meu esplendor. Minha inquietude se inicia quando me pedem para escrever seu nome em um papel. Digo a eles que a grande cidade são todas, são todas as coordenadas que meus pés e meu espírito habitam no aqui-agora. Lowell, Frisco, NY, LA, Mex. City e centenas de milhas de asfalto e poeira compõem a imensa e inigualável vila que percorro abundantemente há anos.

Na física em que me desencontro, não há espaço, somente um tempo relativo, um envelhecer dos ossos e das posições flexíveis. Percebo por toda parte, pelos olhos dos meus vizinhos de estrada, que o melhor para todos é que o silêncio e a inércia continuem salvaguardando o ordenamento cotidiano. Assim, particularmente, não sei afirmar se existe realmente um lugar ou se tudo que existe são lugares, uma unidade, impossível de ser vista ou medida, apenas teorizada. Assim, percorro não com os pés, mas com o espírito os dias, transcendendo ao real para conseguir botar alguma coisa em ordem e não acabar me dissolvendo em uma ponte.

As fronteiras continuam mesmo que falhem nos mapas. Elas são inseparáveis e se envolvem eternamente. Mas, mesmo existindo, são ordenadas pelas aparências, ritualizadas, uma farsa, ilusão. Não há acidente geográfico ou tratado que possa realmente afirmar se um muro ou um penhasco realmente separa as almas de distantes coordenadas que bailam

sobre a Terra contínua, constante e absolutamente ao mesmo instante, em uma coreografia intensa e saborosa, recheada de vigor e beatitude. Se você consegue se separar, então me diga com exatidão onde eu termino e o mundo começa, onde meu pensamento é quebrado, segmentado e, enfim, se torna alvo para controle e padronização.

Por um forte acaso a aparente babel se formou, mas qualquer teoria que tente equiparar, classificar ou desclassificar grupos, glebas humanas, demonstra-se, de início, falha. Somos porções oceânicas, talhadas sobre a aparência carnal, recheados de água e vaidade. Somos bolhas aquáticas que caminham cegas pela crosta, encrostadas em velhas incertezas e medos contínuos da maré e do malefício. Não existem limites, muito menos soberanos, menos ainda donos de si. É com pesar e tristeza que acompanhamos o homem tentar em vão separar sua vida da do outro, requerer sua individualidade através da convenção: você finge que é livre, enquanto acredito que sou autêntico.

E a chave para todas essas respostas, o estopim para que todos possam entender de vez por todas que estamos imersos na mesma geleia, atende por um nome, morto como toda palavra, mas sempre vivo em seu resultado prático: a música é aquilo que comprova a unidade. Tente não ouvir o mundo, impossível. Mesmo os surdos escutam seu coração. Mesmo os surdos ouvem seu próprio orgulho gritando do seu interior, reivindicando lugares (que não existem), frustrando perspectivas (que não se realizam).

Hoje, minha casa é a estrada e meu veículo é a onda sonora que acompanha os passos de toda essa gente que se move e se furta junta, que vive, morre e revive continuamente, sem que haja qualquer percepção de que não há dentro ou fora, mas um constante dentro e fora, unitário e fragmentado, unido pela certeza do que se vê e pela a ilusão do que se olha.

Salve a imanência! A distância entre o céu e a terra é feita de infinitos vazios que não permitem rupturas, entretanto criam palavras que se separam por regras, significados e espaços.

Não há vazio porque só há vazio!

Não existem palavras, pois são todas desenho!





## KEROUAC vs O AMADURECIMENTO

O mais interessante dessa vida é poder olhar para trás e ver como as coisas já não são mais as mesmas. Não é aquela balela simples de falar sobre como a vida muda, como as pessoas se transformam ou como as coisas eram diferentes quando você tinha vinte e poucos anos. Falo mesmo é de como o meu arrançamento para a própria existência deixou de seguir um ideal que em outro tempo parecia ser a única estrada a perseguir. Não nego esses sentimentos que habitavam em meu espírito no passado – a sensação quente de poder querer compartilhar a vida com qualquer coisa, lugar ou pessoa e dali tirar um proveito momentâneo ou duradouro. Só que, no agora, essa operação já não tem mais que ser resolvida. Não cheguei a uma conclusão sobre aquele período, mas acho que, na verdade, o resultado não importa ou, pelo menos, nunca se revelará como se espera.

Parece que há mesmo algum tipo de programação em que o calejar do tempo vai batendo como se fôssemos uma espécie de escultura a ser moldada e, naquele momento, a mão ou o joelho tinham, sim, esse formato impregnado de coletivismo e busca. Porém, agora a machadinha já não tem mais a disposição para quebrar a vida do mesmo modo, nem eu, hoje, construiria uma peça com esse formato ou

dimensão. Foi assim, do jeito que tinha que ser, naquelas mesmas intenções e intensidade. E ao mesmo tempo que admito que não faria determinadas coisas, assumo também que não me arrependo exatamente das rodas que fui capaz de mover com minhas ações, palavras e pensamentos. É um paradoxo que vale o entendimento sobre a vida. Não faria de novo, não me arrependo do que fiz. Sou forçado a crer que o que restou daquilo é o que pude ser e fazer; e negar isso seria ir de encontro à riqueza de uma vida, como a de qualquer outra pessoa ou bicho ou coisa. O presente é, sim, o resultado do passado, por mais que isso possa atormentar as almas cristãs e aquelas que temem o *karma*.

Lembro de quando o que eu menos valorizava era a tradição e tudo aquilo que pudesse passar por ela. Família, hábitos sociais, moda juvenil, tudo isso parecia uma espécie de tormenta e não havia por que idealizar outra coisa que não fosse o contrário disso. A mim era quase impossível querer seguir adiante como havia sido imaginado por meus pais, pela minha cidade, pelas pessoas que tinham a minha idade. Era um suplício ter que me vestir de tal maneira para estar em tal lugar. Usar tais e tais expressões para parecer simplesmente integrado com as pessoas e as coisas. Era um tempo difícil para mim e também para aqueles que acreditavam que as coisas deviam andar dessa forma. Não conseguiam achar qualquer graça no meu modo de vida e a mesma coisa eu pensava deles e do que queriam para a minha experiência naquele momento e no decorrer da estrada. Sofri internamente a tormenta de querer me libertar de algo que parecia claramente uma amarra, mas que, pra vencê-la, não seria como deslizar no gelo. A vida enquanto se é mais jovem, para os olhos de quem não está ali dentro, parece ser de uma sutileza que não se encontra entraves. Entretanto, não! Não é fácil habitar o mundo quando se tem por dentro uma sensação

de inconformismo até mesmo com a própria juventude e com os caminhos que a ela se reserva na sociedade.

Durante muitos anos, a expectativa ideal era viver de lugar em lugar, de pessoa em pessoa, de momento em momento. O máximo era poder gastar horas de vida em meio ao inesperado e torto. Olhava com admiração para mim e via que eu era especial, não porque quisesse algo exatamente especial, mas por tentar viver cada segundo como se fosse mesmo aquele segundo e não uma mola para um outro tempo. Como disse no início, não nego que seja assim para alguns e assim o foi para mim também. O que aponto, na verdade, é que aquilo valeu e vale daquela forma para aquele tempo. Hoje, já não me reporto à vida dessa maneira. Não sonho mais em viver em uma espécie de clã; não desejo mais ver passar pela minha cama a quantidade de pernas que já passaram, nem andar por aí, simplesmente, sem rumo. O caminho, sim, o caminho sempre será percorrido. Entretanto, nem sempre o veículo e a paisagem serão os mesmos eternamente.



## KEROUAC vs LENNON

Em 62, fazia uma viagem pela Europa, mais especificamente por Hamburgo, na Alemanha Ocidental. Numa noite “daquelas”, encontrei um sujeito que iria se tornar muito famoso pouco tempo depois. Ele tinha uma dessas bandas que perverteram o bebop. Só guitarra, só guitarra. Apesar dessa tristeza, minha dor podia reconhecer que aquele mundo infeliz dos anos 60 precisava mesmo daquele tipo de imbecilidade estridente. Tomamos nossas coisas e ficamos altos. Disse a ele que todo mundo que fizesse sucesso nesses anos de transformação iria perecer, que tudo acabaria num piscar de olhos. Nada iria durar, porque nesse mundo tudo é impermanente e o que estavam fazendo com as coisas de verdade era simplesmente ridículo. E que muitos, como eu e como ele, viriam para acelerar essa maldita transformação, e todos nós iríamos ter que enfrentar os nossos deuses (e demônios) pessoais, pois a vontade seria a de voltar correndo para o bom e velho paraíso de onde a gente nunca deveria ter saído. Acho que ele não ficou muito assustado, seus olhos brilhavam (claro!), mas não era um brilho totalmente artificial, senti mesmo que aquele papo tinha um quê de iluminado, uma legítima conversa beatificada – algo que há muito tempo não conseguia ter nem com um gato, que dirá com um macaco falante.

Alguns meses depois, em Nova York, recebo um telegrama que dizia: “Você fodeu a minha vida. Agora não tem mais

volta. Shiva domina a minha alma e a única coisa que eu posso fazer é seguir seus conselhos. Até agora não sei se esses conselhos são os seus ou os dela.” Fiquei um pouco atônito com aquela correspondência inesperada. Não que ninguém nunca tivesse me escrito dizendo o quanto eu havia transformado sua vida, o quanto eu a tinha libertado das mentiras hipócritas da sociedade e como meus livros tinham dado liberdade e sentido aos seus atos e toda aquela baboseira que a gente sempre ouve por aí. O lance é que nunca havia lido alguém tão consciente de sua própria missão em tão pouco espaço. Ele sabia quanto seria dolorosa sua existência e a dor era para todos. Eu sabia que ali por trás havia realmente uma alma beatificada.

O que mais me surpreendeu é que, meia hora depois, outro telegrama chegou para mim. Nesse vinha assinatura e endereço de envio. “Saí da minha vida besta na beira do cais e hoje sou um soldado da luz, beatificado pela vibração da minha luta e eternamente condenado a sentir a dor das pessoas sob os meus olhos. L. J. Serviço de Mensagens Mirage Hotel, NY. 8 de fevereiro de 1964.” Bom, o jeito era esperar mais um pouco e ver se outra carta chegaria. Claro que não chegou. No dia seguinte, liguei a TV e aquele mesmo sujeito que eu havia encontrado em Hamburgo estava sob a luz dos holofotes, com uma guitarra em punho e cantando sobre o amor para um monte de meninas histéricas, loucas para tirarem suas roupas e ficarem à vontade. Não aguentavam mais ser como suas avós e não queriam que suas filhas tivessem mães como as delas, muito menos pensavam em maridos como seus pais.

Vi todo aquele sucesso que o acompanhava como algo que já havia me perseguido. De certa forma sentia em mim uma angústia por conseguir perceber com exatidão a dor que viria a seguir, com a decadência. Quando um beatificado percebe que o barco em que navega não está sob o seu controle, a angústia

da alma assola a sua vida e todo o colorido da existência se transforma em meras cenas do pretérito. Os corpos, o sorriso, a loucura e a alegria da juventude, tudo estava sendo recriado novamente através de acordes e comportamentos alucinados. A alma do mundo estava mudando da pior forma e eu, como ele, tinha servido de fantoche para muita gente infeliz que só via resultado na fama, no dinheiro e no poder. Uma pena. A única coisa que eu gostaria de poder ter dito àquele garoto é que realmente amanhã nunca se sabe. Por isso, qualquer glória ou honra dada nesse mundo é como a espuma do mar, é inconstante, impermanente, aparece, desaparece. A vida na verdade é outra história. Não essa que insistem em contar todos os dias, não essa que nos encanta e nos faz sorrir com os produtos da vitrine, não essa que fingem nos oferecer recheada de morangos mofados de luxúria e hipocrisia.

Pouco tempo depois, no auge da fama de Lennon e seus amiguinhos, Neal me veio com uma teoria. O velho maldito me disse certa noite quando estava bêbado como um gambá: cara, eles roubaram a nossa vida, roubaram nossa música e, para piorar, além de pegarem todas as mulheres que ainda nos sobravam, usam o nosso nome. Eu apenas sorri e pude compreender por um instante que Neal não estava certo ou errado. A questão é que nós éramos apenas o meio. A energia *beat* dos santos sagrados passou por nós e colou neles. Agora era a vez de os Beatles contribuírem antropofagicamente como oferenda para Shiva, o deus mor da renovação/destruição. Eram eles os verdadeiros beatos daquele momento. Mas até quando conseguiriam oferecer a outra face? Até quando...





## KEROUAC vs MORRISON

A nossa cabeça é completamente caótica, uma enorme pilha de contradições. Tem dia em que acordamos e achamos tudo bonito, sublime, qualquer aporrinhção é relevada com um sorriso, até mesmo os garotos chatos da rua são apenas meninos se divertindo com o gato. Todavia, existem aqueles dias em que parece que Deus pregou uma tacha descendo dentro da nossa cabeça. Os olhos ficam quentes e qualquer distúrbio à individualidade ou vontade é motivo para mandar todo mundo se danar. Até mesmo em ocasiões favoráveis ao sujeito, quem acorda assim acaba arrumando confusão.

Uma vez vi um homem ser banido de uma fila de esfomeados porque não entendeu que era a sua vez de pegar a comida. Era bem cedo e o cara tinha dormido ali mesmo, desde a noite anterior. Encheu tanto o saco dos voluntários que acabou levando um pé na bunda e ficou com a barriga vazia mais um tempo. Nossa maneira de agir na realidade, usando o instinto como guia inicial, não tem qualquer fundamento *a priori*, é só ação, sentimento e emoção. Um ou outro mais esperto consegue se controlar melhor, mas a maioria age no impulso e só depois (às vezes) consegue medir o tamanho da burrada que fez. Eu sou um desses sujeitos que só pensam muito depois do ocorrido, mas o pior é que o peso e a culpa no silêncio da minha resignação me pesam demais e eu acabo me entregando ao arrependimento e à dor da inconstância.

Porém, se há uma coisa de que eu nunca me arrependi foi de tentar trilhar uma carreira de escritor, nunca houve qualquer razão para me afastar dessa ideia. É claro que encontrei inúmeras dificuldades e várias incoerências pelo caminho, mas nada que me deixasse desanimado de poder narrar aos outros o meu pensamento, a minha vida e a vida e os pensamentos das pessoas que correm juntas comigo.

Cotidianamente um bando de gente chata – geralmente da imprensa ou especialistas (bah, especialistas... e alguns dizem que são especialistas em mim, hahaha...), que tentam me importunar – fica me perguntando por que eu não participo dos movimentos jovens, das questões culturais, do repúdio à guerra etc. e tal, querem saber por que abandonei meu caminho, meu discurso. Dizem que eu não sou mais aquele Jack, nem perto de Sal Paradise estou mais. Dizem que sou apenas um homem triste e bêbado que não responde a nada sem estar exaltado. A maioria que pensa assim está com toda a razão, eu me cago para tudo isso que construíram em cima de mim, estou mesmo na sarjeta cultural da América. Prefiro muito mais uma noite alucinando do que ficar parado na frente de um holofote para todo mundo ficar me consumindo como se eu fosse um enlatado. Agora, o que não me chateia nisso tudo é ver alguns caras interessantes, desconhecidos, criados com o espírito beat, que cresceram em vários cantos desse país influenciados pelos poemas de Allen, Corso, pelas possibilidades de Dean Moriarty, pelo que pude lhes ter mostrado sobre o deserto, o México, as drogas, as putas e as estradas, os vagabundos e os trilhos sujos das ferrovias, tudo isso que muita gente sempre achou que só existisse no inferno ou na casa do outro ou que fosse algo muito estúpido ou vazio. Nós buscamos a iluminação em cada partícula de nossa vida e alguns desses que se criaram

com o nosso alimento puderam também se perceber sendo alimentados por este naco de coisa especial.

Apesar de achar esse papo de paz e amor uma tremenda babaquice, não pela paz ou pelo amor, mas pela maneira como tentam vender a coisa, esses meninos só querem ficar chapados (não que eu não quisesse em outro tempo) e fugir de seus problemas na escola e em casa. Eles não são vagabundos, muito menos iluminados, são apenas garotos querendo um pouco de atenção.



## KEROUAC vs A AMÉRICA

Noites insólitas, noites corrosivas, noites e mais noites de perdição. Meu mau hábito de amar a madrugada levou metade da minha vida à ruína. A outra, quem pegou foi o diabo. A queda não é tão dolorosa quando a gente consegue cair de pé. O mau nem sempre pisa sobre nossa cabeça, mas nos serve um banquete antes do fim. Estou em Frisco e é o outono de 1964. Nosso presidente havia sido assassinado há menos de um ano e muita gente andava perdendo a cabeça por pensar diferente. Eu já não suportava tantas pessoas me dizendo o quanto eu as havia libertado, o quanto tinha dado problemas para seus pais, o quanto o mundo agora fazia sentido. Era tudo bobagem, uma mentira. O que aconteceu comigo tinha ocorrido há mais de uma década e meia. A vida de Sal Paradise não era a mesma de nenhum desses merdinhos alienados pela TV e pelo *rock 'n' roll*. Estavam queimando os livros pelo tubo de imagem, estavam massacrando o verdadeiro som dos deuses, fazendo as pessoas pularem como um periquito em chapa quente. Elas repetem refrões e estampam sorrisos, participam de programas em que os aplausos não são dados por excelência, mas porque uma placa acende pedindo para que batam as palmas com largos sorrisos de uma felicidade muito mais artificial do que qualquer droga tomada em grande quantidade na veia. Pensando bem, há nesse tipo de esquema a vaidade, claro. Talvez, o sorriso seja de êxtase por

estar ALI, e não por drama, como minha cabeça cheia de críticas e culpas tenta pensar o tempo todo.

A minha geração se tornou um barril de bêbados, a seguinte, uma grande e inexplicável bacia vazia. Sinto-me um idiota ultrapassado e que deveria ter sido entregue ao modelo de vida da América, pegando mesmo no pesado, deixando de lado qualquer forma de expressão poética. Ser lírico é ser atormentado pela vida. Assim, atormentado por qualquer possibilidade real de inteligência verdadeira na sociedade americana, deixei meu instinto guiar a maioria das decisões. Geralmente escolhia pela leitura, conversas e álcool e sempre tive uma queda pelas más escolhas. Meu caráter nunca se colocou em dúvida, mas a minha prisão sempre me deixou livre para errar, principalmente com quem eu mais achava estar acertando. Não acredito plenamente que essa vida seja a real, por isso sei que qualquer ação pode e deve ser perdoada. Ter pensamentos e ter que mijar são duas coisas realmente paradoxais e que não podem corresponder a uma sequência de atividades corretas. É por isso que as pessoas se confundem tanto e acabam entrando em moradas insalubres e conflitos que não correspondem a qualquer sentido, a não ser estar em conflito. Não tenho uma visão realmente pessimista da vida ou das pessoas. O que passa é que, ao me expressar, não consigo simplesmente falar da beleza da natureza ou do coração humano. Há um demônio que sobe em meus dedos e me aplica em saberes apontam a crítica pelo mundo e a decadência do homem como os temas corretos para escorrerem pelas minhas mãos. No máximo uma alegria invertida às sensações efêmeras de quem chega a conclusões com o pensamento livre.

As estruturas vão se descortinando quando a gente vai fundo e fundo nas portas, abrindo os mundos internos

e fazendo as relações entre o que se pensa, fala, vê, vive, convive. Por isso, a crítica ao mundo não se faz à natureza, mas sim a nós, imbecis pensantes que utilizam nossa cultura para ceifar a sabedoria espontânea oferecida pela Terra. Não tenho dúvida de que a mesma natureza, a mesma que nos acolheu em seu paraíso, irá nos cobrar um preço bastante alto quando perceber que os frutos nasceram podres. E não adiantará muito haver milhões de bons samaritanos. Seremos todos engolidos e tragados às profundezas como um processo natural de reaproveitamento da vida, expulsando todos nós do comando. O universo irá nos esmagar da mesma forma que fazemos com formigas. E olha que não era para ser assim, não precisava. O grau de ações desnecessárias é um montante maior que qualquer cofre no banco, uma lástima. E o pior é que se justificam as más ações em função, justamente, do aumento da plata nos cofres dos bancos de gente rica e que não precisa tanto acumular. Quando fiz minhas viagens enxergava aqui o paraíso perdido em que as almas infelizes poderiam recompor seus dramas. Entretanto, vertido em um mar de hipocrisia e indecisão, entendi que não, realmente não! A América é um laboratório do diabo. Aqui se aprende desde cedo a hipocrisia, o preconceito, a ganância e a inveja. Nossos esportes olímpicos mais prestativos ao ouro são a derrocada do espírito e a destruição pública do outro. Como se diz na caixinha que brilha, seremos os melhores, mas não adianta nada estar no topo quando sentamos em nós mesmos! Não enxergar é como não existir. Aguardo o ocaso da América com as mãos ocupadas. De um lado o tabaco dos índios para queimar a angústia do peito, de outro, as pedras de gelo e o whisky dos colonizadores para elevar meus pensamentos além desse nível de gravidade.





## KEROUAC vs MORIARTY

Depois de tudo o que tinha acontecido com Phillip, fiquei um pouco atordoado. Não quis nem saber de Jannie ou de ninguém. Voltei para aquela maldita agência e esperei um navio que me levasse o mais longe possível. Queria sair da minha vida mais uma vez. Mas dessa vez com força e solitário. Sou um peregrino em busca de luz, persigo seu rastro cego. Entretanto, havia uma coisa que estava me incomodando muito, mesmo que a solução fosse ir, meus sonhos não têm me avisado sobre. Sempre que sei que vou embarcar, passo várias semanas sonhando com o mar, os navios e toda a presença imanente de Netuno, o senhor do oceano espiritual. São viagens surrealistas e sempre muito idílicas, porém realistas o suficiente para que o mais insensível pudesse se sentir como a totalidade. Um drama molhado e volátil. Consegui embarcar em um navio com destino ao porto gelado da Finamarca, quase no Ártico. Por sorte, penso em dar o fora quando estivermos no porto mais louco do mundo – Amsterdã! Pelo que eu ouvi dizer, lá recebe gente ensandecida de toda a parte do mundo, é um dos portos com mais embarcações estrangeiras por chegada. Muitos chineses gostam de lá, russos também. O navio ainda estava ancorado e o capitão fazia o reconhecimento da tripulação. Eu tinha mais experiência, era a minha nona viagem, por isso me deram um cargo mais digno que simplesmente limpador detalhista de privadas ou descascador

de vômito agarrado no tapete do salão. Agora eu serei o rapaz do rodo que limpa os corredores nas quintas, sábados e domingos, deixando o convés para os dias restantes. Quem sabe num próximo consigo chegar mais perto do cassino? Com minha sorte, me tornaria rapidamente “o jogador”, sendo procurado pela fortuna da minha presença. Na roleta, discretamente falaria a cor vencedora antes de ela acabar de girar. Isso já chamaria a atenção, em seguida, me aproximaria de apostadores em ascendência e, por fim, aceitaria qualquer gorjeta para mais tarde.

Como sempre, o capitão era um imenso filho da puta e fez uns três desistirem. Eu, já sabendo o protocolo, entrei em seus joguinhos ridículos, mas fiquei quieto e nada de mais aconteceu. Entretanto, ainda tínhamos dois dias antes de ele zarpar, um tremendo portal que poderia me levar para qualquer lugar, inclusive para longe do oceano.

Cheguei na Washington St. umas sete da noite, fui direto para o Louis tomar um xerez. Lá é um lugar bacana que a gente não frequenta, mas, como não quero ver ninguém, o Louis era o melhor lugar. Mal sabia que Allen, um poeta com que tenho conversado ultimamente, adorava o lugar e agora mesmo estava ali com algumas pessoas. Pelo jeito, nem todos poetas como ele. Quando me viu, acenou e depois de alguns minutos veio em minha direção e junto dele um outro cara, alto, cabelo castanho claro, mais novo do que nós, porém com a cara de quem tinha passado um tempo no reformatório, um verdadeiro galinho de briga formado nas ruas de alguma grande cidade da América e que se sentia o durão em Nova York.

– E aí, Allen?

– Como vai, Jack? Este é Neal.

– Beleza, Neal? – Nós nos cumprimentamos.

– Tranquilo, meu chapa. Allen me disse que você é escritor...

– Pois é, escrever é a única coisa que consigo fazer de forma interessante. Queria ser jogador de futebol, mas meu *karma* não deixou...

– Putz, *karma*? Ah, Allen, esse cara aqui acredita nessas coisas de horóscopo de mulherzinha.

Não acreditei no que ouvia. Fiquei estatelado com a falta de etiqueta do colega. Seu sotaque era do sul e do oeste ao mesmo tempo. Allen também ria da observação de Neal.

– Ei, Jack. Meu Saturno está querendo encontrar Vênus, tem alguma coisa de Netuno por aí?

O garotão riu porque não entendeu, mas essa era a senha para que a máxima voltagem fosse despertada. Netuno, além de ser o deus dos oceanos, era também o pai dos vícios e êxtases, o verdadeiro Fausto da modernidade. “Claro, Allen, meu sol hoje está em harmonia com a lua, acho que entro logo em sagitário.” Tinha preparado alguns para a viagem, mas resolvi abrir minha mochila para que pudéssemos aproveitar o melhor da noite. Descemos do bar e fomos para o apê de Allen. Antes, compramos algumas garrafas de vinho do porto, queríamos reviver o século XIX, fingíamos que éramos Flaubert, Baudelaire, mas Neal achou que eu me identificava mais com Victor Hugo. A princípio achei aquilo uma afronta, mas pensei, “pelo menos o maldito faz metáforas!”.

Comemos o vinho e bebemos o haxixe, como o nobre comedor de ópio. A cidade estava toda iluminada, porém nossas lanternas se restringiam àquele pequeno quarto alugado. Ao todo, éramos sete. Neal estava com sua companheira, Maggie. Marta, Gorck, Beth, Allen e eu completávamos o elenco. Fiquei na dúvida se tudo aquilo era real ou se apenas estava tendo um sonho premonitório. Tudo parecia inadvertidamente

claro e a nova visão não era nada mais que aceitar o caminho como uma possibilidade de beatitude e tudo o que fosse feito e encontrado durante a passagem, tudo mesmo, seria sagrado.

A viagem, o assassinato, a prisão e, novamente, uma outra viagem. Tudo isso girando em um ciclo fechado e tendencioso. Esse pequeno instante da minha vida me mostrou que, realmente, a viagem era o que deveria fazer. Mas mal poderia supor que iria para muito longe das águas do Atlântico, correria mais ainda para o continente.

A admiração por Neal se tornou imediata, ele podia, sim, se tornar um escritor, mas tudo dependerá do quanto conseguirá deixar de lado de si mesmo. E antes de querer escapar da vida em um navio cheio de marinheiros, minha vontade era que tudo tivesse algum sentido novamente. Por isso, desde a primeira vez que me convidou para passar um tempo em Denver, mesmo que tivesse cinco minutos de convivência, sabia que esse seria o meu caminho. Abandonei a ideia de zarpar e passei a frequentar mais a casa de Allen. Isso ainda durou algumas semanas até que tudo REALMENTE acontecesse.

## KEROUAC vs HUXLEY

Era um típico cair da noite em Santa Mônica. Tinha acabado de deixar Frisco e iria encontrar Allen em uma conferência sobre literatura do pós-guerra. Naquela época a costa oeste inteira queria saber se existiria ou não uma nova geração de escritores americanos que poderia substituir à altura caras como London, Hemingway e Wolfe. Antes de ir correndo para o hotel – os Reds Sox seriam transmitidos ao vivo pela TV –, passei em um supermercado para comprar uma garrafa e algumas latas de conserva. De repente olho para o lado e dou de cara com um homem de seus 60 anos observando admirado a reação de algumas pessoas. Era um pouco surreal ver aquele coroa com seus olhos de coruja mirando e anotando mentalmente suas considerações a partir das ações dos que ali estavam consumindo. Ele pareceu não dar conta de quem além de observador, estava sendo observado. Achei aquilo bastante engraçado e saí pela porta rindo. Ainda tive no pensamento que aquele sujeito parecia chapado, como se tivesse tomado alguma coisa, e estava se divertindo naquele zoológico.

Tempos mais tarde, vi o mesmo cara dando entrevista para um jornal de Nova York. Eu sabia que alguma coisa nele tinha me chamado a atenção, muito mais que aquela paranoia de ficar vigiando as pessoas e chegando a conclusões alucinadas na própria mente. Ele era nada mais, nada menos que Aldous Huxley, um dos melhores romancistas que eu já havia lido na vida e que tinha uma

visão muito interessante sobre as coisas. O repórter falava sobre as pesquisas que o autor realizou para escrever um dos seus últimos textos – *As portas da percepção*, que não era um romance, mas sim um ensaio sobre os efeitos da mescalina e a profundidade que a mente poderia alcançar sob o efeito desse tipo de droga. Um dos métodos utilizados por Huxley para poder concluir sua obra foi ele próprio experimentar mescal e sair a campo. Entre os seus objetos preferidos estavam o consumo e o consumidor. O escritor tomava a droga e sob o efeito ia a locais públicos observar a reação das pessoas diante das compras. Quando li isso dei uma baita risada sozinho e deduzi que indiretamente participei de sua pesquisa, mas, digamos, de um outro ponto de vista.

Naquela mesma época fiz uma viagem para o México e acabei tendo contato – outra vez – com o peyote, a substância sagrada dos astecas que leva o indivíduo a conhecer os seus deuses interiores. Não fui o mais drogado da minha geração, até porque sempre gostei muito mais de fumar uma bagana do que tomar picos. O pessoal era muito obsessivo com o pó marrom e isso me espantava um pouco, me deixava com certo receio de cair naquele clima de limbo e desespero que era típico da casa de adictos. Nunca me dei muito bem com as viagens de heroína, cheguei a passar mal nas vezes em que tentei encarar os efeitos da papoula. No deserto, sob o efeito do mescal, vivi as alucinações mais transtornantes que já havia tido. Em um encontro místico, pude conhecer o meu próprio avatar e reconheci algumas partes da minha subjetividade que ficavam escondidas debaixo dos meus maiores recalques.

De súbito, comecei a pensar sobre como seria a vida na França na época da Revolução. Uma raiva incontida tomou conta do meu espírito e eu sentia meu ódio caminhar com minhas pernas para Versalhes. Segurava uma tocha nas mãos e tinha verdadeiro ímpeto de botar aquele chateau pelos ares.

Mas alguma coisa me disse que depois disso acabei me arrependendo de alguns atos e passei a ficar um tanto decepcionado com aquilo que eu mesmo havia ajudado a destruir/construir. Talvez meu espírito tivesse imaginado outros rumos para aquela revolução e isso abriu uma profunda ferida na minha alma. O ocaso de qualquer período histórico depende das ações de uma maioria levada por uma cúpula, que em suma é muito mais individualista e gananciosa. Por sorte, um coioote atravessou o deserto e dispersou minha imaginação para uma outra época, ainda na França, ainda em um período extremamente conturbado.

Meus olhos sentiam o odor podre de Paris na manhã seguinte da Noite de São Bartolomeu. Entretanto, alguma coisa não estava certa naquela sensação. Eu mesmo me via como um cadáver ao lado de milhares de outros estirados pelos cantos da cidade. Eu estava imobilizado dentro da carne que se decompunha e o desespero vivido na noite anterior vagava sobre a minha mente. A cena do meu próprio assassinato invadia as minhas lembranças trazendo rancor. Fora apunhalado pelas costas por alguém que provavelmente nem conhecia. Alguém que apenas queria se livrar da minha imagem e fez isso como faria a um porco. De repente, milhares de vultos começaram a se levantar daqueles corpos e o zumbido da dor parecia continuar mesmo depois da morte. Com certa dificuldade, também me levantei da carne e com o passo trôpego tentei me afastar de tudo aquilo. Assim que tomei direção a um feixe de luz que transpunha a realidade, fui novamente transportado para o deserto.

Nunca mais tive qualquer vontade de sentir aquelas sensações horríveis de fracasso. Quando vi Huxley naquele supermercado e depois li o artigo e o livro, algo despertou dentro de mim, uma sensação de que o passado e o presente



coabitam e que, realmente, a divisão temporal não passa de uma ilusão que ocupa a alma enquanto tentamos nos descobrir. Em *Admirável mundo novo*, o México para o escritor britânico também tinha seu sentido de descoberta. Foi por ali que Bernard conseguiu visualizar a própria existência e entender que a sociedade em que vivia era apenas mais uma das milhares de possibilidades que poderiam acontecer. Uma civilização inteira pautada na organização e no controle foi sutilmente abalada pela penetração viral de um selvagem que trouxe em si a pureza e o lirismo de humanidade que faltava a toda aquela formalidade de Londres do sexto século da Era Fordista. O admirável no mundo novo não são as coisas, mas sim as pessoas e seu espírito. Por isso, qualquer um que tentasse enxergar pelos próprios olhos poderia entender o quanto a liberdade do pensamento era a grande resposta. A ação corporal seria apenas o desenho dado pela alma aos desejos. Por isso um pensamento em névoas poderia ser o deserto necessário para as piores barbáries possíveis. Assim foi no velho continente do passado, assim o é no novo mundo do presente.

## KEROUAC vs HEMINGWAY

Sou o filho maldito de uma geração perdida, cheia de riquezas plásticas e efêmeras. Enquanto todos se importavam, ela não estava nem aí. Enquanto todos queriam a paz, os fodidos sonhavam com a desordem e a guerra. Foram para a cama e para a Espanha. Mas não sou eu o anticristo, aquele que irá devastar, destruir, ruir, dissolver. Não faria esse tipo de benfeitoria. Quero que todos sofram pela própria fé. Eu também. O sofrimento são nossas escolhas, o pavor e o descontrole sufocam nossas escolhas. A ignorância também. É ela uma víbora pronta para ser esmagada pelo explorador.

Outro dia pensei em colocar o cano de uma espingarda bem na minha garganta para poder sentir o gosto do chumbo e estar próximo de Ernest. Eu também já estou velho, porém, de frente para Cuba – e não em Cuba, mas afastado do mar. Não consigo entender se esse desespero arrebatador que carrega de nós qualquer vestígio de crença, na verdade, não seja a verdadeira alma do escritor, do artista, do poeta. Uma alma atormentada pela rudeza da existência, pelo absurdo da vida, pela incompetência do homem ocidental em não conseguir ficar calado.

Quando era menino e vivia perdido, vasculhando pensamentos e criando tormentos cotidianos, meu sonho era botar um lenço em volta do pescoço e desembarcar na árida Espanha. Meu pai prensava o jornal de Lowell e eu acompanhava a luta

social espanhola de perto. Doía em mim cada baixa daqueles que buscavam, sobretudo, a liberdade e o crescimento pelas artes. Entretanto, aquela geração que estava perdida encontrou nos conflitos externos a grande fuga do vazio existencial. Aqueles que realmente me fecundaram, que me deram o espírito, esses se deixaram envolver por orgias políticas e miseráveis, ignóbeis e sem qualquer teor de altruísmo. Eram adultos ateus, loucos pelo próprio umbigo e fervorosos/medrosos pelo silêncio da existência.

E depois de mim, quando o crepúsculo acompanhar este personagem bobo e falho, também virá alguém que irá olhar para trás e chamará a geração beat de um naco de merda perdida, que não pensava na realidade da vida e apenas queria usufruir de seus prazeres. E estarão todos corretíssimos. Estou morrendo e morrendo velho, cansado, com pavor da vida e louco para chegar logo ao inferno. A realidade da vida que evocam aí fora não será e nunca foi a minha pulsão. Vão nos chamar de vazios e era esse mesmo o nosso caminho. Éramos todos vazios e queríamos preencher todos os átomos da vida com alguma coisa que valesse a pena. Ficavam vários e vários idiotas tentando nos explicar as vantagens em se acumular, acumular, acumular. E depois, esses mesmos sujeitos nos pediam para gastar, gastar, gastar. Estavam todos induzidos, eram zumbis da cultura, queriam nossos dedos para eles. E depois dizem que nós é que estávamos fora da realidade. Até o filho da puta do Hemingway, que era um escritor, não teve cu para aguentar o tranco. Foi muita realidade ao mesmo tempo. De um lado o nosso dinheiro soberbo que tenta convencer do que é racional e de que a única forma de se usar a razão é para obter dinheiro; de outro, um idealismo infantil e dois ou três que falavam a verdade e acreditavam na revolução. Meu dedo ficou duro, não deu conta, o de Ernest, não – se arrastou no gatilho.

## KEROUAC vs CHAPLIN

Não quero transparecer qualquer tipo de ofensa a quem lê e se acostumou a ver os assuntos separados por vírgulas, pontos e parágrafos. Deixei, sim, a faculdade no meio do primeiro ano porque não conseguia me ver adormecido no sonho americano, servindo a pátria de acordo com o poder oficial. Servir ao sonho da liberdade não é seguir as normas de um Estado, e sim praticar cotidianamente a diferença sutil que atinge o espírito de quem se afeta com nossa presença. É na hora de atravessar a rua, se impondo na frente dos carros que insistem como reis da civilidade, entidades mais importantes que os homens que os navegam ou que as almas que passam nas calçadas, quando cumprimentamos as pessoas nas ruas, independente da cor da pele, do tipo de roupa ou do lugar onde mora. Uma lástima cada vez mais aceita pelos jornais, corrompida pelo rádio e largamente inflamada pelo cinema, são as famílias terem medo do desconhecido nas ruas e se fecharem num consumo desenfreado por mercadorias que garantiria a casa como o lugar de proteção. Não quero que o espírito que me habita e me habilita a falar sobre a verdade seja corrompido pelo sistema. Não vou ser mais um branquinho a trilhar o verdadeiro caminho da América.

A indústria que se forma é muito mais preocupante do que aquela que Chaplin denunciou – alienante, repetitiva. Agora é a propaganda, a própria empresa que Carlitos alimentou ao

amenizar nossa angústia rindo de nossa ignorância diante do poder vigente.

O nazismo não ocorreu apenas na Europa, nós, ou eles – eu sou franco-canadense, os da América –, fizeram o mesmo ou pior contra aqueles que aqui estavam. E foram os de pele branca, machos, cristãos que importunaram ainda os que são classificados como negros, nativos, latinos, judeus, velhos, bichas, mulheres e crianças. Para eles, qualquer lei é um absurdo! Os negros valem 3/5 de seus pares brancos há pouco mais de 40 anos e, hoje, precisam se esconder para apresentar a beleza de sua arte, principalmente em se tratando de música e movimento. O jazz se tornou, finalmente, um grito negro. Algumas pessoas me olham de forma insinuativa quando converso com negros ou judeus. E esta história é comum e vivida até por aqueles que não nasceram no novo mundo. Italianos, irlandeses, amarelos, todos eles, pegam nas mesmas armas do preconceito e, mesmo ridicularizando o modo americano de resolver as coisas, se tornam cidadãos quando se sentem incomodados pelas minorias. Eu ainda creio em Jesus Cristo como o meu grande Senhor. Quando li Camus no último verão, cheguei à conclusão que o nazareno seria a porra de um existencialista se habitasse entre nós nos dias de hoje. Um apaixonado pelo seu próprio romantismo, mas cético o suficiente em um niilismo incapaz de fazê-lo sofrer na cruz. O problema é que as mães não querem sofrer como Maria. Seus filhos não precisam do amor ou da sabedoria e, sim, ser alguém, predominantemente, que seja alguém de posses, mesmo que a cargo de mentiras, assassinatos e conspirações.

## KEROUAC vs MONROE

Durante a guerra, muitas esposas ficaram expostas aos garanhões alheios. Na Califórnia, centenas de comunidades tinham na força feminina a principal potência de trabalho. Neal não tinha muito critério para escolher suas vítimas, era um verdadeiro safado que adorava se lambuzar com louras, pretas, branqueias e tudo o mais que aparecesse na frente do seu tesão. Todavia, a maior de todas, ou melhor, a mais deslumbrante e encantadora de todas, esfacelou o coraçõzinho do rapaz e ainda veio correndo para o meu lado.

Estávamos descendo de Cisco e paramos em uma dessas cidadezinhas com operárias trabalhando no lugar de homens. A época era dura e quem não estivesse na lide podia muito bem ser acusada de antipatriota. Já era bem tarde, entramos numa bodega e pedimos um whisky. A noite parecia prometer, a música não era tão boa, mas o lugar estava infestado de xoxotas. Ficamos um pouco espantados, mas logo, logo nos informaram do fato: depois de dias de muita dureza, finalmente, as moças foram dispensadas do serviço. Uma espécie de folga coletiva. Aquelas que respeitavam seus esposos-guerreiros foram para casa; as que ainda tinham algum fogo para gastar estavam ali.

Norma Jean era uma morena com um baita traseiro e uma voz alucinada que fazia qualquer um ficar de quatro. Neal não se segurou muito tempo no lugar e foi logo enviando uma dose para a garota. Sem pensar muito, ela acabou se sentando

conosco. Diferente da maioria, Jean fumava como uma chaminé e adorava falar besteiras. Era de Los Angeles e havia se casado há pouco tempo com um cara que fora mandado para o Pacífico Sul. Sentia saudades do rapaz, mas também gostava da liberdade que tinha adquirido em Burbank. Não é lá uma maravilha para uma garota casada e cheia de disposição, mas pelo menos a gente pode rir com esses caipiras, dizia ela em meio ao álcool e sorrisos.

Neal escorregava suas pernas para encostar nos belos pares de coxa de Jean, mas a garota não parecia muito satisfeita com aquela iniciativa. Fugia a todo momento das perseguições e indagações maliciosas do meu camarada. Eu, na minha, continuava a observá-la em toda a sua volúpia.

– Sabe, Jack – disse, se aproximando perigosamente da minha boca –, recebi uma proposta para tirar umas fotos, o que você acha? Será que eu tenho chances...

Constrangido e louco de tesão, verifiquei se Neal ainda estava no banheiro e mandei uma direta para Norma:

– Garota, eu não te conheço, não sei de quem é o nome que está na sua aliança, mas juro que você é a mais indicada para ser escolhida. Aliás, se você quiser fazer um ensaio só para mim e meu amigo, tenho certeza de que iremos aprovar ainda mais a ideia de você virar modelo.

Seu riso não foi nem um pouco perigoso. Pelo contrário, promissor. Ainda assim, fechou sua feição, deixando-me ainda mais envergonhado com o que dissera. Quando meu chapa voltou, ela estava para iniciar sua resposta, interrompeu o raciocínio, mas não deixou de dar o seu recado:

– Ei, coubói - disse, olhando diretamente para meus olhos, mas estava falando com ele, –, por que você não pega mais umas doses no balcão, tenho algumas coisinhas para falar com o seu amigo Jack.

Sem entender nada, Neal abriu os braços e voltou seu passo para o balcão da espelunca. Meu rosto devia estar no mais alto grau de vermelhidão, pois sentia muito calor naquele momento. Não só pela garota, mas também pelo meu parceiro que iria passar a noite sentindo frio, enquanto eu me aqueceria com aquela beldade. Bom, seria assim se não fosse pela briga que o barman arrumou com ele. Acho que já estava desconfiando da coisa e não quis sair dali derrotado. Sabia que eu entraria em qualquer uma por ele e, claro, qualquer briga afastaria a garota da gente.

Não deu outra, fomos escorraçados do lugar com vários ferimentos e Norma Jean não se prestou nem para nos ajudar com os curativos. Continuou no bar e deu as costas para os dois estranhos. Na mesma noite, ainda tive tempo para sonhar com aquela mulher. Entretanto, no sonho, algo me intrigou de verdade. Em vez de estar com os cabelos negros, Norma Jean estava completamente loura, ainda mais ardente e sedutora. Nunca mais esqueci aquela noite, principalmente a parte em que eu não estava acordado.





## KEROUAC vs O CAPITALISMO

Existem dias que são quentes. O ânimo parece maior e, mesmo que haja frio lá fora, seu espírito está disposto a enfrentar qualquer situação escrota que impeça o menos bravo de se divertir. Entretanto, há dias que são mais gelados e, mesmo ao sol, nada consegue fazer com que a alma se levante e adore a vida. Há décadas possuo conceitos e pensamentos sobre meus próprios conceitos e pensamentos, anos em que, cotidiana e enfadonhamente, analiso minhas ações, sentimentos e construções mentais. Desde cedo essa máquina começou a operar em mim e nunca consegui fugir muito de sua perseguição. Sei que isso também sempre esteve corrompido pelo amor cristão que desde cedo me foi fundido: “A culpa é sempre sua, John. Foi por você, para redimir seus pecados que pregaram o Salvador na cruz. O sangue que dali jorrou era para limpar a sujeira de sua essência.” O que realmente me incomoda é que nos dias que não são nem quentes nem frios, a culpa me destrói em melancolia. Culpo-me por amar o trabalho, por querer, finalmente, trabalhar por aquilo que admiro e sinto tesão. Entretanto, culpo-me ainda mais por querer só ser um escritor e isso não garantir nem um pequeno pedaço de qualquer coisa na vida, seja um feijão, seja um anel de luxo. Minha riqueza não passa à matéria. Não sei se aguentarei mais tanto tempo dessa maneira. Acabo que imagino que irei desertar e jogar num caminho sem volta que

não me leve para outro lugar senão à canaleta da miséria. Ao menos ali, não será preciso cumprir papéis e exigências que enojam minhas entranhas mais sinceras.

Hoje, tive a impressão de estar quase todo submerso em uma lama fedida. Meus olhos apagados pelo breu, meu corpo ensopado de uma água suja e molhada, não sentia frio, me sentia pegajoso. Talvez seja essa a sensação do recente morto: um naco de consciência em um corpo que já não mais responde, porém deixa sentir a própria decomposição. Praguejo contra a vida porque sou um homem orgulhoso que um dia achou que seria possível viver apenas por si e pelo amor ao mundo e a todas as coisas que não fossem ilusões criadas pelo próprio homem-demônio para se autoenganar e, assim, nunca conseguir encontrar o caminho de volta para o momento inicial. Sou um cadáver em meio aos vivos que já não vislumbra mais qualquer sentido pela honra, ou mesmo pela glória. Acho essa sociedade e todas as suas coisas tão tolas e sujas que não me sinto à vontade para ser alguma referência. Aliás, o que prevejo é algo que vai ao contrário disso: pegarão minhas palavras, meus pensamentos-textos, meus gozos literários e usarão como melhor lhes aprouver. Seja para vender uma verdade, seja para vender um monte de papel pintado de preto e que dizem ser um feito de alguém que pisou nessas bandas. É para isso mesmo que viemos para cá?! Para criar coisas para que sejam apreciadas e vendidas?! Ou pior, para que usem de nossas ferramentas naturais, nossas mãos, pés, bocas e tudo o mais para realizar tarefas e, assim, garantir o troco e uma possível felicidade para alguém ou para um grupo? Se for para isso, peço sinceramente para que na próxima vez que me acordarem que seja em uma época remota, em que a subsistência tivesse um pouco mais de ação.

Outro dia, andando em Frisco, encontrei com um certo Manolo. Sujeito interessante, um artista que não sabia manejar um pincel, mas que poderia criar cenas incríveis com outros objetos, e isso ao vivo. Impressionou-me o fato de ele não querer vender seu talento em uma esquina ou circo. Dizia que estava pintando a vida real em meio ao ar corrompido da sociedade americana. “Jack, os carros, caminhões, o stress das pessoas, suas ambições e, agora, até a música e a literatura não passam de coisas que alimentam um enorme e discriminatório sistema. As pessoas acham que estão fazendo algo, mas continuam a percorrer o mesmo espaço. Não quero pensar que aquilo que posso fazer por mim mesmo, aquilo que percebo ser o que sou, minha singularidade, seja vendida como se fosse uma banana colhida de um cacho da Costa Rica.” Achei genial, mas também fiquei preocupado em saber como ele conseguia manter seus 70 quilos fazendo esculturas corporais a esmo durante o dia. E é essa a pergunta fatal, aquilo que me entope o coração e me deixa completamente intranquilo: como conseguir se encontrar sem se submeter a uma lógica em que seu corpo e sua mente estarão sujeitos aos caprichos e objetivos de outras pessoas, e isso sabendo que não sou herdeiro nem minha sorte costuma aparecer na loteria?!

A sensação de estar enlameado é a minha lamentação por enfrentar o dilema dessa vida escrota que o homem preparou para ele mesmo. Conquistou o bárbaro, derrotou a ignorância, fez emergir a luz e o máximo que consegue é tentar enfiar na cabeça da sociedade (e de uma sociedade jovem) que o importante é possuir, é ser visto, ser famoso, ter uma possibilidade de poder sobre aqueles outros que aparentemente não possuem nada de especial. Houve um tempo em que meia dúzia era rica e o resto, extremamente pobre. Triste da alma que nasce agora, quando o miserável é

forçado a sair de sua condição e o milionário se aproveita da imensidão que dali parte para o mediano da vida econômica e prende a urbe sedenta por uma vida digna como um cão em sua coleira: trabalhe para mim ou morra na sarjeta! Se mate trabalhando na minha sarjeta e morra para você! O homem perdeu seu espírito, e não foi na guerra, foi depois dela. Foi quando ele achou que havia vitoriosos. Somos todos derrotados e isso não é necessariamente ruim. Embora não seja nada.

## KEROUAC vs THOREAU

O texto que segue é uma ferrovia. Tentei não subestimar Saturno, mas uni ao menos cinco temporadas da minha vida, não de forma CRONológica. Comecei o redemoinho caótico quando lia “Walden” e frequentava o colegial em Lowell . Eu e meu saudoso Samps discutíamos Thoreau no caminho de volta para casa. Por vezes, próximos ao lixão, criávamos pensamento de futuro inspirados no coração forjado de autossuficiência e sabedoria. Já em Columbia, pensamentos soltos e uma noite inspirada me garantiram 15 anos sem tocar no assunto. Dez anos mais tarde, de novo, e, agora, em meio a toda essa revolução da “liberdade”, escrevo aqui. Porém, em vez de um texto subjetivo e cheio de conceitos filosóficos, preferi sustentar minha tese de que a sociedade e o homem não são compatíveis (até esse momento), criando um personagem que sou eu e é vários. A liberdade é criativa e reativa!

*Fui para os bosques viver de livre vontade,  
Para sugar todo o tutano da vida...  
Para aniquilar tudo o que não era vida,  
E para, quando morrer, não descobrir que não vivi!  
(Henry David Thoreau)*

Morava num vale um tal de John Saltador. Ele havia perdido as esperanças na palavra e agora caminhava solitário entre as árvores e o riacho. Sua ordem era tão silenciosa que, quem

observasse o matuto, acreditaria que andava sobre as águas sem fazer barulho, sem remexer a vida que dali emergia e para ali voltava. O Saltador passava dias sem emitir sons sociáveis, pelo menos entre os homens. Assovios, gritos e grunhidos, essa era a linguagem que abrigava sua vida silvícola. Acordava antes do sol, preparava sua nutrição com raízes e sementes. Pegava água e verificava o pomar. Voltava das árvores com uma cesta de frutas da qual uma parte se destinava para dividir com pássaros, passarinhos e outros insetos e animais que quisessem. Assistia do alto das árvores a alvorada na companhia de cantos dos mais variados passarinhos. Dependurado, observando o horizonte com uma rádio orgânica e particular tocando em sua volta, em seu íntimo, agradecia à natureza pela oportunidade de seus olhos contemplarem tal verdade absoluta. Compreendia que o fenômeno não estava simplesmente no fato de estar ali, mas na possibilidade real de ser obrigado a ter a vida que a igreja, a comunidade, o juiz, o rádio e o político quiseram para ele e para todos. Que os vizinhos, a família, seus amigos, a vida, que todos querem para o outro e, talvez, nem tanto para si. “Obrigado, criação, obrigado pelos olhos que permitem receber timidamente a energia que nos envolve! Obrigado pela sabedoria e pela clareza da vida simples. Mas dai-me flexibilidade e liberdade para romper comigo mesmo e quebrar os vasos necessários para o amanhã.” Ouvia sua própria voz como se fosse também a de um velho índio, anterior mesmo à chegada dos colonizadores, uma entidade americana.

John Saltador nasceu no Colorado, em uma cidade distante 200 milhas de Denver. Trabalhou na prensa até os 18 anos. Fazia serviços gráficos enquanto se encantava com as notícias. Queria poder estar perto daquilo que acontecia. Não se decidia entre Los Angeles ou Nova York. Denver estava no meio, um entre-lugar, uma estadia, passagem. Ali não ha-

via fato, tudo era composto pela verdade política. Estudou os maiores pensadores por conta própria e escolheu pela profissão de jornalista. Sua posição radical lhe tirou oportunidades, mas lhe trouxe a maior de todas: *New York Times*! Tudo aconteceu porque decidiu fazer um jornal por conta própria. Imprimia na gráfica em que trabalhava e saltava os jardins pregando a notícia na porta das principais casas da cidade. Sentia-se o portador da justiça, um mártir da inquisição, agora a mando da rainha liberdade, pregando cotidianamente a conduta livre e consciente como a possibilidade de justiça e júbilo. Mas fazia isso no interior. E quando se mexe em ratoeira de vila, o senhor manda a garrucha pegar fogo. Suas palavras eram tão verdadeiras que irritou do clérigo ao judeu, do marceneiro ao industrial. Nem os colonistas sociais escaparam e as frases também se direcionavam para as senhoras pudicas da sociedade que prendiam suas filhas e tinham medo de seus maridos. Em um pulo, foi pego com as cartas na manga e passou o pão que o diabo amassou. Seus pais se sentiram traídos, John sabia que o patrão de seu velho não iria gostar nada do que estava acontecendo, muito menos Martint, o pai-deiro que aliviava as contas no fim do mês. John caiu e estava sendo preparado para o linchamento público quando um repórter da Grande Maçã, passando pela cidade, resolveu saber o que estava acontecendo.

Desceu do carro e o fotógrafo o acompanhou. Aproximou-se de uma garota de vestido verde e chapéu e perguntou o que estava acontecendo na praça:

- Vão bater no Saltador.
- Ahn, um ladrão?
- Rá – ela ri. – Quem sabe um Robin Hood? Os donos da cidade estão putos porque ele diz o que realmente acontece.
- Como assim? – perguntou o repórter.



– O John salta os muros das casas e coloca em primeira mão a edição do *Prawda* que criou porque ninguém o quis trabalhando em jornais da cidade. Dizem que ele é comunista.

– E o que você acha disso?

– Eu não sonho em casar com ele, mas seria uma honra vê-lo escapar dessa arruaça. Acho que o John é um cara de capital, aqui ele nunca vai ter lugar, mas quem sabe onde confiem nele?

E assim foi, o jornalista apresentou seu crachá e o fotógrafo balançou a câmera. A ira da comuna ficou branda e ele pôde conversar com o acusado. Seu esculacho não era coisa de justiça constitucional, era pelas mãos das crias e dos comparsas daqueles que se sentiam envergonhados e vaidosos com essa quebra de controle e poder. Precisavam colocar os pingos nos “i’s”. No fim das contas, naquele dia de enforcamento, o enforcado acabou tomando café na casa do carrasco. A providência do repórter gerou sentimentos paternos, algumas broncas e passadas de lição, mas nada que o prejudicasse tanto. Depois, foram no carro para Nova York. O jornalista queria que todos conhecessem o homem-jornal, aquele que conseguira movimentar uma cidade através de uma simples folha de papel com nome de panfleto russo.

John tentou se reservar, mas um monte de flashes e perguntas invadiram sua essência e isso fez com que o garoto achasse que sua altura tinha aumentado. Na vaidade, despertou suas armas contra os padrões hipócritas da América. Ganhou uma coluna e tudo que dizia enchia a redação de cartaz e telefonemas, muitas vezes recheados com ameaças de morte. Em uma correspondência, uma bomba não disparou por sorte. Mesmo assim, o filho do Colorado não temia a ninguém, estava na terra da liberdade. Quando não procurava temas conflitantes nas ruas, passeava com a garota

de vestido verde pelas ruas de Manhattan. Curtia entrar em clubes negros e ouvir o melhor do bebop. Havia adquirido um hábito saudável de viver bem no meio da metrópole.

Com o tempo, a lua de mel com a cidade foi chegando ao fim. Por inveja, colegas tramaram notícias falsas e outras muito verdadeiras envolvendo pessoas da pesada e isso fez tombar de novo o velho Saltador. Agarrou-se ao relacionamento com sua conterrânea, uma forma de se libertar da nova realidade cinza e seca da cidade do dinheiro e da vaidade. No banco, seu crédito acabou. Na redação, todos tinham receio de manter contato. Sua única amiga era a própria Burroughs, uma estridente carnificina social cometida a cada linha. Para deixar as coisas menos ácidas, Saltador foi designado para trabalhos no exterior. Assim, tiravam ele da reta e da rota e depois, com ele criticando ferozmente qualquer tipo de ditadura ou repressão seja ela bélica, poética ou social, seria fácil criar manchetes internacionais. Os Estados Unidos é um conjunto de nações de indivíduos e companhias, cada um trabalha por si, trabalhando por todos. A cada conquista, seja ela escrita ou filmada, o estado americano toma para si e como se sua fosse. Dessa forma, o jornal ganharia apoio de políticos e empresas e seus executivos ficariam mais ricos e poderiam comprar ações de empresas que exploram países pobres retratados como bárbaros e necessitados de ajuda.

John Saltador carregou seu inglês como o portador da liberdade. Entoou a América e seus exemplos de expressão encantaram alguns líderes. Ficou amigo de guias e incentivou o estudo nas aldeias. Seus textos se tornaram conhecidos internacionalmente e foi um dos primeiros a falar sobre a Palestina apossada pela trama judaico-anglo-saxã. Denunciou o abuso militar na Coreia e recriminou o que chamava de “Teatro da Informação”. Inflamou-se diversas vezes, afirmando

que pessoas interessadas em projetos militares e industriais implantavam falsas notícias e até forjavam fontes para que interesses fossem concedidos ou passados despercebidos no noticiário. Dizem que é uma tendência dessa década.

Há cinco anos recebeu um telegrama enquanto perambulava pela África. Diziam inclusive que encontrou com o líder argentino e um colega francês, Debret, em uma experiência de guerrilha anti-imperial no Congo. Era o governo americano o convocando para uma condecoração federal em cinco dias. A passagem estava comprada e reservada para dali dois dias. Sua percepção paranoica o fez acreditar que era um plano para tirá-lo de circulação. Definitivamente em desacordo, queria acompanhar o desenrolar da guerra civil e não iria embora a menos que todas as formas de liberdade estivessem coexistindo. Tinha seu plano de evasão pela própria savana. Há alguns meses estudava rotas em eventuais situações de risco excessivo. Todavia, antes de responder, iria consultar sua mulher sobre o que ela acharia. Sarah era sempre a favor de que ele estivesse na América, porém John sabia quando ela estava falando por si e quando falava por ele. Sua voz mudava e, mesmo ela não percebendo, Saltador sabia que era um conselho para seguir de verdade.

– Meu John, venha para nós, vai ser muito importante. Todos estarão lá, mesmo os que trataram você como um lixo.

– Não, Sarah, não posso deixar o povo aqui sem ninguém que leve ao ocidente a verdade. Os Estados Unidos não podem me calar.

– Deixe de ser utópico, Saltador! O Edward disse para ficar quieta, mas essa condecoração é uma forma de trazer você de volta antes que a bomba estoure. O levante já dominou Mag e em poucos dias não haverá como sair daí. Vem para casa!

– Não posso!

– Vem, estou grávida!

Sem pensar muito, John saltou do meio do continente africano e em pouco tempo já estava nos braços de sua amada. Sarah já havia tentado engravidar algumas vezes, mas nunca obtivera sucesso. Sua idade já estava avançada para o primeiro filho, porém esse era o sonho do casal. A situação e o seu apelo à vaidade contribuíram para ritmo diminuir e logo depois da condecoração. Apreciava ficar pensando quão liberta seria uma criança no mundo. Acompanhou o crescimento da barriga e vivia um sonho. Seu discurso inflamado aparecia de vez em quando e cada vez pedia perigosamente para um discurso conservador, unindo à verdade, ao casamento e ao amor familiar.

Por obra do acaso, Saltador foi realocado para a seção de crimes e violência. A diretoria confiava que suas palavras poderiam ter efeito sobre os jovens e os pais também concordariam. Escrevia sobre a possibilidade de no futuro as ruas estarem tomadas por câmeras vigiando a violência e a vida íntima das pessoas. Isso ocorreria se as pessoas não parassem de desejar a cascata infinita de ouro. Suas palavras à esquerda davam um ar fantasiado ao que realmente importa para os americanos: liberdade para consumir. John funcionava como uma espécie de humorista místico especialista em geopolítica e teoria da conspiração. Isso divertia algumas pessoas. Em uma pesquisa sobre delegacias de polícia, apresentou-se como repórter e teve acesso ao delegado. Iniciou uma conversa trivial e informou que seu foco era sobre “pessoas presas por engano”. O delegado, sentindo-se ofendido, acabou derrubando uma pilha de pastas em sua mesa. John prontamente se ofereceu para catá-las. Quando abaixou viu um envelope e lhe veio uma sensação horripilante de náuseas. No papel pardo, seu nome. John Elliot, vulgo Saltador. Surpreendido e sem saber o que dizer, apoderou-se do documento e levou consigo. Mais tarde, em liberdade, abriu para ver seu conteúdo. Eram fotos de

sua esposa na companhia de homens vestidos como federais. Em outra, Sarah aparece falando ao telefone. Ao ver a foto, John se familiarizou com a cena, porém a mesma náusea arrepiou seu espírito. Imaginou que era ele que estava do outro lado da linha, mas encheu os olhos d'água ao reparar o homem que caminhava no canto do quarto. Alto, com a mão no queixo, como se se interessasse pelo que Sarah falava ao telefone.

Seu instinto elevou sua preocupação e até duvidou da paternidade da criança. À noite em casa tentou entrar no assunto de forma simples, mas Sarah parecia preparada para a situação. Entrou em crise e assustou a companheira. Na manhã seguinte, deu a entender que sairia para o trabalho, mas se escondeu no escritório. Por azar, ali o fio de Ariadne se desenrolou. Sarah foi ao telefone reclamar com outra pessoa sobre a desconfiança do marido. John percebeu o carinho com que tratava o interlocutor e sua tristeza foi maior quando conversaram sobre a criança e sobre o fato de John não ligar para que o bebê se chame Phillipe, tal qual o pai daquele que estava no outro lado da linha. Sem revelar sua consciência, Saltador saiu de casa e percorreu as ruas sentindo a dor no espírito. Os olhos tentavam em vão segurar as lágrimas e a boca se contorcia. Com mais duas ou três vasculhadas descobriu toda a trama. E ali percebeu que a liberdade oferecida realmente era uma liberdade vigiada. Havia muitos olhos e interesses por cada passo na sociedade. As pessoas geralmente eram interesseiras e raramente estavam sendo espontâneas. O motivo da condecoração era realmente tirá-lo da rota de notícias sobre a exploração de pessoas na pesquisa de medicamentos e na extração de petróleo. Suas matérias comprometeriam interesses reais de Estado. Todavia, antes mesmo dessa possibilidade ser implementada, o agente especial do governo Daniel P. Thomas já se encarregara de seduzir Sarah Elliot. Com o tempo, as informações se tornaram

carinho e logo amor. Como sabiam do sonho de John em ter um filho, combinaram não se cuidar. Assim, com dois trunfos, tiraram o jornalista do fronte e da sociedade. Sem dizer muito, datilografou alguns parágrafos, foi à prensa do NYT e pediu autorização para uma tiragem. Obteve. No dia seguinte, as ruas amanheceram com seus postes decorados com uma folha simples de papel com palavras um tanto quanto pesadas. Desde então, ele procura se descobrir no silêncio, pois se descobrir é poder avaliar o que é liberdade, o que é real, o que é liberdade real. Ele queria apenas se libertar da vontade de ser livre e viver numa vida de entendimento e verdade.

Segue um extrato, muito se perdeu:

“A vida é política. Agora vou criar o meu partido. Ele vai se chamar EU. Quem quiser que me acompanhe, irei para uma floresta de EUs, onde o mundo é sozinho e silencioso. Porém, não serei óbvio de furtar-me do mundo, com o tempo a minha política vai ser de novo a vida. Por enquanto, quero estar longe de qualquer um para refletir no espelho que brota livre no mato, onde converso com quem canta pra mim. A cidade é o homem da cidade, cinza, sem coração, racional, com cores artificiais.”



## KEROUAC vs PARKER

A primeira vez em que encontrei Bird foi quando Ana Lee Morrison estava entregue numa cama vagabunda de hospital. Quando cheguei para visitá-la, um negro em um sofá usava chapéu e, com uma expressão deprimida, olhava profundamente para o corpo surrado de Ana Lee. Ele percebeu meu volume se aproximando e, como se esperasse qualquer um, me disse: “Rapaz, essa garota enlouqueceu a minha vida. Ela estragou mais o meu coração que qualquer droga fodida.” Olhei em seus olhos, cabisbaixos e viciados, mas não parei para respondê-los. Segui adiante. Ele parecia não se incomodar com o cheiro do lugar. Sempre me importo em classificar os bons e maus odores. Geralmente, onde há corpos doentes, há o pior cheiro possível. A doença sai de dentro igual merda, impregna tudo com sua sujeira interna.

Na época eu ainda tinha um lance bem místico, curandeiro. Passei a palma da minha mão direita sobre o corpo de Lee, enquanto pus a outra na sua frente. Fechei meus olhos e tentei me conectar com a divindade da saúde, queria que renovasse suas forças, que suas células fossem restabelecidas o quanto antes. Mas, no momento de pensar sobre isso - em termos de palavras mentais quase audíveis, outro tipo de ideia invadiu minha mente: “Porra, se lá é melhor do que aqui, por que Ele iria querer que permaneça desse jeito aqui! Quando será que se libertaria dessa maldita doença se minha reza funcionar? Se



Ele estiver nos ouvindo, Ele iria intervir, deixando ela sofrer mais com esse corpo moribundo?”

Desconectei meu espírito dessa verdade e insistia em concentrar energias positivas. O homem sentado, vendo meus trejeitos, esparramou sobre mim algo que nunca mais saiu da cabeça. “Ei, cara, Ana Lee não quer mais saber desse seu Deus que faz sofrer aqui nessa terra. Ela quer ir embora, quer voltar para onde seus ancestrais nunca saíram. Deixa ela em paz, cara. Reza pra quem ficou aqui, amigo. Ela já ficou numa boa.” Desconcertado, me afastei da cama. Já o reconhecendo, disse ao sujeito: “Charlie, já te vi tocar o suficiente para saber o quão demoníaco é o seu espírito. Se bobear, você quer que ela vá para você se livrar dessa culpa!” Bird não se surpreendeu com meu texto, mas triscou sua língua nos dentes. “Moço, eu não te conheço, mas acho que não devia falar essas coisas na frente da Lee. Ela ainda tem o direito de morrer sem que dois homens se matem na sua frente.”

Alguém já havia me contado uma lenda do submundo em que vários caras se esfaquearam pelo amor de Ana Lee Morrison e que muitas vinganças haviam sido realizadas e que muito sangue havia corrido em seu nome. Ana Lee Morrison foi embora para algum lugar no dia seguinte à nossa visita. Depois disso, ainda encontraria Bird algumas vezes e em todas ele passou a me olhar como se fôssemos velhos confidentes.

## KEROUAC vs BURROUGHS

Querido Bill,

Nos últimos tempos venho evitando qualquer contato que me remeta a você. Não estou nem um pouco possesso e ainda há amor nas minhas veias congeladas. O que me afasta é a consciência de que tudo que vem acontecendo simplesmente não tem uma resposta. Somos como arqueiros que miram o infinito da noite, mas não podem alçar voo junto com suas setas. Estamos presos, Bill, estamos fincados nesse maldito planeta que insiste em ficar quente e gelado, claro e escuro, amável e odioso. Sei que sua fuga desesperada da realidade é muito sincera e objetiva, sei que tudo aquilo que pôde viver conosco ainda resta em seu coração e sei também que os miolos de Joan, na verdade, foram o alimento e a chave de sua libertação (espero que ninguém veja isso, os puritanos me queimariam em praça pública).

Allen tentou me contar sobre aventuras perigosas na América do Sul. Há algum tempo você não manda cartas e, sabe como é esse judeuzinho, quanto menos esperar, quando estiver nas mãos de índia peruana (ou de um índio), ele irá aparecer e te tratar como uma criança e se parecer com a sua mãe. Ele é sempre assim, realmente nasceu muito errado, Deus tinha que ter lhe dado mais tetas e arrancado o pau da forma. Por falar em genitoras, outro dia vi sua tia Susan e me lembrei do quanto aprontamos na sua casa de inverno em

Indianápolis. Sua mãe foi muito benevolente com o que viu e, principalmente, ouviu. Não entendi como quis nos receber novamente. O caso é que na época éramos como franginhos e eu adorava me exhibir, principalmente para as coroas. Hoje já estou mais sossegado, embora queira logo arrumar alguém que trepe comigo por pelo menos duas vezes seguidas.

Estou enviando esta carta para uma caixa-postal de Bogotá. Espero que você possa recebê-la em vida. De qualquer forma, irei enviar outra correspondência daqui sete dias se você não me responder ou ao Allen. Estamos preocupados, pois sabemos o quanto o macaquinho adora ficar balançando no seu ombro. Não posso discutir a respeito do seu espanhol, mas sua cara de branquelo do norte vai despertar muitas coibiças e ambições por parte dos nativos. Você se lembra da Cidade do México? Havia os que nos tratavam muito bem, os que nos ignoravam e aqueles que estavam a ponto de enfiar o punhal em nossas goelas por simplesmente virmos de cima. Já que você está com a chave virada, cuidado com os maridos e as crianças. Por estas bandas aí, eles são deveras católicos e não entendem certas coisas que por aqui ficariam em silêncio. Vá com calma, velho Bill, vá com calma. O mundo ainda não se curvou à batida, mas nossas almas já encontraram a redenção da verdade.

Me mande notícias suas. Estou acabando aquele livro que nunca acabo, mas agora é sério, um editor bacana de São Francisco parece ter se interessado por algumas outras coisas minhas e até pode ser que outros textos saiam antes dele. Isso me deixa um pouco nervoso, sei que os outros não irão bater na alma americana do mesmo modo.

Não sei exatamente o que fazer para que esses malditos editores parem de ser tão caretas e cretinos. Tenho pensado bastante na hipótese que Diego Ravenno me deu – é claro

que ambos estávamos alucinados: publicar primeiro na Europa e depois voltar para o mercado americano. Tenho medo, o velho continente ainda está impregnado de medo e horror. Talvez na Itália as coisas possam andar, eles são mais loucos e passionais, uma chance de não se intoxicarem com a merda que explano por palavras. Bom... pensando bem, lá tem o Papa e isso já faz metade das chances irem para o espaço. Uma pena, mas é assim!

Ah, não sei se Allen contou para você, mas o rapaz prepara a apresentação de um poema revolucionário. Lembra aquilo que ele sempre tinha na cabeça e repetia infinitamente, como se fosse um “tantra” – hahaha, você é demais, Bill, tem muita sacanagem na caraminhola. É *mantra*, cara, repetição em série de palavras sagradas que faz a mente impura dormir e desperta o espírito adormecido na carne. Chega de budismos, o fato é que Allen juntou pedaços de coisas e criou uma só unidade. Certa noite, apareceu e tentou me convencer a ouvi-lo. Propus que fizéssemos isso na presença de outras pessoas, pois seria incapaz de escutar aquilo tudo sozinho. Meu senso de humor com uma caneta na mão é incrível, diferente de quando estou escrevendo na máquina. Paciência!

Com carinho,

J A C K



## KEROUAC vs O EXISTENCIALISMO

Ver a vida passar diante do nariz. É isso que a maioria das pessoas costumam fazer em seus cotidianos lentos e melancólicos. No inverno, os rostos e as felicidades são diminuídas pela necessidade de se ver constantemente e, além disso, sempre abrigados em algum lugar que não seja lá fora. Meu Deus! A cada segundo eu me imagino terrivelmente longe de qualquer pessoa e, no momento seguinte, uma dor silenciosa e cheia de vazios me faz temer a solidão. Olho para o caminho e não vejo absolutamente nada. Há uma luminosidade opaca que impede qualquer coerência em termos de forma ou expressão. Sinto-me obrigado a dar passos adiante, como se estivesse impelido por uma força que vai além da minha própria vontade. É uma espécie de caos que me abraça e roça a noite fria em minhas orelhas, porém meu pé soluça pela estrada sem muito vigor ou coragem para reagir aos obstáculos. A alma parece chorar copiosamente, escapando aos meus dedos e espalhando-se pelo chão amargo da existência. As palavras que rolam pelo papel são vis e mal-educadas, não querem exatidão, muito menos razão. Preferem a ofensa e o maldizer. Xingam quaisquer olhos que as visualizem. Odeiam a rítmica e a métrica, deixa-as ocultas na inversão de suas pretensões.

Quando se faz um ensaio sobre o que não pode ser dito é preciso deixar bem claro para seus olhos que não há possibilidade alguma de se encontrar uma verdade por trás do desejo de agir ou viver. Aqueles que se esfacelaram acabaram se deparando com obstruções que comiam-lhes a mais sagrada de todas as fronteiras – a desrazão. Esses, tal como eu, não souberam precisar qualquer natureza que possa explicar a grandeza e a pequenez da alma e do homem. Fico repartido em dúvidas sobre como adquirir menos inércia e repetição se a minha vontade própria prefere sonhar com o movimento a realizar timidamente seus feitos.

O mundo podia acontecer de uma hora para a outra!

## KEROUAC vs CAMUS

Acordo assustado na cabine do navio. Olho pela escotilha e vejo que já estamos próximos ao porto de Tânger. Ao fundo, milhares de construções nos esperam ansiosas pelos nossos desejos do mar. Comer alguma coisa saudável, ouvir música local e ficar longe de todo mundo que estive nessa maldita travessia. Sinto meu corpo molhado de suor e abandono aquela imagem. O quarto escuro me traz de volta ao sonho que acabara de me acordar. Estou em Lowell, mas meus pais se mudaram para Ozone Park. De repente o telefone toca e, do outro lado da linha, meu pai tem uma voz fúnebre. Não me sinto preocupado com o estado emocional de sua fala e apenas o escuto em seu lamento: “Jack, sua mãe morreu. O enterro é amanhã. Se puder, venha para cá.” Respondo apenas “sim” e desligo o aparelho. Como estou com muito sono, volto para meu divã e lá adormeço. A noite passa e na manhã seguinte Lucian Carr aparece na porta da minha casa. Ele me cumprimenta com pesar, mas, mesmo assim, nada abala minha vontade. Chego a esquecer o porquê daqueles gestos. “É, ela se foi. As coisas são dessa forma nesse lugar”, digo, saindo pela porta. Carr insiste e me interroga sobre o porquê de não estar triste por aquilo. Não consigo dizer, apenas sinto uma total indiferença pelo desaparecimento de “Gabrielle Kerouac”.

Agora, ao me lembrar disso, me assusto. Já não via em meu espírito qualquer vestígio materno, mesmo estando neste



momento, fora do sonho, dentro de um navio e sabendo que minha mãe está viva em algum lugar do outro lado do mundo. Todavia, as lembranças oníricas prosseguem atormentando a minha vigília. “Lucian, qual é mesmo o seu problema?” “É o putto do árabe”, responde. Ele está louco atrás de mim, quer as minhas bolas de qualquer forma e não sei o que fazer. “Fique tranquilo”, amenizo. “Amanhã resolveremos o seu problema.”

O sonho prossegue em uma louca viagem na qual deixamos Lowell e rapidamente chegamos a um cemitério em algum lugar de Nova York. Lucian me aponta o sujeito, ele vem em nossa direção. Seus olhos estão marcados pelo ódio, mas parecem ao mesmo tempo apaixonados por Carr. Eu me afasto, os dois conversam em particular. O árabe tenta enfiar a mão nas calças do meu amigo, este evita e o golpeia na frente. Um intenso nevoeiro nos prende em uma redoma. Desespero-me em meio àquela cegueira e tateio o chão tentando encontrar algo para apoiar. Sinto uma arma, um revólver. Empunho a coisa e armo o gatilho. Nas mãos do árabe, uma faca dança no ar. O vento frio corta o meu pensamento e força meu dedo, que, sem trégua, acerta o peito do homem. Ele agoniza, mas sinto-me potente o suficiente para despejar-lhe outros quatro disparos. Lucian Carr se aproxima de mim e segura meu braço. Seu toque se torna diferente, mais suave. Sinto um cheiro conhecido, parece um perfume. Olho para o lado, em vez de Carr, quem me segura é minha mãe. Ela já não está morta, mas seu odor, antes um perfume, se transforma em algo altamente podre, como que em decomposição, como uma afirmação de sua morte. Tento me desvencilhar de sua posse, não consigo. Ela mira meus olhos com seus olhos de cadáver e diz com a voz do próprio Lucian Carr: “Sua sentença será de acordo com a indiferença pela morte de sua mãe. Você será condenado ao inferno e, assim como este árabe, seguirá

sua eternidade agonizando por sua inexpressiva existência.” Foi exatamente neste instante em que eu acordei completamente assustado com tudo aquilo.

Na manhã seguinte, já em terra firme, tenho um encontro marcado com um agente que pretende publicar meus textos na Europa. Seu nome é Maurice e parece um sujeito interessante. Ainda atormentado pelo sonho, não me concentro em nossa conversa. Tenho uma louca vontade em reparar um erro. Ele me convida para uma festa em sua cobertura de frente para o mar. Recuso a oferta e perco a oportunidade de me tornar alguém conhecido no velho continente, deixo para o futuro qualquer julgamento, tanto sobre minha mãe quanto sobre livros ou assassinatos.



## KEROUAC vs CAMILLE

Uma imensa dor corrói o meu espírito há cinco longos dias. Ela simplesmente deixou a casa e partiu. Não disse nada, nem antes nem depois, bateu a porta forte o suficiente para que eu entendesse que não deveria gritar por ela na janela, torci meu estômago e meu coração alcançou a goela. O ar me escapa aos poucos e fere o pulmão. A mente não consegue se desviar senão pelo seu corpo imaginário e seu sorriso ébrio. Pensei em me enforcar, achei exagerado. Pensei em autoflagelação, logo, logo me arrependeria, nenhuma das duas dores passaria na velocidade de um avião. Estou entregue ao mundo, meus olhos caíram, minha boca murchou, meu pau é uma meia velha, vazia e abandonada.

Conheci a maldita em um dia louco de bebop. *Zum, zum, ducupaque, pra paque, pra paque, tum dum*. Estávamos todos muito altos e ela veio na companhia de Chad – grande amigo, por sinal. Tímida e ao mesmo tempo audaz, seu jeito era o próprio paradoxo. Olhos negros, grandes, arredondados. Ah, e os lábios, puta que pariu, que boca perfeita que me presenteou com momentos sublimes, dionisíacos, presentes em minha alma chorosa. Não há mais como... não existem mais beijos doces. A maioria das garotas costumam ficar quietas em um canto de boate na América até que alguém ou as assuste ou as conquiste. A maldita, antes que qualquer sacana fosse ao seu encontro, inaugurou a pista de dança do lugar, balançando

o perfume do seu corpo sobre o nariz de qualquer um que tivesse olhos para ver aquilo. Um flashback abriu as portas do meu passado. O velho mestre budista e sua mensagem de esperança: “Só assim, Jack, só dessa forma meu caro.” Ele dizia sobre o “outro”, o grande “outro” da minha vida. Somente quando conseguisse ser cego de amor, um verdadeiro servo, seria realmente e definitivamente alguém nesse mundo. “Pequeno Jack, alguns vivem para o sacrifício, outros para a festa, sua alma não sabe qual caminho deve seguir, é uma alma solitária, mas que precisa aprender a se doar para o outro, para uma mulher.”

E, no meio de toda essa confusão mental, uma imagem nada desagradável interrompeu meu pensamento. Percebi que seus olhos miravam minha admiração. Ela me olhava e eu me sentia um privilegiado. Tomamos vinho, conversamos sobre literatura e, antes que percebêssemos, estávamos morando juntos. Eu, ela e minha mãe.

É claro que a velha iria querer saber quem era aquela outra xoxota que estava chegando naquela casa. Primeiro foi cordial, sem muitas palavras. Com o passar dos dias, quis saber sobre a família, as preferências religiosas e outras coisas do passado da moça. Isabela, claro, ficou desconfortável quando minha mãe perguntou o que achava dos judeus do bairro.

– Bom, eu... sou judia.

– Ahn... mas seu sobrenome é latino, é Oliveira. Como pode?

– É que somos cristãos-novos. Só conseguimos sair da Europa quando trocamos nosso sobrenome. Mas meus bisavós conservaram as tradições judaicas e, quando conseguimos nos estabelecer em São Paulo, recuperamos nossa religião.

– São Paulo? Bem que notei um sotaque.

– É, sou brasileira.

– Ahn... minha virgem! – E minha mãe saiu assustada da sala, indo para o altar que ficava em seu quarto, e passou a rezar com seu terço durante a noite inteira.

– Te-jean – disse Isa –, sua mãe parece não gostar muito de mim. Fiquei ofendida como ela me tratou.

– Você não entende, pequena. Ela acredita que estou prometido. Sonhou com um santo antes do meu nascimento. Acha que irei encontrar a minha rainha perdida. Somos católicos e minha mãe é mística, sempre me disse muito mais coisas interessantes que o padre ou qualquer outra carola.

– Então quer dizer que estamos fadados ao fim?

– Claro que não. É tudo uma questão de fé. Quem sabe você não é essa tal sereia que irá transformar a minha vida?

Minha mãe passou a exercer uma pressão sobrenatural sobre a garota. Todos os dias quando Isabela e eu estávamos quase gozando juntos, minha mãe batia à porta do quarto e fazia uma pergunta tola do tipo: “Você acha que irá chover hoje?”, “Botou o lixo pra fora?”, “Jack, o padeiro separou de sua mulher!” Apesar de amar muito mamãe, decidi que, naquele dia em que perguntou se iria dormir em casa (claro, durmo todos os dias), não iria ficar quieto. Levantei da cama – meu pau já tinha se escondido nos pentelhos e me vesti. Saí do quarto e minha mãe estava chorando na cozinha.

– Mãe! Por que faz isso comigo?

– Faça o quê?

– Atrapalha meu relacionamento com Isabela! Porra, já estou de saco cheio das suas...

– Mas, Jean... eu só acho que...

– O quê? – interveio Isabela, já fora do quarto e vestindo poucas roupas.

– Vocês dois são corruptos! Vivem sob o pecado. – E colocou a mão na cara e saiu chorando para o seu quarto.

A noite, claro, não parou por ali. Isabela também chorou e suas lágrimas me deixaram triste e impotente. Não consigo sair da barra da saia da minha mãe há cinco anos. Não sei se sou corajoso por isso ou covarde. De qualquer forma, seria o inferno se morresse morando com Camille Kerouac. Eu não sou mais criança!

## KEROUAC vs CORSO

Dezembro tomava Ozone Park melancolicamente. As árvores já apresentavam a habitual solidão esbranquiçada, seca e gelada do bairro de operários. As pessoas já não se cumprimentavam, afinal o inverno estava tão rigoroso e o vento tão impertinente que era preciso vestir seis, sete peças grossas de roupa para não preferir estar morto e enterrado. No caminho de volta ao meu apartamento, passando em frente ao All's, vi Gregory Corso, acompanhado de uma garrafa de vodka. O homem sujo dos Bálcãs tinha uma cara um pouco desgostosa e, num piscar de olhos, em uma abertura dada pelo meu olhar, começou seu discurso infinito sobre a liberdade humana:

– Jack, você sabe em quais circunstâncias um bom filho pode fazer mal ao seu velho pai?

– Na minha ou na sua moral? – perguntei um pouco enfadado.

– Na do mundo, Jack, na do mundo...

– Ok. Na sua moral, que é a moral do mundo da verdade.

Bom, vejamos... – Olho para a garrafa fechada em sua mão e penso como que aquela vodka poderia me esquentar corretamente naquela tarde. Retomo sabendo exatamente o que falar: – Sabe, senhor Gregor Samsa... – Ele adora quando o confundo com o personagem de Kafka. – Um bom filho faz mal ao seu velho pai quando precisa respirar o mundo solitariamente e, para ter coragem de fazer isso, perturba a vida



do pai pesquisando e fazendo todas as coisas que o deixam puto e doente. Só assim, na dor do ódio do pai por seu “mau” exemplo, ele consegue se encontrar plenamente. Quando o pai se sente um educador inútil e frustrado, o filho lhe faz o maior mal possível.

– Ei, eu penso nisso às vezes, Jack. Na verdade, um filho faz mal ao pai quando ele não traz o produto de seu furto diário, fruto de seu trabalho antropológico e de correção social. Peguei de uma vadia essa grana, e da lojinha do china, a vodka. Vai querer?!

Convenci Corso a continuar o papo no meu apartamento. Ele estava também à procura de um lugar menos frio para se concentrar na loucura de seus pensamentos. Antes de entrarmos pela porta da frente, ele veio com uma forte teoria sobre a Espanha ser o grande lugar do mundo. Em sua encíclica, mais precisamente na parte em que fala sobre o Apocalipse, Corso me revelou naquele momento que os espanhóis tinham sido a peça fundamental do Criador na Terra, os responsáveis pela passagem da mensagem pelo mundo, o verdadeiro povo escolhido. E deu milhares de motivos loucos que só faziam sentido em sua cabeça. Por fim, tentava me convencer de que uma das provas era a quantidade de culturas diferentes que haviam sido tocadas pela Ibéria. Inclusive os países miscigenados como o México e a Argentina.

– Só um princípio divino iria conseguir entender a vida de uma forma tão simples e perfeita. Já viu Buñel, Dalí? Já leu García Márquez, Borges, Llosa, Amado?

– Sabe que você me lembrou de uma coisa que nunca dividi com ninguém, mas sempre pensei? Cara, o Aleph é a verdade suprema, ele é o caminho, a luz e a vida. É ele que me faz levantar e respirar todos os dias, se não tivesse lido aquelas poucas páginas eu nunca iria me sentir satisfeito com a vida. Entrando

por um ponto e saindo em todos os outros, saindo por todos e entrando num mesmo ponto.

– E dizem que ele está cego. Era um puto, gostava de ir a cabarés e ficar chupando as putas. Às vezes, bêbado, botavam um pinto em vez do grelo e ele nem notava. Continuava a mamar como um bezerro.

– Verdade?

– Tenho parentes em Buenos Aires. A família foi uma parte para o sul e outra para o norte.

Nesse instante, como um gatilho, uma epifania, algo parece ter me revelado “A Verdade” tal qual falou a Gregory Corso sobre os espanhóis:

– Samsa, é isso, Samsa! Presta atenção, seu pederasta inútil: sempre existiu uma lenda de que o paraíso ficava ao ocidente. Em várias culturas, inclusive na cristã e na nórdica, era pra cá que a verdade estava escondida. Porém, os judeus acharam que a verdade estava no norte, os ingleses também, franceses até tentaram, mas quem sabe ela está mesmo é no sul, cara! Para onde os espanhóis e portugueses rumaram? Onde holandeses e franceses falharam?

Ele não esperou muito para exagerar na viagem. Sua birra consistia em ter certeza de haver uma ligação muito clara entre as vontades do invisível e as coisas da Terra. Corso é um filho da puta, mas entende pra cacete de ocultismo, messianismo e o caralho. Tem certeza de que somos filhos do demiurgo, mas que há algo anterior a esse monstro de cabeças sedentas e desesperançosas.

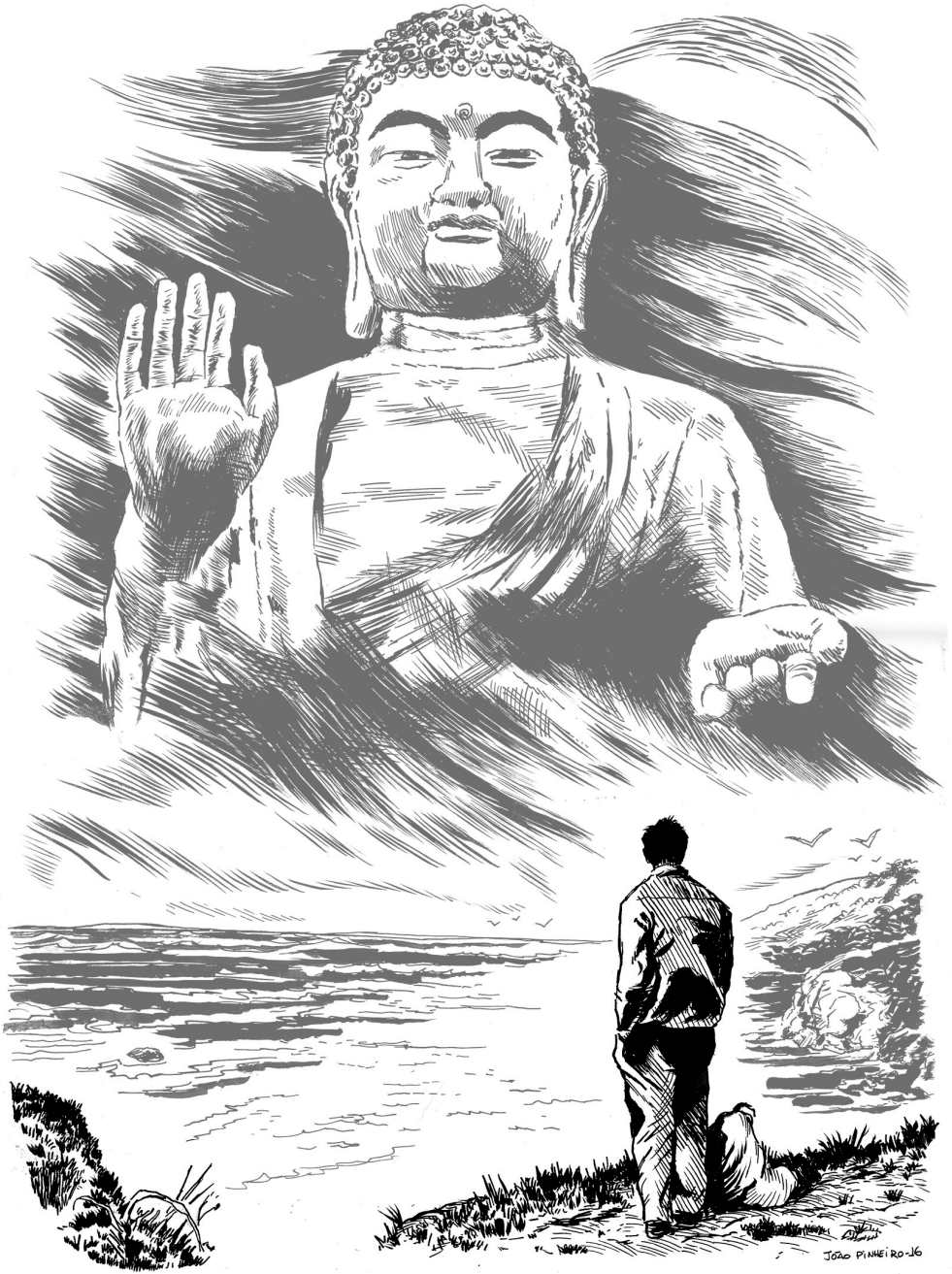
– Quem sabe o mundo da verdade não é como o americano e o europeu querem, mas como um poder louco e divino atua, uma fé que só vi no México e nos livros desses latinos. É crer mesmo que do nada as coisas melhoram e, quando a gente faz lenha, tudo desanda. Quem sabe o Cristo vai voltar por estes povos, perdido no meio de índios, negros e brancos, pobres,

sujos, malvistas, mas totalmente preenchidos de fé e esperança. Um verdadeiro Aleph messiânico, capaz de compreender os sentimentos e as emoções de qualquer cultura já produzida.

Dou uma golada um pouco mais forte, que me faz soluçar no exato momento em que dizia a Gregory: “Tomara, meu velho, tomara!” E ainda pensei: “Será que a gente terá saco para esperar esse moleque nascer?” E, na minha cabeça, uma voz com sotaque latino me dizia: “Tomara, meu velho, tomara!”

– Sabe, velho Jack, eu não sei muito do que vai acontecer com a gente, pequenos desse jeito. Mas acho que essa porra de mundo do qual falam por aí não é nada disso que andam pregando. Me dá mais um pouco desse veneno...





## KEROUAC vs O FIM

Daqui a sete dias chego ao ponto em que já me sinto honrado de ter alcançado nesta vida, não preciso mais do que 33 anos, sei que deixo obra ainda fragmentada, incipiente e que valeu muito mais de aprendizado para mim mesmo do que para os outros. Ao meu ver, uma falha do bodhisattva. Espero que aqueles que correram comigo possam dizer aos que ficam e para aqueles que a memória não consegue recordar que meu sopro para essa morada foi uma ideia de como as coisas poderiam ser pensadas. Não acredito na miséria humana nem que somos marujos de primeira viagem. Essa vida é quase uma piada. Levá-la como sempre se levou é uma forma de ruína.

Nasci em uma cidade do interior, mas não em uma vila ou algo pequeno e afastado como um rancho. Éramos uma cidade como nos moldes europeus, não na imensidão e no tamanho da ganância americana – fábricas, dormitórios, comércio. Assim, cotidianamente o capital cobrava suas obras ao povo. Meu pai era dono de uma gráfica. Ali aprendi o gosto pela redação. Fui jornalista e editor ainda em Lowell. Lia os jornais de Boston e os que vinham de Nova York. Ouvia todos os programas de rádio possíveis. Acreditava que minha função nessa vida era dizer para as pessoas sobre as coisas. Mas sempre achei muito difícil colaborar para que as palavras saíssem conforme o “melhor para as pessoas lerem”.

Nessas cidades médias, há ambições de grandes centros, mas tradições ainda presas às pequenas castas formadas em torno daqueles que ali povoaram. São imigrantes, pessoas com religião ou origem diferente. Os poucos árabes que moram em Lowell, por exemplo, são todos turcos. Não há distinção se são da Síria, do Líbano ou do Iraque. São todos turcos. Os gregos conseguiram se distinguir entre as outras nações. Porém, como têm similaridades com os albaneses, que não são turcos, mas também absorvem algo dessa cultura, muitas vezes é possível ter comunidades com esse hibridismo e, na rua, pode haver de um grego ser chamado de turco, pois fora confundido com um albanês. Entretanto, a grande maioria dos que vivem em Lowell são de origem franco-canadense, como os da minha família, ou descendentes de alemães luteranos e ingleses. Nada diferente de um ideal branco, cristão, paternalista. Sem muitos negros ou índios. Aliás, nós, os franco-canadenses católicos, talvez éramos o grupo menos ocidental, aquele que havia já se diluído entre os povos originais e os franceses, ainda no século XVIII, mas aqui, no novo mundo.

De repente, meu pai perdeu tudo. Ficamos em um fúnebre inverno e tudo parecia que iria desabar. Mas o velho foi forte e prosseguiu e conseguiu forças para alcançar novas passagens. Trabalhou como nunca antes na vida e reergueu aquilo que parecia que iria se romper. Humilhou-se servindo aos caprichos de seus antigos concorrentes, agora patrões. Estancou a derrocada e nos apresentou a uma vida bastante diferente e, ao mesmo tempo, digna e próxima ao que realmente é – a vida de fato do espírito livre e o homem impedido na matéria.

Eu me libertei de vários daqueles sonhos iniciais. Queria reconhecer a minha alma e fazer sobre o mundo a realização

do pensamento livre. Não queria ter coisas, queria momentos. Não queria ser alguém, queria ter gente de verdade por perto, pensando sobre a nova visão, sobre a vida não apenas mais como o sofrimento do Cristo, mas de sua tentativa em fazer soprar o grito de indignação na alma em relação à vida e às cobranças da sociedade. Cotidianamente, eu queria viver. Não sabia se acreditava mais na biologia ou na cristandade ou se havia uma justificativa que contemplasse o místico e o racional. E ir para a cidade grande foi a contemplação de todas as possibilidades de completar o corpo com a vontade.

Vivo na maior cidade do mundo há mais de dez anos. Quando cheguei aqui, meu pai foi embora e vi, triste, o corpo da minha mãe se levantar todos os dias restantes para ir às lides de produção e, assim, poder comprar o papel para a minha vida. Passei noites em claro escrevendo sobre o vácuo da experiência de ser um espírito amalgamado a um corpo social. As drogas e as bebidas foram ferramentas para curar a incerteza do dia seguinte e a doença incurável do vagabundo. Na cidade grande, aprendi que todos os homens são idiotas perante a si mesmos. Olhar de fora de si e sobre a si mesmo lhe garante entender muito da própria pequenez das escolhas coletivas. Usei e ainda uso roupas que não sei de onde vieram nem para onde irão. Todas elas contam histórias de seus donos mortos ou mortos de fome que delas se desfizeram ou foram desfeitos. Algumas me falam sobre a vida sossegada que levavam no subúrbio até que as brigas começaram e a solidão ocupou aquela camisa. Botas são minha especialidade em compras de segunda. Nada melhor do que uma de couro já amaciada. Se pretende se lançar pelas estradas, nunca compre sapatos novos. Use aqueles que já tinha ou procure um defunto que calçasse seu número.



Em todos esses anos, nesses próximos sete dias, queria mesmo saudar a beatitude. A frequência gama do jazz e o desapareço do buda. Que meu espírito possa se mexer nessa caixa oca desejante e egocêntrica. Que meu corpo possa se libertar de suas entidades sociais. Uma mosca tem todo o seu ciclo completo em sete malditas noites. Eu terei pela frente sete passos para sete palmos. E isso não me deixa inseguro, mas felizmente íntegro. Sei que vivi mais para mim do que para os meus, mas, mesmo assim, sinto que em uma próxima oportunidade, depois de purgar na inércia da imaterialidade, voltarei ainda mais revigorado e doravante preparado para não precisar me privar das vergonhas que agora sinto. Ser gigante diante de si e ser um anão perante o mundo, esse é o desafio. Não se sabe se irei vivê-lo ou se sobrevivê-lo, mas, com certeza, andar pelo fino meio-fio da vida ainda é a única coisa que nos resta nesta semana.

## KEROUAC vs DIONÍSIO

Sempre achei engraçado que alguns homens se considerassem deuses. Naquela maldita noite eu tinha uma garrafa de vinho barato na minha mão esquerda e os peitos deliciosos de uma negra na direita. Sentia que em minhas veias pulsava o espírito de Dionísio, o deus duplamente fecundado: uma parte no ventre de sua mãe humana, Semele, e outra, nas coxas de seu pai, Zeus – o deus do céu e da terra. E eu sou isso: uma mistura da merda humana com a sabedoria celestial, um enteal puro e errante e ultramente pobre de espírito – não tenho muito critério em escolher dias bons e dias fodidos, por isso, posso falar do sublime num instante e ser completamente baixo a seguir.

Tinha sido um evento daqueles, mulheres, bebidas, drogas e tudo o mais. Qualquer versão de sanidade da parte de alguém soaria como pura hipocrisia. Entretanto, havia uns bons sete meses que eu não me metia nem com mulheres nem com álcool. Entretanto, naquele dia não teve jeito de escapar. Caí de cara na bebida e na sacanagem, incondicionalmente. Foda-se minha tentativa de iluminação, deixei meu *satori* para Paris.

Hal veio com um papo de que na Grécia Dionísio aparecia em qualquer um que de repente apresentasse, ao mesmo tempo, sabedoria e concupiscência. A maioria dos homens, como qualquer bicho, apenas pensa em trepar. Um ser assim, divino, além do sexo, sabe que tá ali para salvar a humanidade.

Como em um ritual haitiano, o santo baixava e todo mundo sabia que ali estava o deus do vinho e da putaria. E o pior, todas as mulheres iam direto querer saber se a pulsão do escolhido era divina ou não. Não que isso tivesse acontecido comigo apenas naquele dia, mas já havia em alguns outros episódios – mas é claro que na América nenhuma ou quase nenhuma fêmea iria vir pra mim só porque estava pelado e de pinto endurecido. Era preciso sempre um papo formal, cheio de promessas e regado a uma indireta do tipo “sim, depois que gozar, apresento as alianças”.

No meu retiro espiritual consegui até me afastar da sagrada erva. Porém, naquele dia, alguma coisa – provavelmente Dionísio – soprou no meu ouvido e disse que seria como nos velhos tempos. Hal, como sempre, tinha um gigantesco baseado pronto para a ocasião. Como todo mundo já estava entretido com outras coisas, acabou que eu tive que carburar tudo aquilo solitariamente e depois de mais de meio ano sem qualquer contato.

Percebi claramente todas as mazelas humanas e vi que o amor pelo próximo era a grande solução. Dizia chapado: “Foda-se a América! Tirem seus filhos da Coreia, essa luta é para os besouros, não para os homens iluminados.” E naquela noite devo ter enchido o saco de metade das pessoas que estavam ali e outra metade se afastou antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Falei sobre o Cristo, sobre como amava minha mãe, sobre como subir as montanhas ligava o espírito e de como era feliz de poder morar na terra da liberdade. Que escrever era um ato místico e que me tornaria o grande escritor da América.

Entretanto, depois de todo aquele papo, Dionísio se irritou com a minha conduta e insistiu para que eu caísse no mundo dos homens novamente. Queria mesmo ver se eu era

digno e me fez querer ir em frente. Olhei para aquela garota negra, linda, desolada, perdida e drogada. Eu a vi como uma espécie de Virgem Maria do pós-guerra, uma grande oportunidade para uma nova humanidade.

– Oi – disse.

– E aí?!

– Então... – Antes de acabar a frase, minha braguilha já estava aberta e meu pau à meia bomba para fora. Acho que era disso que a lenda de Dionísio dizia: sexo fácil e rápido, só era preciso interpretar o deus.

Todavia, não era isso. Ela, Rose, olhou para mim e disse:

– Te observei a noite inteira. Não pense que isso aconteceu porque sou uma puta. Vi o que você disse, acredito em você. Nunca ouvi qualquer branco que pudesse entender tão bem o sofrimento de minha alma. Quis te recompensar com a verdade que havia dito. Quer um gole?

Sete meses tinham se passado desde a última golada. Agora, já nem sei quanto tempo tem desde que isso ocorreu, a única coisa que eu me recordo é que, desde então, não houve sequer um dia em que o álcool não desceu minha boca. E a maldita ainda me disse que isso era porque meu signo era de peixes e que, nessa casa astrológica, os nativos tinham uma dupla identidade: ao mesmo tempo em que se sentiam como deuses, desejavam em seus vícios, como os homens.



## KEROUAC vs FOUCAULT

*Odeio quando as coisas não saem como planejadas.* Essa frase insistia em me perturbar nas últimas duas semanas. Fico com uma espécie de dor de cabeça quando sinto que tudo vai dar muito errado. Eu tenho planos e cada passo é um passo calculado. Deve ter muita gente fazendo “ahn, mas você não é o cara que sai por aí, à deriva? Que pula do vagão e não sabe o que irá encontrar na próxima esquina ou garrafa?” Sim, sou eu, mas controlo quase todos os meus passos mentalmente, até o caos pode ser mapeado. É só QUERER não ter um destino certo. É pensar racionalmente e esperar a aleatoriedade da vida bater na sua porta dizendo “olá” e pronto. O que desagrada a minha existência neste exato momento é a dúvida pela validade de uma ação. O que o homem faz que não é para o outro? O pobre vaidoso se mata diariamente para mostrar ao mundo o seu valor, mas nem sempre os olhos alheios estão atentos ao que faz, somente ele mesmo presta atenção, como se fosse também o seu único público. E não era para ser assim? Uma ação deveria valer por ser executada, independente se anotada, filmada, gravada em rolos de fitas, mencionada em discursos, agradecimentos, livros de história, teatros de escola, contada em ações de graça, como exemplos na igreja, nas rodas sociais ou na de *junkies*. Ela é o que é e cada um a faz porque aquilo lhe parece correto de um modo, mesmo que o correto seja o errado. O maniqueísmo

tem que cair. Enquanto o mundo continuar bipolarizado viver vai ser uma farsa.

Teve um tempo em que acreditava exclusivamente na força coletiva das coisas. Hoje, acho que todas são individuais e silenciosas, mesmo que provoquem muitíssimos resultados na coletividade. As experiências são parcerias do indivíduo com a realidade, um dos momentos em que ele não está só. Mas quando se escuta um jazz, sente-se a vibração dos acordes como se fosse um delírio. Muitos caras não precisam de qualquer coisa para pirar no estremecer do espírito despertado pelo bebop. Apesar de muitos estarem ali assistindo e seus corpos até corresponderem a certos padrões de movimento, cada um, cada mente ou pedaço de individualidade vai estar atenta a sua própria experiência, única. A liberdade sempre foi discutida sobre estes termos: como acreditar que um ignorante tem individualidade? A prepotência sempre foi uma faca de dois gumes para nós, os racionais do ocidente. É claro que um completo inábil pode entrar no ritmo de uma *big band* e, do nada, começar a tirar alguma coisa da bateria. Ainda assim, a soma de tudo é tremendamente íntima. As pessoas podem até sentir alguma coisa, ter leituras, sensações, agir no impulso e ter uma espécie de epifania coletiva, mas, sobretudo, por mais que a encenação pareça ser composta por padronizados, essa é a sensação que se tem do que é o outro, de como ele reage, absorve, discute. Talvez os que seguiam Hitler tinham lá suas razões um pouco sufocadas pela teatralização da vida, mas muitos entendiam e concordavam com o que estava sendo apontado. É claro que uma grande minoria sabia o que realmente acontecia e, entre ela mesma, outros grupos tinham lá seus segredos e propostas. E, dentro de cada organização informal, uma porrada de gente diferente, mas todas parecidas, com a vida igual, alguns gestos

idênticos, mas com tendências e determinações diversas. Somos levados na onda, mas, ainda assim, somos frutos do mar. Para o amor e a sabedoria não é preciso ter razão científica, mas para se dedicar a ela, sim.

Gastei tanto da sua atenção até aqui, mas de forma alguma quero deixar de comentar o que me deixa desgostoso. Entrei em passagens secretas, tanto da literatura quanto do meu espírito, que quase perdi o objetivo da frase inicial deste texto. A verdade é que há alguns meses as coisas já não estão mais as mesmas. Não consigo realmente me concentrar e sou movido em direção e também por aquilo que me é extremamente necessário apenas. Queria muito poder ter inspirações diariamente ou, pelo menos, força para dar força para as coisas que saem da minha mão. Fico muitíssimo cansado e mentalmente confuso, como se fosse uma necessidade profissional e nada mais, como se eu tivesse perdido o tato da coisa, o sentimento, o espírito. Para um poeta, um bardo, isso é o desastre, não conseguir mais enxergar Avalon ou mesmo o maná que circula pelo mundo. Mas hoje, agora, vejo que o que mais me intriga já não é o que me deixou odioso. Já não me importo com o fato de ter passado duas horas fazendo uma anatomia seca do meu cérebro para escrever um texto que, quando saiu, doeu a cabeça, quando ficou pronto, eu escondi do meu ego, porém me senti reconfortado por ter completado aquilo – já que é um profissional da coisa e precisa escrever, mesmo estando completamente sem inspiração real –, um blefe.

Estou em uma cidade no interior da França. Há uma incursão literária por localidades pequenas, aconchegantes e sempre, sempre com muita gente louca que toma todos os vinhos e trepa de várias maneiras novas que não tinha visto ainda na América. Mulheres magrinhas, com peitos interessantíssimos. Assim, passo essas últimas duas semanas



sem sair muito da linha e sei que isso vai dar em algo de muito constrangedor, só espero o momento em que tudo emergirá, levando Sodoma e Gomorra para os infernos. Mas também, de vez em quando, a gente discute alguma coisa sobre livros, artes, cinema, existencialismo e filosofia oriental.

Tinha acordado às cinco da tarde com uma ressaca tremenda de cigarros e dor de cabeça patrocinada por Dionísio – uma safra especialíssima de 59 guardada a sete palmos da terra. Estava sozinho em um hotel e esperava o telefonema de meu agente literário na Europa – só ele tinha o endereço da próxima festa. Porém, uma parte do flashback da noite anterior me fez sentir uma angústia profunda. Não produzia nada havia muito tempo e, no meio de todos aqueles escritores e filósofos, cineastas, artistas produzindo uma infinidade de coisas significantes e, por que não, beatificadas, eu ficava acuado, tímido, engolido, um garoto mimado, agarrado a uma garrafa de Jack Daniels como se fosse um ursinho e a um livro, sucesso de vendas com um monte de histórias do bom selvagem da América – me sinto um índio brasileiro na França de Luís XIV.

Então, escrevi, escrevi, fiquei puto, continuei a escrever, amassei, desamassei, passei a borracha, rasguei o papel, escrevi e, depois de um tempo, acabei alguma coisa. Coloquei no bolso, pronto para mostrar para um dos diretores franceses de vanguarda que ficara admirado com *O Livro* e jurou retratá-lo um dia no cinema. Era um cara bacana e humilde, sabia falar com todos, mesmo que só estivesse em seu pensamento o tempo todo. Ele mesmo me inspirara a escrever, me incentivou a criar novamente pela intuição. Mesmo que eu não tenha realizado um texto 100% puro, pelo menos tinha alcançado algum resultado que não a desistência em minutos, como estava me acostumando.

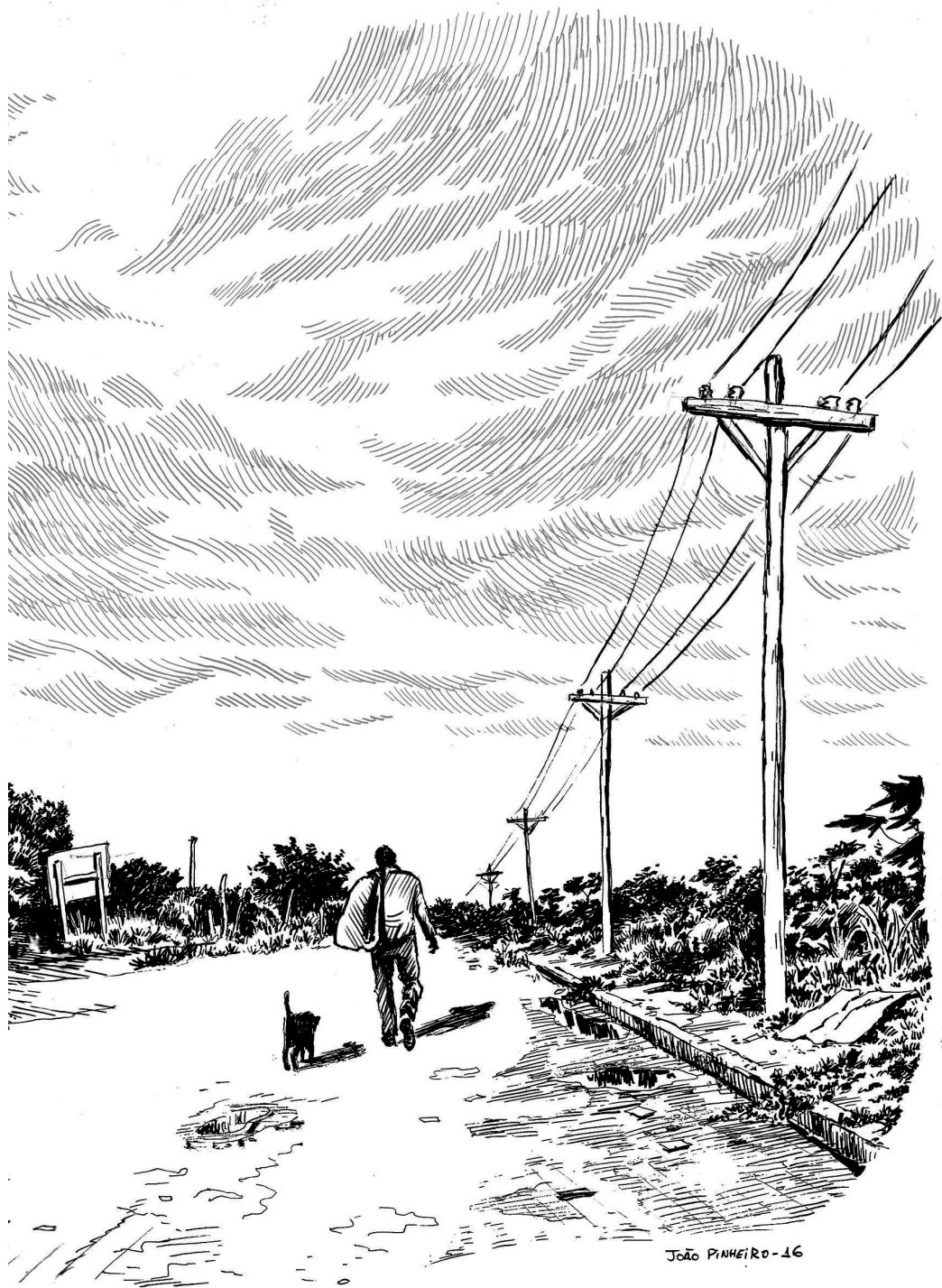
Meu agente passou, fomos para a casa de um pessoal bastante liberal. Um dos que mais me impressionaram foi um sujeito alto, um tanto silencioso, mas ao mesmo tempo arrogante. Usava óculos redondos de aro fino e raspava todo o cabelo. Um autêntico personagem daquelas magazines de ficção científica dos anos 50, um cientista clássico de Asimov. Conversou algumas palavras comigo, mas o suficiente para tentar me convencer de suas teorias conspiratórias. Curtia muito o lance de fazer uma arqueologia das coisas, das palavras, das culturas. Dizia-se um doutor na loucura e era extremamente apavorado com a medicina e o seu poder negativo sobre o homem. Percebi também sua inclinação para o narcisismo – talvez tenha sido um filósofo grego em outra encarnação! Fiquei meio resabiado até porque ele realmente tinha um aspecto interessante, por isso parei de dar muita atenção ao seu papo e fui procurar outra roda para poder guiar o assunto em meu francês-inglês do Canadá-América, meu idioma incompleto. Jean-Luc estava se exaltando, falando de experiências realizadas por um grupo holandês que pratica happenings por toda a Amsterdã e publica um tabloide revolucionário, os Provos. Eles espalham prendas por toda a cidade e ainda criam pontuações para determinados atos que podem ser vistos como desobediência, mas, para quem os pratica, estão cheio de vida, resistência e arte. Não quis entrar muito no mérito da questão e deixei o assunto me dar uma brecha para que pudesse emendar alguma história que passasse a comandar a situação. Consegui. Estava narrando sobre o dia em que visitei a Cidade do México, o mesmo em que a Frida Kahlo tinha partido. Foi muito louco, todo mundo triste, um sentimento muito misterioso, parecia a guerra. Quando iria falar sobre a Casa Azul de Frida, o tal careca, se não me engano, Michel, veio pedir o fogo para acender a lareira. “Cara, tenho aqui uns fósforos.

Mas, por favor, devolva depois, hein!?” Joguei e ele catou a caixa de fósforo no ar, sorriu e voltou para a sala da lareira.

Dali a um tempo, fiquei a sós com Godard. No meio do papo me lembrei do texto – aquele mais ou menos da última tarde, queria que ele lesse, desse uma olhada em primeira mão. Notei o bolso da calça um pouco vazio, mas me lembrei dos fósforos. Enfiei minha mão e percebi algo dobrado, puxei, mas com a impressão de não ser a brochura que procurava. Era, na verdade, um cartão-postal dobrado, enviado por Bill – Cidade do México, 1952. Lembro-me de ter retirado os papéis com o texto anotado e tê-los deixados sobre a mesa de algum lugar. Eu os retirei do bolso porque precisava pegar alguma outra coisa que estava lá dentro, talvez os próprios fósforos. Pedi licença e fui para a sala. Procurei os papéis e não encontrei nada. Michel me viu intrigado e quis me ajudar. Disse a ele sobre o propósito da coisa e seus olhos disseram tudo, viraram para trás e deram um giro pela órbita, seguido de um sonoro e em médio agudo, Ahhh! O filho da puta acendeu a lareira com os meus papéis! Fiquei muito irritado, puto da vida, aquele demônio intelectual – tiveram que me conter, mas logo fui transferido para a cozinha e comecei a beber sozinho. Enchi a cara com força e passei o fim da festa questionando os idiotas franceses por que é preciso catalogar, classificar, expor todas as coisas? Por que, se os outros não passavam do nosso inferno? Escrevi um texto para mim e só por mim e ele nunca foi lido e nunca mais poderá ser visto ou ouvido. Eu mesmo, de tanto não gostar daquilo, hoje, dois dias depois, só me recordo de fragmentos e temas que pude ter tocado. Alguns, claro, estão por aqui também, mas acho que isso talvez já fosse óbvio. Ele tinha lá sua pureza, assim como hoje, tem intuição. A datação e o registro do homem e das coisas dele e das coisas que dele transcendem como a natureza selvagem

podem se tornar alienantes para aqueles que pensam por pensarem racionalmente. Inclusive, esse próprio homem aí, esse que pensa racionalmente apenas, em prol do progresso, do positivismo, que busca liberdade fazendo prisioneiros de guerra, que almeja igualdade se separando por muros e acha que a fraternidade está no dinheiro, esse aí, bem que poderia ser bicho em extinção, uma lástima da modernidade que tende a ser o oposto do que prega, dizer para se ver livre, prometer para descumprir, amar para ganhar. Inclusive, com cara e voz de santo dentro da igreja ou do laboratório científico. Tentar escrever o que o homem é, é deixar de ser homem. Conquanto esse homem persistir, ele nunca vai ter confiança para acreditar em si mesmo.





JOÃO PINHEIRO - 16



## KEROUAC vs AFRODITE

E tudo acontecia ao mesmo tempo. Eu do meu lado sendo entorpecido pela vontade de liberdade, e todas as outras pessoas pensando em como esquecer o momento seguinte. Entrei no quarto e um casal de Denver se entretinha debaixo do lençol. Procurava uma ferramenta necessária para o ritual de “sacrifício” – iríamos oferecer boas vibrações à Mãe Terra. A Deusa merecia uma boa devoção com suas donzelas sendo desvirginadas pela décima vez. Tentei falar as palavras mágicas que afastam meus olhos do pecado, elas são ditas em meu espírito, não pela minha boca. O pensamento é um linguarudo que não respeita a surdez de ninguém, pois só pensa em gozar em outras cenas desveladas. Ele quer que o tesão continue, mesmo estando fora das leis.

– Olá, amigo – disse a menininha com os seios à mostra.

– Quer um pouco do que temos?

– Não, obrigado, garota! Saboreie seu homem. Só vim buscar uma flauta.

– Ah, tem ali, na segunda gaveta – disse o cara do lado da garota.

Peguei o que precisava e apaguei a luz. Estava apaixonado por uma única mulher e não desviaria meu caminho à procura de seus seios de forma alguma. Não só me imagino lambuzar meu tesão, mas quero também conquistar o seu coração. Seu corpo opera um milagre em meus olhos. Pensando



nessas contradições, eis que no balcão, do outro lado do espelho, contemplo a felicidade encontrando aquela que procurava. Pude observar no meu próprio corpo a sensação (que proponho ser de desejo, mesmo tendo parecido também um sufoco e uma impressão de espírito) de que minha ninfa se utiliza de uma vestimenta que casa exatamente com a minha libido. Sou daqueles que ignoram o corpo em prol dos traços do espírito – o sorriso, os olhos. Mesmo assim, o aroma que seu corpo jogava em minha vontade não me deixava elegê-la a mais fantástica de todas, e sim a única! Não haveria santidade e luxúria mais completa e realizável naquele momento, que poderia ter sido eterno.

Deixo o espelho e volto para o bar e, no balcão, estava ela, vestida de mulher dos meus sonhos, em altos papos sobre arte, cinema e fofocas com alguns acompanhantes e seu namorado, o *barman*. Meus olhos se guiavam ao espelho e miravam a face tocada pela beleza, o corpo imantado pela santidade infernal e o sorriso ainda inimaginável aos meus olhos. Naquela noite, não nos falamos, mas ali tive certeza de que ela era aquela capaz de discutir o futuro da humanidade em meus braços. Gastei o tempo entre um olhar para o paraíso e outro para o mundo mais próximo e controlável. Não me enxergava capaz de possuir tamanha dádiva. Muitas vezes depois que saía dos bares, passava em alguns locais de religiosidade. No caminho para a cama parava em frente a uma santa, em um hospital católico. Dialogava em meu íntimo com a Mãe, clamando perdão e bradando que haveria de fazer ainda mais do que havia prometido. Os tempos pareciam distorcidos, mas a verdade em mim não negava a clareza da vitória.

Enquanto tramava o véu, já no breu da madrugada em uma cidade média, um “irmão” cutucou minha atenção e me

deu sua opinião sobre Aquarius. Era um poeta com uma voz maravilhosa, difícil de ser compreendida, mas marcante em melodia. Ia e vinha, vinha e ia!

– O homem não consegue se aturar! Os gigantes das Astúrias estão a chegar... trazem em sua carruagem uma corte evidente, são pessoas comuns, encaradas como mendigos e, depois, presidentes! Estamos em 1949, os Estados Unidos libertou o mundo, mas se prendeu ao rabo do diabo. Mal percebe que suas ligações são perdições infantis, erros inconfundíveis, atrozes virtudes...

Não estávamos em 49 e, sim, em 63. Ele não tinha passado da viagem anterior – a Coreia! Parece que bloqueou alguma coisa. Embarcou em 51 e ainda acha que não viramos a metade desse maldito século. Ele me dizia que havia sido convocado para libertar o mundo do anticristo. O rebento maldito tinha nascido na Ásia e a América iria lá para não deixá-lo atuar. Convocaram os que foram e os que escaparam da 2ª Guerra. Ninguém sabia o porquê, mas estavam todos ali para assassinar quem aparecesse – claro, quem tivesse cara de oriental e aparecesse. Eu, já com quase trinta anos e com um histórico complicado na Marinha, nem fui cogitado para comparecer a essa arena cega que a América arranjou na Coreia. Não posso dizer o mesmo do Vietnã. Acho realmente que alguma coisa de errado possa estar acontecendo. Kennedy tem uma missão muito relevante: conquistar Fidel e Guevara. É a única solução. Não pode haver mísseis apontados para a Flórida! Nem para Havana!

Doravante, em uma outra noite naquele mesmo lugar. A mesma mulher se aproximou do meu campo de visão. Estava sentada em uma mesa de canto. Percebi com meus olhos surpresos de saudades daquele tempo em que era ela todo o possível, que a mesma estava um pouco entediada e com sinais de

um tempo que passava. Sua cabeça não parecia vibrar naquela sequência, no ritmo do presente – queria sair dali. Era por outra ordem que parecia se erguer para o adiante. Seu nome era latino e sua fragrância, francesa. Era de uma brancura bem singular, um quê de amarelo oriental, não do extremo, mas do Líbano. Turca? Marroquina? Vi mulheres assim em Tânger, era estrangeira, mas não da Europa ou América. Tinha a cor exata e a escuridão correta no cabelo e da quentura em seus braços revestidos de braceletes e amarras. Uma sede inenarrável de sentimentos e êxtase tomou meu espírito tímido de coragem.

– Olá! – digo, amigavelmente.

– Tudo bom? É interessante ver você de novo. Um tempo que não nos falamos.

Ela levanta o braço e abre caminho e me sento, sorrindo satisfeito. Reinício a conversa:

– Isso aqui já foi melhor. Agora, tem muito esnobe vindo, fica cheio deles.

– É – concordou ela. – Um monte de gente estranha. O que você faz?

– Escritor. E você?

– Artista plástica e dou aula. Acabei de ver um Godard, gosta?

– Aprendi muito com Jean-Luc. Ele foi formidável no lançamento do livro em Paris.

Conversamos por mais uma hora e a todo tempo meu pensamento não acreditava estar dominando a situação. Ela era o suprassumo dos meus sonhos daquele outro momento e, na breve introdução, tudo parecia que nada seria. Só o seu perfume cativava cada uma das células do meu corpo metido em alguma coisa do passado e do futuro. Isso já resumia qualquer resultado melhor. A noite ainda não tinha acabado, mas mesmo assim, ela me convidou para ir a sua casa tomar um último

vinho. Independente, estava de carro. Porém, deveria deixá-lo na casa dos pais em um bairro próximo a sua casa. De lá, pegaria um táxi. No caminho ela elogiou um *bebop*. Achei sensacional. Chegamos com o carro e sua mãe apareceu na janela. “Com quem você está, Ângela?”, “Com Jack, mamãe, Jack!”

E a senhora deu boa-noite para a filha e fechou a janela. O táxi estava a caminho e o esperávamos nas escadas de um prédio. Ângela subiu o primeiro degrau e seu rosto estacionou entre os nossos olhos. Sua porta mágica ficou escancarada para mim, beijei-a e experimentei a melhor relação que meus lábios poderiam imaginar.

“Quando beijo seu corpo, tudo acontece ao mesmo tempo nessa terra”, coloquei no papel o que realmente senti nos três meses pelos quais nos encontramos todos os dias. Por azar, passou um vento e levou meus olhos para outro mundo. Errei, claro. E hoje, por um lado sofro pelo que não pude sustentar, mas me sinto muito à vontade quando ela vem me visitar a noite, quando estou dormindo. Ela mesma me ensinou, “a vida é sonho”. Como não?!



## KEROUAC vs LINDA

Que porra é “hoje”?! Sei que habito um lugar gravado com a inscrição exata de um tempo, mas tão pouco sei onde me encontro nesse exato momento. Decidi pelas estradas porque percebi que a vida parada, onde (não) me encontrava, come minhas entranhas com vigor e sem perdão. Hoje, não desejo mais “isso” – sair correndo a qualquer custo. Porém, quero aquilo que hoje não será possível mais. Essa é minha luta, esse é meu desafio: entender que, no agora, qualquer palavra é vã, qualquer argumento não se coloca simplesmente porque passa e passa mesmo, tudo passa diante dos meus olhos e dos olhos dos outros e tudo se torna poeira. As estradas estão cheias e eu estou vazio.

Fui homem o suficiente para negar presentes que qualquer pinto não negaria. Fiz isso, pois tenho alguma esperança de que o amanhã possa ser sóbrio e constante. Todavia, querer correr o mundo agarrado a qualquer forma de pretensão é querer também, em alguma instância, negar que o barco em que circulamos está completamente à deriva. Não consigo mais admitir viver com uma faca rasgando minhas costas. Quero poder dizer que sou livre e que possa ser isso mesmo dentro dos limites da minha fronteira. O que falo e o que penso são sementes para que o que vir seja mais reconfortante e liberto do que o que já tive ou pretendi. Que a faca saia pelo seu próprio gume.

Nesses últimos tempos, antes do presente, conheci garotas que mexeram com o meu coração, outras que arrasaram meu estômago e uma ou outra que me fizeram pirar. Desfiz completamente qualquer possibilidade de ilusão como se amarra um sapato – a pressão da vida e das neuroses explodiu os grilhões. O nó é dado, mas sabemos que uma hora ou outra ele pode se desfazer pelo aperto dos passos. E, assim, saí por aí desamarrado, desarmado de qualquer barreira que se cause constrangimento. E Linda estava ali a me esperar. Ela e seus olhos de fantasia, ela e seu sorriso de paraíso, ela e sua sabedoria.

É muito difícil encontrar pessoas que se assemelham ao que você não tem com facilidade. Gente que preencha suas lacunas e faça seus olhos brilharem de admiração e o sorriso sair sem qualquer esforço repetitivo. A maioria do que se vê são pessoas lotadas de lugares comuns e viçosas de baixa estima. A essas que não só roubam o coração, mas dão efeito à alma, ofereço com carinho minha mão. E não é simples pular no mundo com uma palma que se ofereça em completa harmonia com o que tem abaixo do braço e acima do peito. É raro. Não me cabe dizer exatamente o que sou, mas sei bem que a ligação que há entre o que cabe a mim e o outro, através das mãos, não é um simples aperto, é muito mais do que isso, é uma conexão que quer se dar pelo mais puro, pelo mais simples sentido de nossa espécie: a comunhão. Não exatamente algo definitivo nem sequer duradouro, posto que num amálgama crescente, feito uma trepada que não é boa só para um ou para outro, é um crescendo coletivo!

Ontem, percebi que Linda não tem os olhos mais simples nem sua mão é a mais singela. Todavia, reconheci que há algo em sua forma, em seu espírito que sempre irei buscar: uma felicidade que nasce como um raio de sol e que se encontra

presente, preenchendo o vazio que qualquer outra coisa desse mundo não consegue se aproximar, mas que no fim da tarde se coloca em seu acaso. Mesmo que essa felicidade tenha futuro certo, sei bem que no outro dia, ela há de retornar e estarei ali, presente, firme e, espero, seguro para cumprir o caminho que me compete. Não necessariamente em relação à Linda, mas a mim depois de sua mão, seu sorriso, seu gosto. Tenho forças para crer que mesmo em deriva, mesmo em condições de nunca haver uma mão em apoio que leve realmente minha alma, nem que dê a sua, ainda assim, é por isso que irei lutar fortemente em minha alma. Esse é um dos sentidos de minha busca – correr em direção ao impossível, ir sabendo que não haverá. Mas posso ir fundo na minha alma com os olhos atentos aos que falam, pensam, ouvem e são. No mínimo, loucos e incomodados, pois sei que são desses que meu olhar é feito. Procuro por uma estrada que não precisa ser infinita, nem que passe pelos meus pés, mas que me dê um sorriso no futuro, que me aponte um norte ao qual eu possa ir tesudo e confiante para lhe dar sentido, para que possa me colocar por sobre e saiba como ninguém navegar o seu asfalto. Linda, tenho o seu mapa, ainda não deixei de ver onde ele acaba e espero poder ir fundo até o final, mesmo que esse seja apenas o começo.

Com amor,

K.





## KEROUAC vs MADALENA

Não havia mais muitos motivos para permanecer. Pelo menos naquele momento. Embriagava-me de forma dolorosa com a dura rotina da vida urbana. Pensava em corpos sem qualquer sinal de alma pirando pelas ruas em suas guias de sistema. Sempre haveria uma esquina e nela sempre haveria alguém indeciso entre atravessar, ir para a esquerda, ir para a direita ou simplesmente dar meia-volta e retornar para seu caminho inicial.

Passei boa parte da minha vida insatisfeito com o presente. Não tenho pretensão de me achar exclusivo nesse assunto, mas foi sempre o incômodo que me tirou das coisas simples. Idealizava-as, falava sobre, escrevia a respeito do leve, da humildade, da poesia do simples e do mínimo. E, hoje, me encontro sentado na janela do meu quarto de hotel vagabundo, olhando uma São Francisco colorida e limitada pelo brilho do seu próprio desapego. Abaixo passam putas e putos felizes na expectativa de uma grande noite de fodeção e vazio. Na cara, vem estampado o sorriso de superioridade em ter a grana de homens escrotos e alguns honestos, mas que ainda assim precisam trepar, porque esta é uma questão primata e vai além das propostas de disciplina social.

– Ei, Jack! Por que você não desce? – ouvi de súbito uma voz feminina se esforçando para ser ouvida por alguém que está no alto. Olhei e vi Pen, uma amiga dos bares da Sunset.

Faz um boquete por 3 dólares. Nunca comprei seu agrado, mas ela sempre faz seu marketing. – Vem cá garotão, tenho umas amigas pra te apresentar. – Fiz um sinal para que me esperasse e fui me arrumar.

Era uma noite profunda de final de primavera. O calor já havia se apresentado e as pessoas estavam com sorrisos nos lábios e com o corpo levemente umedecido. Pen me apresentou à Suzy, Marta e Gonzo, um garoto de programa que frequentava o porto de segunda à segunda. Fomos para um boteco onde elas faziam ponto às sextas. Gonzo se despediu e foi em direção ao sul.

– Jack, cansei dessa porra de vida – disse Pen aparentemente alta. – Não que não goste de trepar. Adoooooro! Só, porra, assim nunca vou conseguir ser o que sempre sonhei. Já tentei algumas vezes, mas o pico e a pica de ouro sempre me buscam e me levam para as ruas e eu acabo estragando tudo.

– O que você sempre quis? – perguntei a ela, mas quem ouviu fui eu. – “O que eu sempre quis”... silêncio, boa parte do que desejo é parar de sofrer ou ao menos entender o sofrimento. Escrever, escrever e beber, meter, ouvir jazz, falar, conversar, conhecer pessoas. Portanto, nunca quis nada, absolutamente nada de concreto.

– Porra, cara. Sempre quis ser musicista de orquestra – disse, me surpreendendo e mostrando as falhas em sua arcada em um sorriso com olhos ao infinito, provavelmente imaginava, perdida, ouvindo a si mesma ou, quem sabe, a própria orquestra ou quem sabe ainda seu sonho seja muito mais de estar próxima a isso do que necessariamente em execução. Via-se no teatro, olhando a si mesma enfileirada em um naipe de cordas, olhar concentrado, cabelos arrumados, talvez os pais ou o marido e os filhos na plateia; alguém importante nos camarotes e um genial maestro regendo a si e aos outros.

– Sabe, joguei ao léu uma questão. O que nos falta, se já temos pernas e falamos?

– Cara, a única coisa que sei fazer com elas é abri-las para pessoas muito asquerosas. Queria muito bem acordar amanhã e levar minhas partituras, arranjar um violino e fazer um teste. E depois encontraria o cara mais bonito da rua, seduziria e meteria de graça a noite inteira. Assim, tenho certeza de que meus segredos viajariam até os professores e eles me dariam a oportunidade.

– Por que não seduz um dos professores, não é mais fácil?

– Seu puto! Aos sacerdotes oferecemos nosso banquete, não nosso corpo. Agora, me dá licença que tenho muito o que fazer. – E ela saiu e me deixou sozinho com as outras duas, que conversavam no mesmo ritmo em que olhavam languidamente para qualquer um que entrasse no recinto.

Brincava com um copo vazio de uísque, esperando minha decisão ou a de alguém em ir buscar mais uma dose. Por um lado queria muito ser cavalheiro e me oferecer para ir ao balcão. Entretanto, o que eu queria era a questão que estava mais me incomodando. Estava cansado de sempre pensar no que seria melhor para as pessoas naquela hora. Simplesmente isso também era uma boa mentira. Sempre pensava mesmo era em mim, no que eu realmente queria e no que poderia fazer para que as coisas que as pessoas queriam também fossem atendidas. Uma espécie de busca por equilíbrio entre a unidade, eu, e a pluralidade, os outros, o mundo, as coisas do mundo e das pessoas. Mas aí parava e sacava que eu também não tinha qualquer direito e nem noção sobre o que era certo para mim e para as pessoas. A impressão que me batia era uma vontade, uma ideia, uma criação, não uma razão, algo que eu podia desejar, ver e seguir e falar que havia todo um caminho construído até ali. Assim, me perdia entre o que queria e o que podia realmente fazer. Me sinto em um cano.

De repente, Suzy se vira para mim e diz:

– Sabe, rapaz, já não fazem mais homens como antigamente. Nós duas aqui e você nem levantou seu rabo sujo para pegar alguma coisa pra gente. A Marta já está levantando para fazer o que você deveria ter feito há um tempão. E, posso te falar uma coisa?

– Aham.

– Você desperdiça seu espírito filosofando demais sobre uma coisa muito simples que é a vida. Um dia você acorda e está num lugar em que precisa se alimentar. Aí você cresce e percebe que ninguém tem certeza de nada e ficam uns caras falando sobre o que é certo e o que é muito errado. E com o tempo você descobre que esses caras cheios de estrelas e brilho e sermões são tão infantis como qualquer um. Quando você está no auge e vai meter com um político, general, industrial você saca que esses caras não passam de crianças. Não sabem de porra nenhuma da vida e colocam para as pessoas somente o próprio interesse ou o interesse de quem os pressiona. Porque você sabe, né?! A vida é feita de pressões, é isso que faz o desequilíbrio continuar reinando. A busca por equilíbrio é uma explosão de dor provocada pelas pressões da vida. Enquanto buscam o equilíbrio, os governos buscam o desequilíbrio, pois querem ter mais do que qualquer um. E isso é no micro e no macro, é o governo e o governante; o padre e o fiel. E acontece com a gente, seja o desequilíbrio do corpo na hora que seus peitinhos crescem e sua xoxota começa a ficar inquieta, seja quando a fome e o frio batem e você não está tão dentro do sistema e não tem dinheiro para pagar e só o seu corpo e seu talento para o desapego são alguma coisa quente e de carne que dá prazer para um macho que pensa em alguma coisa e que as pessoas escutam as suas palavras, mas na verdade tem um pau tão pequeno e tão sem fogo que parece mesmo que as coisas

estão trocadas. O que ele tem de bicho, usa na sociedade, o que tem de humano, usa na trepada.

Marta chega com os copos. Agradecemos, sorrimos uns para os outros e desejamos saúde. Levanto-me da mesa, me despeço com apreço, saio do bar, acendo um cigarro e volto para o hotel. Durmo profundamente e, no outro dia, recordo do sonho louco que havia tido: em um mundo de energias mais sutis, uma espécie de máquina se revela como uma forma especular do meu desejo. Como se ela fosse um duplo e me ajudasse a entender e a resolver minhas questões. Nada muito simples ou fácil, mas um recurso que parecia me ajudar a perceber onde poderia encontrar o básico: amor e trabalho. Não sei como, entrei dentro dessa máquina e peguei o caminho que me apontava. Por um lado desejava muito que fosse o que iria fazer com que a dor da existência fosse mais suave, aquele pela qual a poesia em minha alma seria atraída e regida e criada.

E, no caminhar dessa estrada de chão, sem poeira, avisto uma nuvem com cores, bocas e faces vindo em minha direção. É o desejo de outrem, penso. E sou envolvido pela nuvem e nela uma multidão, gritos de histeria, olhares profundos, bocetas pulando, paus correndo, cascatas de birita, algazarra, loucura, êxtase e demônios, dor, morte, ferimentos e prazer edificante. Algo muito forte e confortável me deixava bastante à vontade dentro daquela forma pensamento, daquele útero de imagens. Entretanto, se o mundo lá fora é sensível, o meu é um desafio. No meu dentro mais dentro, não quero ficar solto acorrentado. É o meu lago, a minha vaidade que precisa se alimentar, não minha montanha, meu sossego brando. Saio da nuvem através de uma força que surge do meu peito. E no que deixo-a, acordo e penso: meu caminho sou eu quem puxa. Em uma noite qualquer, uma cena e duas putas podem lhe dar mais do que cinco anos de estudos ou masturbação. É preciso desapego, Jack.



## KEROUAC vs *MR. PRESIDENT*

Acho muito estranho quando a gente passa do limite de solitário vagabundo para alvo de um brilho frouxo para os jornais e a TV e, necessariamente, para aqueles que seguem cegamente esses tipos de gurus. Sinto-me sugado cotidianamente por câmeras e lápis e blocos rabiscados. Minha alma sai de mim e vai direto para a confusão que esses caras fazem a respeito do que escrevi ou falei. É difícil ter uma resposta, ainda mais uma que seja exatamente como aquela que se encaixa naquilo que esses ursos que controlam tipos e botões querem que você diga. Porra, se já têm resposta, por que tantas perguntas tolas?

Era sábado e eu estava bêbado. Não que isso seja algo especial dos sábados, mas é que, nesse dia, mais da metade das mentes e dos corpos da América dirigem seu espírito para uma caixa que solta uma luz azul e fala um monte de maneiras de se dar bem na vida e de como é simples querer ser feliz nesse mundo. Eu prefiro escapar disso bebendo por eles. Houve um tempo em que rezava, mas acho que perdi a fé no meu poder de remover montanhas dos olhos dos transeuntes nessa vida. Apesar disso, estava naquele tal sábado, justamente, em um estúdio de TV por conta da porra de um livro ter arrastado milhões de putos novos para as estradas, para as drogas e para o sexo livre, completo e sem amor exclusivo. Há pelo menos quatro anos venho tentando dizer a todo mundo que a beatitude é algo especial e que está fora do que se encontra normalmente



nesse país. É difícil ser americano legítimo e entender que algo pode ser de várias formas. Enfim... as pessoas gostam de se alimentar de ilusões, é um tipo de premissa humana para inflar de forma falsa o próprio ego, subir sua vaidade pelas paredes. E a mídia, se não é uma forma complexa de fábrica de mundos fantasiosos, pelo menos parece uma lojinha de doces do tio Sam vendendo felicidades efêmeras, que não custam nada, mas que vão fazer você voltar no dia seguinte.

Estava em um camarim com luzes e assistentes gostosas, bebendo e fumando e falando um monte de asneira, quando, inesperadamente, vi a porra de um sorriso que conheço há muito tempo. Quer dizer, nem tanto assim, mas de tanto passar na TV me pareceu que já tinha visto aquilo antes mesmo do tempo. E não era a boca aberta mundana de qualquer pessoa que simplesmente expõe os dentes. Era o sorriso mais importante desse país, o mais imponente conjunto de dentes da América. E ele entrou, assim mesmo, meio sem graça, parecia estar fugindo de si, do personagem que ele mesmo era e queriam que interpretasse. De súbito, me viu, apagou o sorriso, fechou a porta por dentro e me disse: “Oi, sim, sou eu mesmo, tudo bem?” Ele havia notado o meu espanto, não conseguiu botar o copo na boca de novo. “É... oi, John, quer dizer... Jack, prazer.” “Rá, eu sei quem é você. Andei lendo a seu respeito.” – comecei a ficar paranoico, “É?” “Sim, somos conterrâneos, também nasci e cresci em Massachusetts.” “Sei, não voto mais por lá.” “Não me importo, cara. Sei que não parece normal, mas será que posso tomar um gole da sua garrafa?” “Fique à vontade, senhor presidente”, disse rindo de mim mesmo pela situação. “Sabe”, retomou, “gosto muito de como relata suas experiências, principalmente quando pensa nos costumes americanos. Sou católico como você, para mim é difícil olhar para a vida da mesma forma. Não me sinto um espírito raro,

com uma dádiva enviada por sei lá quem e para fazer sei lá o que por cima daqueles que não são agraciados.” “Bom, senhor, não sei se penso assim, exatamente.” “Por favor, pare de me chamar assim, aqui somos dois bebedores de whisky, apenas isso. Estou falando isso porque acho que muita gente metida à besta nesse país acha que somos um povo escolhido ou que só porque o cara tá podre de rico ele é enviado de Deus. Mas as pessoas estão tão loucas que, mesmo que isso seja verdade, elas só querem saber de si mesmas ou de nós.” “Nós!?” “É, de mim e de você. Mandei fazer uma pesquisa e disseram que eu e você somos os sujeitos mais amados e os mais odiados nesse país. Paradoxal, não?!”

Provavelmente, foi por conta dessa pesquisa que o puto do diretor de programação nos colocou lado a lado. Demorei um tempo também para sacar que ele estava era fugindo de si naquele momento. Achei mesmo que era uma conversa do tipo “você está fodendo esse país com o seu livro, os pais estão me enviando cartas e pedindo para te condenar pelos atos de seus filhos.” Mas qual é realmente a minha responsabilidade por aquilo que carregam depois de me encontrarem? Nunca escrevi nada para me tornar um guru, pelo contrário, escrevi porque não sei fazer qualquer outra coisa a não ser botar para fora as minhas memórias loucas e sei muito bem que não é lá muito sadio querer viver isso sempre – ter uma vida espontânea e sem limites. A cada dia que passa, a cada ano e reportagem que me entregam, fico cada vez mais infeliz de ter feito da minha vida uma estrada sem fim sem um cruzamento concreto. Não quero que me idolatrem, que beijem minha mão ou que me ofereçam seus corpos, não sou nada além de um lamento. Sou como todos, de osso e merda, nada mais. Esse sujeito também. Apesar de colocarem o personagem presidente como o mais importante da América, ele e eu sabemos muito bem que isso

não passa de bobagem, de mera formalidade, pois os tubarões agem na moita, mordiscam, mordiscam e nunca são vistos. Gostaria mesmo de ter sido um desses que não precisam ficar contando a mesma história sempre.

## KEROUAC vs NIETZSCHE

Quando aprendi a andar, já tinha dado alguns passos nas letras. Nasci falando e escrevendo, mesmo que grunhidos e rabiscos. Meu pai era dono de uma gráfica, por isso sempre havia papéis em minha casa. Mas, neste mês de intensa mudança e verão, não consigo organizar qualquer pensamento minimamente digno de vir à existência. Ora ligo o rádio, depois pego o jornal de ontem, depois abro um romance fico culpado e folheio quase com interesse os livros que tenho que ler para a faculdade. Hoje, não posso sair pelo mundo das estrelas incandescentes, tenho minha responsabilidade em casa e fora dela, não há motivos para vagar. Sinceramente, aquela paixão por encontrar a verdade lá fora, em meio a experiências, essa paixão tá calada aqui dentro, assim como minha escrita. E esse silêncio é por demais aterrorizador. Ele me dá medo do daqui para a frente. Fui e dei um passo decisivo, mas meu orgulho foi sábio o suficiente para recuar, dar uma pisada atrás e me afastar. Consegui, sim, reaver algumas relíquias que já esvaíam do cofre de minha alma, mas ainda me sinto desconectado e fragmentado. Com tudo isso, somente queria me conectar com a unidade, com o sentido único e indelével do meu destino, mesmo não sabendo exatamente qual caminho seguir.

Tenho certa atração por hotéis-formigueiros. Colecionava insetos pequenos e os colocava em vidros. Observava a

vida em comunidade e sabia a psique de cada um que habitava as tocas e buracos. De uns tempos para cá, acabei me sentindo como o grilo marrom e velho que visitou minha cidade particular. Encontrei o pequeno ser no terreiro de casa, preso a uma roupa no varal e desconfiado de que sua vida selvagem estava chegando ao fim. Meu irmão tinha medo de encostar em insetos, eu não. Sou fascinado por eles. Suas cores variam do mais sem graça ao verde, vermelho puro, azul royal, cores que só vi em instrumentos e automóveis. Passei as duas mãos sobre a roupa pendurada à corda, cada uma vindo de uma direção, e aprisionei meu futuro hóspede com certa elegância, dando espaço para que respirasse, apesar do breu. Coloquei o grilo dentro de meu aquário de insetos e me esqueci da vida vendo todas aquelas formas nem tanto hominídeas se mexendo para lá e para cá.

O lugar era tapado, mas tinha alguns furos para a troca de ar. Colocava também vegetais e larvas para que a população pudesse viver dignamente. Em uma manhã, animado com a variedade de espécies, quis encontrar no mato algum tipo de predador. Daqueles que iriam mexer completamente com o ecossistema e acabariam criando muita confusão. Shiva, quando vem, traz a morte, mas traz a transformação! Primeiro pensei em uma lagartixa, depois em algo como um escorpião, por isso rumaria ao mato para encontrá-lo. Estávamos no verão e nessa época eles se aventuram mais. Antes de ir, claro, fui avisar aos cidadãos sobre o novo hóspede. Imaginei algo como se eu tivesse o papel de Deus falando a Moisés, mesmo que esse fosse um besouro de asas azuis. “Insecta maior, quero que avise aos outros que em breve sofrerão uma ameaça, um tipo de situação que nunca permiti que existisse, mas que preciso anunciar e fazer acontecer.” Senti que o pobre e precário ser não questionou minhas sentenças,

mas, com a compaixão católica no peito, dei a ele o direito de entender o porquê daquela transformação: “Durante muitos dias fiquei angustiado com minha criação. Sei que não fui eu exatamente que os coloquei na natureza, mas também tenho consciência de que pude facilitar as coisas para todos vocês, dando-lhes uma propriedade, uma sociedade e, claro, alimentos e diversão! A liberdade não é exagerada, mas todos sabem que o perigo ronda a vida de todo inseto. A qualquer momento um predador pode interromper o sopro em seus corpos, fora a falta de comida e os riscos para saciar a fome. Fiquei bastante admirado com a forma como se adaptaram às circunstâncias. Formigas e joaninhas foram os extremos. Enquanto as primeiras conseguiram se organizar, a dupla de joaninhas acabou se deprimindo a ponto de recusar alimento. Hoje, rasteja e o resto da comunidade não espera a hora de comer o seu exoesqueleto. Imagino que algum parasita já pense em vender suas asas no mercado negro.” Os ganchos do besouro batiam contra o vidro e pediam para continuar minha explicação. Não neguei ao iminente condenado qualquer palavra de sinceridade. “Amigo, estamos todos fadados à extinção. Essa é uma verdade incontestável. Até Deus, o criador do seu criador, foi morto no século passado. Não há escapatória, a morte é o destino da vida. Por isso, as joaninhas não se alimentam. Sabem da verdade e esperam aliviadas a hora que não tenham mais que sustentar a condição de prisioneiras. São fortes, mas não o suficiente para se verem livres dessa história. Vou colocar o predador mor em seu cativeiro porque sei que, assim, todos vocês ficarão mais atentos ao sentido real da vida que possuem e daquela que eu, em minha benevolência, ofereci a todos vocês.”

Dei as costas e fui para o quintal procurar o tal escorpião-shiva. No caminho, quando já deixava a garagem, percebi

sobre o carro um ser pequeno, feio e saltitante. Não sei como e, claro, nem por que, o meu grilo marrom conseguira escapar de nossa cidade. Tentei lembrar todos os passos de sua captura até a redoma e, pelo menos mentalmente, nada falhara. Dei dois passos para trás e, com a ira de um pai traído, arranquei de meu pé esquerdo o calçado e, com um golpe certo, mandei o insetinho para a próxima encarnação. Com todo o cuidado, retirei seus vestígios esmagados de cima do carro e uma ideia magnífica surgiu: oferecerei ao povo de minha terra o último banquete antes de seu destino. Voltei rapidamente ao aquário e, com receio para que não houvesse novas e trágicas fugas, coloquei a carcaça sem vida em uma das áreas comuns do viveiro. “Vamos, meus filhos, se deliciem com a carne de um de seus membros e, fartos, esperem o dia do demiurgo. Ele está próximo.” Sem qualquer tipo de sadismo, rumei novamente para minha expedição em busca de um inimigo feroz e traiçoeiro para meu mundo – o escorpião, mas sempre pensando nas ferramentas de captura e defesa. Peguei uma caixa de fósforos, útil se os novos prisioneiros se rebelarem, e uma redinha que minha mãe havia cosido para mim. Não foi difícil capturar o carrasco. Sem qualquer drama ou narrativa especial, coloquei o primeiro escorpião que achei em minha rede. Pelo jeito, já estava sanguinolento o suficiente e sabia que iria aterrorizar nossa vila. Quando cheguei à cidade dos insetos condenados, não hesitei em largar o arauto da morte na parte mais propícia ao caminho de um aniquilador. Coloquei o escorpião na via principal para logo espalhar o medo pela comunidade. Enquanto matava os primeiros que aparecessem, os outros levavam a terrível notícia aos cantos do cativo, deixando os demais nervosos e apavorados. Entretanto, para meu espanto, o mesmo grilo que havia sido morto, pulava em um canto de minha criação. “Caralho, como

isso é possível, que porra é essa!” Retirei a tampa que fazia a segurança em minha cidade e, com toda a inocência de quem tem ódio no coração, arrastei minha mão pela terra em busca de eliminar novamente aquela impossibilidade. Porém, como se não tivesse lido Dostoiévski o suficiente, meu mais novo hóspede, sem pestanejar, deferiu certo seu ferrão contra meu pulso. E, com um golpe de agonia, retirei meu braço chocando-o com a lateral do aquário que, além de cortar ainda mais na minha carne, se partiu, lançando areia sobre meu corpo semiaterrorizado e semiferido pelo insecta. Derrotado pela esperteza, fui coberto por todos os rebelados. Alguns ainda me cortaram a pele, mas a maioria procurou o ar de sua antiga realidade. E, claro, tiveram aqueles que permaneceram em meio aos destroços. De súbito, tentei recapturá-los, mas a dor insuportável e a vergonha me impediram até de, em um desdém, matá-los a pisadas. Fiquei triste e deprimido pela minha própria inépcia em ser Deus. Ainda no banho fui obrigado a me livrar de alguns insetos que se meteram onde não deviam. Encharcado de dor, fui ver um médico que me receitou remédios e me recomendou ficar fora da vida selvagem por um tempo. Nada mais digno do que para um ser racional e cheio de dentes na boca! E, no fim, o grilo feio e marrom ainda era obrigado a continuar pulando, mesmo que isso fosse contra a racionalidade de sua sociedade, mesmo que essa a todo momento tentasse sufocá-lo e se livrar dele.





## KEROUAC vs A CRIANÇA

O homem pode esconder do mundo qualquer coisa que se vista – palavras, roupas, discursos, medalhas... –, mas há nele algo que não tem como fantasiar, mesmo que as memórias lhe sejam favoráveis ou então falsas, fabricadas dentro de uma lógica. A própria consciência é inegável. Sim, e isso é claro, por mais tenebroso que possa parecer aos olhos dos outros. Hoje, tenho 45 anos e sou um homem triste, solitário e muito amargo. Esse foi o meu caminho e sei que, quando estou aqui, diante do papel e da estrada, nada me faltou, nem mesmo minha consciência, minha culpa e minha dor. Só agora percebo que, sim, o fundamental ficou abaixo do que pude enxergar.

Não adianta querer vestir sonhos ou jorrar minhas mazelas, a máquina não me pergunta o que eu não quero ouvir. Mas eu, sim. O grande eu que me atormenta desde sempre, desde o momento em que meu irmão morreu, desde o momento em que eu decidi navegar a vida além do esquadro que me meteram. Quando tive consciência da morte, sua figura me deu a vida. A vida de um homem tragado pela impossibilidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, em todos os mundos e em todas as pessoas. Foi dali que pude perceber que a dicotomia que tanto se falava na missa era uma precariedade. A relação de oposição entre corpo e espírito era, em verdade, uma falsa ilusão do que é a vida. Esse sopro pesado e material não pode ser visto apenas com os dois olhos. São

três: os do corpo e aquele que vive na alma. Por isso, corpo e alma são ao mesmo tempo dois, mas também é um e são três.

A sutileza como os pensamentos e os medos penetra em nosso corpo e não nos permite admitir que ou há vida ou há nada. Há vida e há nada. São duas as asas que nos acompanham. E a consciência é a tabula rasa que dá combustível para poder voar. É essa qualidade do que se esconde, porém se revela, que ocasiona a ingrata tarefa de criar ilusões. Sua verdade é tão contraditória que passamos a vida inteira negando que o sutil e o chumbo são partes de uma mesma jornada. Que ambos se tornam o mesmo a cada segundo em que a mente e o corpo atuam. Não é possível criar um lago de lodo e ficar nadando sempre em divagações, digressões, dando voltas em torno do ponto ao qual, realmente, a chama está ativa. Não posso mais esconder de mim e de minha memória o quanto me arrependo de apenas uma coisa em meio a tantas outras coisas que poderia ter desejado terem sido diferentes. É justamente nesse momento que consigo, finalmente, me dividir para me individualizar. Todas essas palavras foram extremamente vãs. Não dizem o que quero dizer, pois ainda são, para mim, algo que não desceu ao corpo. Não posso enxergá-la com as vistas orgânicas. Não sei ao certo quanto tempo terei para encontrá-la, para vê-la, para saber em minhas revisões. Talvez, narrando um fato seja mais simples e fácil. Criar um poema com metáforas em que só o autor pode saber seu significado é talvez o ápice do orgulho e da falta de fé em si e na admiração do outro. Falhar em todos os outros aspectos é possível, mas precisamente neste, naquele que compete a cada alma saber, é imperdoável.

Só agora percebi que na Flórida o inverno não acontece como no resto da América. É meu primeiro ano completo aqui e, pela primeira vez em quatro décadas, o frio de fora

não foi o suficiente para aplacar o frio de dentro. Hoje, fui ao supermercado e me tornei sensível aos olhos de uma pequena e linda garotinha. Ela estava acompanhada de seus pais e, provavelmente, não tinha nada de especial, a não ser o fato de que seu corpo ainda jovem e imaturo não brecava a naturalidade e a natureza do espírito. Imagino que todas as palavras engraçadas e todas as sensações que teve não são exclusividades suas, mas de uma idade de nossa espécie. De um tempo em que, na Terra, o céu fala mais alto. Na hora, me lembrei de quando era pequeno. Remontei às minhas memórias mais infantis e tentei me vestir desse mesmo vinho. Claro, já estou rabugento e minha mente cada vez mais me exige sair desses estados o mais rápido possível. E só aqui, na alcova do escritor, consigo, em lágrimas, verter as verdades que me aprisionam. São algemas invisíveis que meu orgulho e individualismo não me permitiram expandir em 45 anos de vida. Até então, minha visão de consciência tentou esconder em meu íntimo a pedra angular da existência. Sabia ela que, como um casamento, a singela verdade me faria escolher entre frear a busca pelo caminho ou encontrá-lo nesse mesmo breque.

Neguei minha filha como se nega a cortesia de quem não lhe interessa. Hoje, penso no quanto privei sua alma de estar ao lado de um espelho que acolhe e lhe deseja bem. Nunca tive qualquer sentimento por ela a não ser o repúdio por sua mãe. Transferi para seu significado o que não queria pensar para minha vida. Agora, em menos de doze horas, tudo aquilo que nunca senti foi possível tomar em meu espírito e vontade como uma labareda de desespero e impotência diante a entropia da existência. Quando já materializo seu corpo em meus braços, meus pensamentos se esvaem em constatação ao óbvio: ela já tem mais esse peso e dimensão. Ela, como o tempo, não volta. Mesmo que amanhã eu pegue o telefone e encontre

sua voz, já não sou e nem serei mais o mesmo homem que poderia ter sido com um ser tão fiel à natureza da alma como foi uma criança. Todas as palavras foram vãs, todos os sorrisos e aplausos e loucuras e prazeres. Tudo isso não ocorreu em minha vida. Tudo isso passou como o espírito. Talvez se tivesse acariciado seu rosto, sentido seu corpo em meus braços, ouvido suas palavras erradas e seus insights... talvez, se tivesse dado uma chance de ter desejado isso quando ainda era mais alma do corpo, não estivesse entendendo o peso da falta. Não creio, mas gostaria muito de acreditar que haverá um outro Jack, um outro louco, um outro beato que me ocupará na próxima vida com esse valor. De agora em diante, o que me angustia é saber que para entender o que sempre quis saber – sobre o casamento entre o corpo e a alma –, somente com o passar do tempo e das vidas, somente após experimentar o sabor misterioso da morte e do renascimento que poderei entender qual é o verdadeiro caminho. Assim, permito-me morrer o mais rápido possível, pois a ansiedade para que a próxima vida aconteça já bate e abastece meu espírito. A felicidade do homem está na criança. É dela a possibilidade de se enxergar o espírito de tudo, a natureza e o propósito. Se não fôssemos tão cegos quanto ao mundo sutil da esperança, talvez fosse menos dolorosa a vertigem de ser adulto, velho e morto.

## KEROUAC vs O CASAMENTO

Quando tudo deu errado e era fato que viraria comida de minhoca debaixo da terra, uma luz bem lá no finalzinho do túnel resolveu aparecer pra mim. Antes de morrer jovem e senil, entregue a uma cela úmida e ao tifo, preferiria entrever-me com um outro alguém, mesmo que isso levasse em conta a obrigação e o acúmulo de carma. Por um tempo, justamente por estar necessitado de um rumo na vida, pensei que a liberdade era o casamento. Amar e ser amado, não se preocupar muito com o que acontece lá fora e ter um cobertor de orelha todas as noites frias do inverno. Dividir momentos bons e ruins, chegar a conclusões juntos, poder ver se desmanchar uma primeira persona e se fundir com os pensamentos e os desesperos e os sonhos de outra pessoa. E assim foi durante mais de duas mil luas. Naquele tempo, o que eu pensava de mim e sobre a vida era muito frágil e cheio de fantasias – não que essas duas características não me acompanhem agora. Tinha segredos que incomodavam minha mente e um medo sideral de as coisas saírem do controle a qualquer minuto. Hoje, as malícias da cabeça já não me corrompem tanto e o medo de o chão cair foi jogado para a hora em que ele realmente se abrir. Sempre penso na sorte e espero que ela me poupe disso nessa vida.

Saí da cadeia e fui direto para o altar. A única forma de me salvar do quadrilátero do capeta foi me casando. E, para

cumprir tal obrigação, me mudei novamente para o interior e tive que conviver com uma estranha, mesmo que aquilo tivesse que durar para sempre. Pensei muito nas mulheres e nos noivos que passaram a história da humanidade conhecendo-se no dia em que decidiam por eles que, a partir daquele momento, um teria que servir ao outro. Continuei preso.

Minha esposa era essencial e minha bestialidade foi bem domada. Entretanto, a fúria dos anos vindouros arrancou-me a alma pacata e o sangue inebriante da rua me convocou sem dó nem piedade. Estava muito novo para me dizer completo. Para um, a vida é uma sequência montada, para mim, ela acontece a cada *frame*. Por isso, embarquei em um zíper – um trem rápido que circula na costa oeste e fui flunar na grande cidade novamente. Sei que meu problema não é o casamento exatamente, mas eu mesmo e a pessoa com quem vou me casar. Não adianta, em algumas almas o incômodo diante da inverdade não deixa respirar direito. Sou motivado pelo equilíbrio e, quando não há sombra dele, a cada segundo que passa meu espírito se esperneia e tenta sair da rota.

Prometi a mim mesmo que a próxima, aquela ou outra, seria muito bem tratada. Receberia um carinho nunca imantado da minha parte e atenção para todas as coisas. Conheci uma flor e para ela resolvi dedicar minha jardinagem completa. Passei meses regando, colocando adubos de serventia e admiração, mas em coração desacostumado não entra vento. Quando vi, não tinha mais qualquer certeza de que tudo aquilo valeria a pena o tempo todo. Perdi meu passo e meu olhar. Minha vista brilhava cada vez mais distante e aquele velho incômodo bateu à porta da alma novamente. Em minha ingênua vontade, me ofereci como noivo e marido, mas fui negado, não apenas na voz, mas principalmente em intenções iniciais. Talvez não tenha dado tempo algum para que ela pudesse se

ver comigo. Entretanto, minha embriaguez de vida tornou os dias um suplício. De um lado queria permanecer por todo o benefício que só aquela flor poderia me dar nessa existência, mas, por outro, sabia que talvez não tivesse mais a mesma mão para dela cuidar, com aquele devido carinho com que as rainhas devem ser idolatradas. Não soube explicar motivos, até hoje não consigo dizer exatamente, porém, mais uma vez, aumentei meu carma. E, sabendo da verdade, quis apostar que não haveria por quem me apaixonar nos próximos dez anos, não existiria qualquer porção de beleza e inquietude que me tiraria do perigo de querer, mais uma vez, encontrar a liberdade me eclodindo à alma de outra mulher.

Era uma época muito propícia à manutenção dos pés livres. Nova York conduzia sua cultura através do *bebop* alucinado e das novas linguagens artísticas. Ainda não havia conseguido encontrar editora para meu livro, mas, ainda assim, minha esperança estava depositada em uma geração batizada pelo espírito do mundo renovado em sangue. Havíamos saído da Segunda Guerra Mundial com muitas cicatrizes e o ambiente do mundo parecia necessitar de poesia e amor para se encontrar novamente. E até as garotas se divertiam como nunca. Raramente tínhamos noites com poucas possibilidades, parecia que estavam alucinadas para deixar a barra da mamãe e se divertir nos braços de um malandro, ainda mais se esse fosse romântico e canalha ao mesmo tempo. Nessa época, conheci muitos endereços novos na cidade, bairros e bares que nenhuma vida de casado me daria. E, de repente, tudo parecia cinza novamente. Foi a primeira vez que percebi, realmente, que a faca não estava na vida, mas dentro de mim. Ela dilacerava cotidianamente minha razão e impedia a harmonia, seja estando ou não estando. Dormi pensando nessa máxima durante sete dias e, quando acordei, resolvi



partir para o oeste novamente. Antes de ir, entretanto, passei a enviar cartas para uma tal de Ana, mulher da minha idade, independente e que residia em Nova York mesmo. Artista e curadora de exposições incríveis, via-me diante um monstro e, por isso, não conseguia me segurar na sua frente, não gostaria que me visse como um menininho babando sua divindade. Preferi encantar seu espírito aos poucos com aquilo que mais sei fazer: escrever.

A cada destino da viagem, uma carta de amor. Dizia o quanto a admirava, o quanto gostaria de compartilhar a vida e a morte com alguém tão loucamente apaixonada pelo mundo e pelo fazer. Sabia que a alma que me colaria em si como o espaço correto para um adesivo teria que ter em si algo muito do fogo. Elemento essencial para a criação de mundos próprios e coletivos. Pensava que uma companheira na estrada teria como ideal, para mim, a soma, o cálculo exato entre estar apaixonado e ser lúcido, entre ser amado e estar incomodado, convocado para o clichê dos bardos: fazer amar todos os dias. Sempre odiei mulheres que me deixavam passar, que, por medo ou indiferença, simplesmente me deixavam ir ou me colocavam em um lugar especial, como uma torre impossível de ser alcançada. E ela não me deixava. Quando chegava em uma próxima cidade, quando demorava um pouco mais na estrada, lá estava uma carta dela em minha caixa postal itinerante. E suas mensagens diziam o quanto me amava e o quanto sentia meu caminhar pela América como um caminhar nobre e libertador. Via minha vida como a de um poeta, um artista que pinta um quadro a cada olhar, palavra, sonho descrito. Quando lia, minhas pernas se esforçavam para não querer sair dali e voltar imediatamente para seus braços. Todavia, meu objetivo era ficar só, esperar o mundo acontecer de verdade e novamente decidir se seguiria o velho caminho

do homem romântico ou me entregaria ao caminho do homem romântico velho, desbotado e descrente da vida, preso em paixões platônicas e dores de existir.

Em meados de julho, com o verão arrebatando em LA, descubro sem querer que ela estaria na cidade com uma mostra de artistas da costa leste. O incômodo bateu forte, pois ela sabia que eu estava a caminho da Califórnia e por que não me avisou, por que não fez questão de me falar, pois essas coisas são marcadas com semanas, meses de antecedência e na noite anterior mesmo nos falamos pelo telefone? Por um momento pensei que talvez quisesse uma prova do meu amor e devoção. Quem sabe não gostaria que eu descobrisse sozinho seu destino e provaria que estaria interessado indo ao seu encontro? Além do que, internamente, gostaria que ela sentisse que essa seria uma ocasião para que um calafrio subisse ao seu corpo, sem supor ao certo que eu apareceria ou não na galeria.

No dia da estreia, tomei um longo banho, usei o perfume que ela havia referido em carta, comprei flores e escrevi um poema. Desci do ônibus bem perto do lugar e vi que ainda estava cedo demais para entrar. Um homem loucamente apaixonado tem sempre uma possibilidade muito franca de ser ansioso e acabar entrando de sola antes do que devia. Não queria parecer óbvio. Escondi as flores e guardei o poema no bolso. Esperei meia hora em um bar, o tempo suficiente para rever um sujeito que tinha encontrado no meio do deserto há alguns anos, pedindo emprego. Nós nos reconhecemos e começamos a conversar sobre mulheres. Sua visão era para lá de cáustica e tudo o que me disse não parou de embrulhar meu estômago:

– Rapaz, você acredita que essa puta tá aqui por sua causa? Deve estar dando para algum ricoço, na casa dele e com a mulher dele dormindo no quarto do lado.

– Você é muito pessimista, cara. A mulher está doida comigo, me envia cartas por toda a América me pedindo para viver com ela.

– Imbecil, ela o quer de longe, não percebe? Elas preferem um marido a um poeta louco. A nós, elas querem foder, pois sabem que nossos pintos e línguas são os melhores, mas, para dividir o lar, dividir as contas e as crianças, ahhh, elas não nos querem...

– Quem disse crianças?

– Vai me dizer que não entende das fêmeas? Enquanto estão solteiras, fingem que são como homens, quando casam, revelam-se famintas para procriar, continuam sendo como homens.

Acabei a birita, limpei a boca e, com o álcool cutucando o coração, parti decidido para a vitória. Passei pelo arbusto, peguei o buquê e entrei na galeria. Procurei, procurei, procurei. Por um minuto tive certeza de que estava errado, que não era ela a curadora. Isso me aliviou e toda a paranoia do desprezo foi vencida. Fiquei apertado e fui dar uma mijada. O banheiro estava ocupado. Realmente, ainda estava muito cedo e pouca gente tinha chegado à recepção. Com as flores nas mãos assisti a ela sair do banheiro masculino, sozinha. Olhou-me, mas pareceu não me reconhecer, não tive coragem de falar quem era – tínhamos nos visto apenas uma vez, muito rápido, uma foda incrível, apaixonante. Na ocasião, em uma boate, logo depois do rompante, ela teve que ir embora, deixou-me apenas a sua caixa postal. Entrei no banheiro um, dois segundos depois. Lá dentro, um cara colocava a blusa para dentro das calças e se olhava no espelho com alguns borrados de batom. Não se conteve e me disse:

– Cara, que mulher louca, acabamos de dar uma metida sem noção e ela me disse para lhe escrever uma carta, deixou

até sua caixa postal escrita a batom no espelho. Que louca,  
que louca.. – E assim, puxou a braguilha e fechou o zíper e  
me pediu um papel para anotar o número. Dei meu poema...



## KEROUAC vs O MEIO

Tenho certa dificuldade com a mecânica da escrita à máquina. Gosto mais de estar livre com o carbono de um lápis, não só pelo meu tempo, mas também pelos meus garranchos e desenhos que saem de palavras e letras que se formam a partir de desenhos. Mas, se escolhi escrever a vida, não tenho como fugir dessa interrupção de papéis. Trocando o usado, não velho, o que ainda virá a ser, mesmo que já tenha sido, pelo novo, em branco, aquilo que ainda não foi e logo se tornará, também, algo usado com alguma coisa que virá a ser.

Meus olhos sangram de remorso e raiva e paixão e desespero por não entender por que será tão difícil conseguir apenas o básico do comportamento humano mais social de todos os tempos. Tenho certas peculiaridades no amor e algumas crenças me levam a pensar em imensas contradições. Sou capaz de amar loucamente uma mulher durante duas semanas sem sair da cama e em seguida, numa noite qualquer, no meio da terceira semana, abandonar a cama e voltar bêbado no dia seguinte, sem café ou pão pra quem me espera. Nada dura muito em minhas mãos. Parece que, quando um apito sopra dizendo “envolvimento”, meus dedos começam a queimar e os olhos da pessoa se envergam e o corpo se torna um sacrilégio, o beijo, a porta do inferno, e a voz, o próprio demônio falando.

Ao mesmo tempo, existem aquelas que me fazem cair de quatro, aquelas por quem toda a vibração das células mais internas do meu coração parecem atraídas, como se fosse o único sentido possível para que parem sua rebeldia. Entrego meus pensamentos a cultuar o rosto, a boca, o corpo, os olhos, tudo e qualquer coisa que possa representá-la em sua distância, em sua impossibilidade, porque, sempre que me deixo quedar em algum tipo de encanto, acabo me ferrando, acabo lotando a pessoa de tanta possibilidade de amor e de carinho que aquilo que mais quero acaba se assustando com o pote tão lotado que carrego comigo. Pareço um sonho, mas acho que também pareço um pesadelo. Até porque muitas dessas me conhecem do que se conta, daquilo que fui capaz de realizar de proeza machista e insensível.

Vou de um extremo ao outro. Quando tenho o que desejo, o objeto daquilo me sufoca e eu esquento como o sol e queimo aquela possibilidade, explodo com o carinho do próximo. Se não consigo aquilo que possuo, se passo noites a confabular planos de conquista e me passo como um adolescente romântico, me estatelo, esfrio, congelo. Ainda não consegui encontrar no caminho um poço que me diga o que é preciso fazer para preferir o meio-termo, como falar para meu ser que não é preciso ficar entre o céu e a terra, apenas. E sim, entre o céu e a terra.

Desejo aquela que o não desejo deixar.

## KEROUAC vs A LOUCURA

Hoje, deixo o sanatório. Não aceitaram meu pedido de loucura. Hahaha! Nos últimos dois anos aconteceram tantas mini-histórias que até um velho marujo mentiroso ficaria envergonhado de contar. Tudo começou ainda em Lowell. Lá passa um rio que levou minha alma junto. Sempre pensei em sair do quintal de uma das casas beira-rio e de lá ir para o mundo. Quando era menor, fui o mentor de uma das nossas tentativas de escapar. Já estávamos cruzando o condado quando o pai do Harry apareceu com os nossos irmãos menores e gente da cidade. Sempre soube que queria viajar pelo mundo sobre o mar. Porque a vida é o mar!

Mas os tempos eram de guerra e eu não estava a fim de contribuir com qualquer tipo de matança. A vida já era difícil demais com as coisas precárias, o mundo não precisa de mais tantas outras ruínas. Por isso, dei um jeito de ser dispensado da marinha por comportamento paranoico e agressivo. Fui preso e tirado do barco, por assim dizer. Mandaram uma carta para meus pais e fui jogado para esse internato para jovens. De alguma forma sabiam que eu tinha forçado a barra e queriam mesmo era me dar uma espécie de lição, uma lei marcial nas entrelinhas.

Os quarenta e nove dias que passei aqui me motivaram a olhar para a vida das pessoas de outra forma. Lidar com aqueles que são encostados requer três atitudes: os parentes



esquecem ou desistem, os médicos controlam e os donos do jogo os desejam fora, mas não tem como, a América ainda é um país cristão. Na verdade, por mais dramático que seja, muitos dos que estão ali são garotos e garotas de “posição”. Gente que sempre teve tudo, que frequentou boas mesas e salas de aula, que até viajou ao exterior, nem que seja ao Canadá.

É muito engraçado porque aqui você acaba cruzando com tipos que simplesmente não cresceram. São crianças traumatizadas em corpos de adultos. E, claro, a sexualidade é uma das peças essenciais de vários dos contextos. Um dos mais interessantes, um *hipster* de 30 anos, provavelmente acabado pelo álcool, bolas e benzedrina, anda peladão exibindo os ovos para todo mundo. Catarina, a noviça, levanta a saia em todos os piqueniques e mijá rindo enquanto os enfermeiros a catam pelo braço. A masturbação é uma constante. Os lençóis apodrecem de tanta excitação. Sei que não é algo legal nem de ler, mas agora estou em uma fase que quero arranhar o olho do leitor pelo estômago. Cansei de pensar num mundo e universo só para o meu umbigo, ele também deve sentir o peso do que eu vi, do que eu pude interpretar dele e de seus bonecos de fantoche. Não dá mais para ignorar que há algo de errado nesse lugar e nas pessoas daqui e eu sei disso e sei colocar para fora. Como é possível trancafiar tanta gente e verdade dentro de condições tão aterrorizantes, dando a eles o tratamento que não dão aos próprios cães? E muitas vezes, a incompreensão, a má-fé, a injustiça é com o próprio sangue, com o vizinho, o companheiro de jornada... O pior é que tenho certeza de que quando passar desse portão, do trem às ruas da grande cidade, vou continuar tendo a mesma sensação: de que estamos presos em uma espécie de asilo e não é Deus que nos protege, porque Ele não suporta tanta ignorância.

## KEROUAC vs POLLOCK

Já era tarde da noite e Lee insistia para que continuássemos em nossa bebedeira alucinada de três dias. Eu não conseguia mais distinguir entre o que era verdade e o que não era mentira, minha cabeça estava intoxicada demais para querer conceber a realidade das coisas e, por isso, meu corpo era guiado por um pavio curto de energia que não me deixava capotar. Jackson parece ter percebido a minha confusão e prometeu contar uma historinha para me fazer dormir tranquilo.

– Jack, eu vim de Cody, no Wyoming. Minha mãe era filha de católicos e, desde pequeno, quando eu acordava assustado com a vida e parecia mais desprotegido que um órfão recém-nascido, ela me contava a história completa do menino que havia se perdido dos pais e fora se encontrar com alguns doutores no templo.

Tentei dizer a ele que já conhecia aquela história porque minha mãe também já tinha me contado aquilo tudo, mas não consegui falar nada coerente naquele instante. Abaixei minha cabeça entre as pernas e tentei despertar meus ouvidos para a lição que iria escutar, como se nunca tivesse ouvido aquela historinha:

– Você entende, cara. Ele era um moleque apenas, a porra de um menino. Naquela época, os judeus não aceitavam as palavras de qualquer coisa que não fosse macho e com mais de trinta anos nas costas. E ele era um menino e dizia para um monte de caras bem mais velhos, sábios sacerdotes, rabinos, dizia a verdade

do que estava escrito, do que havia sido dito e do que ninguém ainda nem tinha pensado. E você acha que ele aprendeu isso lendo alguma coisa?

– Não sei, acho que não. Nem todo mundo devia ter acesso à leitura naquele tempo...

– Pois então. – Levantei minha cabeça e vi seus olhos brilharem para o infinito. – Ele sentia, Jack, ele sentia o universo sem que pra isso tivesse que transformar em palavras, regras, símbolos. No máximo, deixava seu espírito fluir pelo pensamento e dizia um monte. Ele se livrava das próprias paranoias, expulsando-as como se fossem demônios.

– Se as portas da percepção fossem abertas, tudo pareceria ao homem como realmente é... – broughtt, vomitei em cima de uma tela que ainda não estava terminada, regido pelas palavras de Blake. Jackson, como qualquer pai, quando percebeu que eu iria atirar substâncias internas na realidade, tentou afastar a sua obra, mas não teve tempo suficiente, sendo também atingido pelos pedaços mal digeridos de comida e bebida.

A partir dali apenas fui galgando o precipício, dando mais trabalho a cada dez minutos. Não parei de vomitar e fiquei até a manhã do outro dia agonizando e recebendo líquidos mal cheirosos preparados por Lee. Quando ficava sozinho no quarto, conseguia dormir, mas pouco tempo depois meu corpo reclamava do mau uso e eu acordava com a mente atormentada de culpa: eu havia vomitado no quadro de um dos caras mais obsessivos e talentosos que havia conhecido. Por sorte, Pollock não ficou assim tão revoltado, afinal sentiu alguma ligação sincera e conectada a Jesus, Blake e nós dois ali, de porre e falando um monte de besteira para a maioria das pessoas. Entretanto, não continuou a coser sua arte naquela tela, abandonou o projeto 73 e partiu para o próximo de sua imensa e iluminada lista de intuições e sentimentos plásticos.

## KEROUAC vs ROTHKO

Nos anos 50 o mundo estava mudando e nem todo mundo sabia disso. Era o jazz explodindo em novas formações, o consumo se tornando lei, a TV e tudo o mais transformando a vidinha fácil do interior em uma rotina de trabalho e fumaça. Os carros ficavam cada vez mais barulhentos e as garotas cada vez mais espertas e, por isso, faziam as coisas alucinarem na frente de qualquer um. Ser reconhecido se tornou condição para se existir na América e eu queria muito ser alguém. Lutei contra as minhas angústias depressivas e passei um bom tempo batendo com a cara na parede.

Nessa época havia um tipo de gente, uma classe especial de artistas que, mesmo quando uma editora recusava os meus manuscritos, me davam força para continuar tentando. Eles confirmavam com imagens, sons e movimentos o que eu queria fazer com as palavras. O que almejávamos estava por trás do que dizíamos e isso era o retrato desse momento. Trouxemos de volta a vida para a arte, detonando aquele formalismo fechado e cheio de esquemas. Por mais que nossos trabalhos fossem bem literais, alguns eram absurdamente abstratos e dependiam do acaso. Outros, racionais ao extremo, transformavam o inesperado em algo um tanto previsível, porém sem qualquer tradução simbólica. Os americanos estavam buscando desesperadamente as coisas e seus conteúdos e, nós, enxergando o espírito da geração de forma

completa, olhando para o pano sem fundo e vazio que se encontrava por trás da existência.

Com o tempo, descobri que esses chapas gostavam da mesma literatura que eu, quase todos vinham do mestre Dostoiévski e tinham sua admiração por Kafka, Nietzsche e mesmo Jack London. Um que mais me encantou com a sua melancolia e, ao mesmo tempo, sabedoria louca, foi Mark Rothko. Conhecia seus trabalhos desde o tempo em que frequentei a Columbia, mas na época ele pouco impressionava. Finalmente, quando eu lancei *O Livro* ele também fez uma exposição dos abstratos mais pertinentes que já havia experimentado. Sim, experimentado. Era como tomar um peiote ou se acabar em bezendrina. A viagem de Rothko foi algo inesperado para o Jack bobão, mas também mexeu demais com o velho que dormia dentro de mim. Acho que foi a partir dali que compreendi a distância entre a vida interna e essa porcaria de existência na realidade, uma chatice com um monte de gente pegando no seu saco e querendo arrancar suas bolas. Ainda que fosse de raiva era tudo antropofagia.

Quem tiver oportunidade de reverenciar a arte desse imigrante russo e perceber a fidelidade em que atinge a noção do espiritual vai conseguir, silenciosamente, encostar a ponta de sua consciência na verdade suprema. E dali em diante, se for nobre e tiver coragem para negar a covardia, vai compreender quão estúpido é ligar preferencialmente para as coisas. Por mais que elas sejam nossas extensões, são também descartáveis e perecíveis. Ou seja, inválidas para a verdade suprema do seu Espírito.

## KEROUAC vs WARHOL

E lá vinha aquela bichinha em seus passos trôpegos, seu cabelo pousando no meio da cara e sua boca enrugada feito um cu. E caminhava como uma dama ou mesmo uma rainha. Seu olhar fundou o blasé na América. E lá vinha aquela bichinha com uma polaroide na mão.

– Oi, bonitão! – disse, abrindo aquela boca cheia de dentes feios e quase podres. Fiz cara fechada, mas foi impossível não responder.

– O que você quer?

– Muitas coisas! – respondeu, sorrindo ainda mais. Franzi a testa e perdi um pouco da minha paciência. Eu já tinha tomado algumas e as papas não estavam mais na língua.

–Sabe, Andy, eu até gosto de você. – Seu sorriso aumentou de tal maneira que ouvi até um uivo vindo de sua garganta. – Principalmente, longe de mim!

Não pude aguentar aquele bafo escroto, dei um empurrão nele e saí para o balcão. Nem olhei pra trás. Depois me disseram que ele ficou uns bons dez minutos me olhando com ódio, como se fosse querer me matar. Eu nem me importei, muito menos a garrafa de whisky que estava me acompanhando. A manhã chegou, eu fechei os olhos e nem me lembrei mais do caso Andy Warhol, o “polaroide de si mesmo”.

O problema foi que a bicha parece ter ficado ofendida e começou a queimar meu filme em Nova York. Primeiro,

ligou para uns caras da editora e pediu para não publicarem a reedição de *On the Road*. Não sei de onde ele tirou poder e cara de pau para tanto. O foda era que ele sabia de muitas coisas e por isso tinha meio mundo em suas mãos. Apesar dessa tentativa, eu consegui ser mais influente do que ele e a edição finalmente saiu.

O safado tentou mais algumas vezes, de outros modos, acabar comigo. Até que, finalmente, no outono de 1962 eu recebo um convite para uma vernissage num endereço louco entre a Primeira e a Segunda Avenida – pouco depois o lugar ficou conhecido. O que parece é que Warhol queria é que eu fosse a sua estreia naquele lugar – o prato principal de sua sandice. Quis armar para cima de mim.

Fui para o lugar com o pé atrás, mas alguma coisa me intuía para comparecer ao local. Tomei um baita susto quando vi que era um armazém abandonado e que ficava no meio do nada. No portão havia uma seta apontando para uma pequena porta e, sobre a seta, uma frase bem sugestiva: “Entrada para Jacks.” Ri da piada e me senti até meio lisonjeado. Entrei. O lugar estava escuro, mas tinha um cheiro incrível de flores e um barulho de engrenagens ao fundo, parecia que quando as luzes fossem acesas iria ter ali uma quantidade enorme de abelhas catando mel.

Dei meus primeiros passos e de repente ouço um estalo, são as luzes. Elas se acendem aos poucos e percebo que não existe qualquer sinal de flores ou algo assim. Odores sem flores, nem abelhas zumbidos. Na hora eu até pensei que estava sonhando. Para minha surpresa, um anão pelado – apenas usando uma gravata borboleta, saiu de não sei onde e veio em minha direção com uma bandeja. Nela havia um copo com água. Quando o pequeno ser bizarro chegou até mim, percebi um bilhete sobre o metal da bandeja. “É para o senhor, cortesia de

meu mestre”. Agora, eu tinha certeza que estava em um pesadelo. Retirei o bilhete e percebi que ele estava sobre uma foto. Era uma polaroid e estava virada de cabeça para baixo.

Abri o papel e li: “Jack, você nunca mais vai deixar de ser o Jack beberrão. Eu ainda SEREI e vou ver enterrarem você sem qualquer honra. Aproveite enquanto eles ainda te tole-ram e beba este veneno que eu mesmo preparei para você. Quem sabe, eles te mandem flores ou façam até uma placa. Com amor, Andie!”

Todos os demônios da China medieval vieram ao meu encontro me dando vontade de acabar com o pouco de vida que havia naquele corpo de anão. Mas eu sabia que ele era apenas o emissário e que seu “mestre”, devia estar escondido em algum lugar rindo da minha cara. Amassei e isolei aquele bilhete ridículo. Apertei o passo e já estava saindo quando escutei algo zunindo atrás de mim. Era a porra do anão com a foto na mão. “Joga isso fora pequena pérola do oriente. E manda o seu mestre ir dar a bunda pro elefante, vai ver assim ele aprende a ser alguém nessa vida!” Ele continuou exalando alguns sons e não sei por que, fui pegar a tal da foto. Só lamento Andy, só lamento.





## KEROUAC vs O JAZZ

Tu-de-dum-pak-tu-de-dum-pam-tum-tum-pra-ca-tum – as noites começam de dia. Há todo um ar que envolve o espírito compulsivo a já acordar sabendo como irá deitar. Mesmo que não tivesse lido em um jornal ou passado em frente ao Village, sabia bem o que iria encontrar aos sábados naquele pequeno pedaço do paraíso financiado pelo demônio. A calma do ambiente em uma frase de sax traz uma impressão cinematográfica do que poderá acontecer: sonhos lúcidos, mulheres incríveis e seus corpos da perfeição, uma conversa beatífica com um negro do subúrbio mais sábio do que qualquer um de vocês. Alguma coisa acontece com meu centro gravitacional e os membros do meu corpo que, quando escuto os acordes, eles ao mesmo tempo comandam partes oblíquas da energia que me leva, bem como sobem e descem uma sensação infantil de que a vida se resume ao ritmo, ao som e ao que o olho pode ver, mesmo que permaneça a maior parte do tempo fechado.

Em uma dessas noites quaisquer em que já sabia que seria convidado a entrar em êxtase, pronunciava desde a manhã certo assóvio que competia com os pássaros do parque. Hoje, posso lembrar e perceber que é bem possível que de antemão já anunciava pelo bico de minha alma o edificante pôr da lua que teria. Não foram raros os dias em que, mesmo não pretendendo nada, consegui viver o momento. Acho que é essa confiança na passagem, na transmutação e na impermanência

que me deixou desde cedo dotado na fé da razão – já que a especulação nem sempre é a porta para a segurança pessoal. É preciso ter talento para deixar que o exagero alcance seu predomínio e tudo aquilo que ora fora proibido e que agora se tornou o desejo urgente e intransponível.

Balancei meu corpanzil pelas ruas e subterrâneos de Nova York em direção ao improvisado acaso da casa de jazz. Sabia que naquele dia seria possível ouvir os melhores e não me dei conta de olhar bem para o cartaz que selecionava o que iria acontecer naquela noite. Fui. Simplesmente fui. Nunca me acostumei a tomar rumos por mim mesmo. Vaguei sozinho, mas de alguma forma sempre sabia que iria encontrar irmãos da alma, da nova visão. Os vagabundos iluminados estão pelo caminho. E naquele dia era assim.

Cruzei a porta do Village e percebi um clima hostil. Minha empolgação juvenil começou a ser drenada quando percebi que havia quase ninguém no lugar. Não entendi por quê. Era uma noite linda de primavera, quente e convidativa para o som. Talvez fosse cedo, mas não. Já passavam das 11. O palco estava vazio a não ser pelo velho e sábio piano que iluminava o centro das atenções. Fui ao bar e troquei algumas ideias com os camaradas da noite. Nenhum deles podia me dizer ao certo o que estava acontecendo. Fiquei desiludido e preocupado: meu teor de energia estava nas alturas e, se não fosse a música, seria o álcool e as drogas que me trariam naquele momento.

Não tinha visto o cartaz nem os garçons tiveram coragem de me dizer. Aquela noite era uma ocasião diferente. Era um dia em que pela primeira vez um europeu, do leste, se apresentaria no bar mais africano da América. O romeno Hagyu e sua banda cigana traziam à cidade uma fusão entre o jazz americano e a melodia dos Bálcãs. Era o que dizia

o cartaz que não li. A verdade era que, na noite anterior, um homem qualquer invadiu o Village e esfaqueou várias pessoas. Ninguém morreu, mas aquilo feriu a coragem de quem leu jornal ou ouvira a rádio. Como eu não li nem o cartaz, fui.

Depois de quase quatro doses, um sujeito alto, nem tão forte, mas firme em sua postura, aprumou sobre o palco com um sax soprano. Usava uma espécie de lenço na cabeça e exibiu um bigode como os dos estivadores europeus. Suas feições lembravam um pouco os judeus do velho mundo, mas sua pele continha um quê tropical, como se sua origem fosse algo próximo ao sol. Consigo, três outros discípulos se punham como músicos e mais bem comportados. Apesar de também aparentarem as mesmas origens, com suas roupas e acessórios típicos de um povo nômade. Havia um violinista, uma rabeça e, também, um acordeão. O piano não seria tocado naquela noite.

Com seu soprano e, às vezes, com um violão mágico de onze cordas, o gran cigano encantou a atmosfera daquele lugar consagrado. Sua música completamente destoante do timbre seco e agudo da bateria americana tornou o ambiente uma espécie de apologia ao caos. Corríamos – éramos pouco mais de seis pessoas – de um lado para o outro, balançando nossos corpos e cabeças de acordo com o ritmo que ora era rápido e violento, ora sincopado e romântico. Com acordes simples, mas maduros, a música do leste nos mandava para um lado com toda a lentidão dos movimentos sugeridos pelo acordeão. Entretanto, de repente, sem mais nem menos, o violino e o sax introduziam melodia e velocidade, impedindo que continuássemos na mesma toada, voltando com graça e organicamente para a posição inicial. Rápido, lento, rápido, lento...

A noite se foi, meus pés também. Parei de tomar quando percebi que, triunfalmente, jogava o líquido de meu pequeno copo no meio do grande vazio aberto em frente ao palco. Saudei o gran cigano diversas vezes e até tentei me comunicar telepaticamente. Disse por meio de meus pensamentos que aquele momento era uma expansão, o engrandecimento da música, do improviso, da mescla cultural. Uma necessidade que até então não havia percebido como concreta. Deixei qualquer padrão de lado e concluí que o jazz-improviso-som-da-alma-do-sopro-e-da-mão não pertencia a qualquer nação ou povo. Não vinha da África, mas da alma. O jazz-improviso-som-da-alma-do-sopro-e-da-mão era a grande mãe nos dizendo que tudo e qualquer coisa que exista ainda assim é muito pobre para descrever a sensação de tocar a divindade pela matemática que há na operação música-músico-ouvido-corpo-e-alma. O mundo é um lugar muito pequeno para tanta gente grande ficar distante milhas. Queira eu um dia poder receber na minha casa as ondas desses outros lugares em que a música é taxativa em dizer: nossa origem é a mesma; o som primordial do beat nos toca da Sibéria à Polinésia, da África Central à Irlanda. O mundo é diverso. O mundo é um só. Ele é música, e a música nunca termina, sempre começa, recomeça, vai de novo.

## KEROUAC vs SIMONE

Já estava de saco cheio de tudo aquilo – família reunida, todo mundo fingindo ser feliz, parentes que não se cumprimentam e que agora se olham como se nada tivesse ocorrido (na verdade, são tios que olham as pernas das sobrinhas e primos que combinam sacanagens com seus sorrisos), uma verdadeira depressão de Natal. Na minha casa sempre foi diferente, somos católicos onde a maioria sempre foi protestante ou judeu. Para nós, o natal simbolizava a desgraça que nossa sociedade havia feito consigo mesma ao matar o Escolhido. Ficávamos ouvindo o Papa rezar do Vaticano e torcendo logo pela volta do Cordeiro, não aguentávamos mais esse mundo de perversões e maldades. Não que eles não tenham um natal – judeus e protestantes –, mas se os do deserto têm seu feriado próprio e criaram o Papai Noel para substituir Jesus, nós cristãos estamos divididos em dois lados: os que se sentem felizes no natal e contemporizam com o que vão ganhar de presente e os que verdadeiramente entendem em que burrada aquele menino foi se meter. E olha que a cada ano vejo os judeus nos seduzindo com o Papai Noel e os cristãos virem seu Deus encarnado sendo deixado de lado pelo homem do saco vermelho.

Estamos em 1964, não é uma festa da minha família, é da família de um amigo meu, filho de um rico industrial e cheio de tradições entupidas no rabo – nada católicas. A única coisa boa foi que contrataram Nina Simone para tocar pra gente o

*jingle bells*. Fiquei um pouco incomodado de pensar que ela não poderia comemorar a virada para meia-noite – momento mágico, único e esperado por todos, pois nesse exato instante estaria trabalhando para os Ferrel, cantando alguma coisa natalina. Esse é um claro caso de divisão de classes, de preconceito racial: como uma negra na América vai poder adorar Cristo se não tem o que comer em casa? Um absurdo, é melhor que trabalhem para um branco em sua festa, afinal, em anos vindouros, quem sabe ela arranja uma grana extra e não precisa vir trabalhar? Estou bem puto da vida, fumando igual um forno, dando grande tragadas, querendo logo que essa hora passe. De repente percebo que, se não mexer meu traseiro do lugar, vou acabar me mijando ali mesmo, na frente de todo mundo. Levanto com certa rispidez e acabo deixando um copo se fragmentar no chão lustrado da casa. Logo, um dos cem mordomos aparece e me diz para deixar com ele. Ameaço botar a mão no bolso, mas ele insiste. Nesse instante, me lembro da mijada e vou correndo para o hall de entrada da casa. Lá, vejo uma enorme escadaria que se divide em duas escolhas: a da direita e a da esquerda. Pensando na aristocracia, imagino que o banheiro deva ser algo de um canhoto, ali onde tudo de bom e de ruim acontece, as fodas inesperadas e as merdas defecadas. Dou sorte, subo a da esquerda e alguém passa e me confirma a quarta porta como sendo a correta. Para o meu desespero, a porra da porta está bastante fechada, tem alguém lá dentro. “Ei, ei, por favor, estou muito apertado, será que pode...” A porta se abre e uma negra bem bonita sorri para mim, é ela, é Nina e seu cabelo.

– Oi, Jack... Quanto tempo!

Não respondo, puxo o seu braço, tiro-a da direção do banheiro, fecho a porta e, antes que eu consiga colocar para fora, já estou meio mijado, mas pelo menos um pouco mais aliviado.

Acabo que consigo despejar cerca de dois terços do que era inicialmente planejado, tudo bem, o problema agora era conseguir voltar para a festa sem que ninguém visse aquela mancha de urina perto do meu saco. Se ao menos Simone estivesse ali fora, mas imagino que ela tenha partido puta da vida.

Mais uma vez sou surpreendido e não é que a negra me espera com um cigarro. “Você não foi mal o suficiente para me fazer ir embora.” “É mesmo?”, respondo meio tenso e meio achando aquilo interessante. “Não, seu escritorzinho deprê”, disse puta da vida, “eu esqueci minha bolsa na porra do banheiro, me dá licença!” E tal como eu fizera, dessa vez é ela quem me arremessa para fora do caminho e entra batendo a porta. Depois daquilo, ainda com as calças me denunciando, fui investigar alguns quartos e acabei encontrando um suéter de rico. Coloquei em volta da minha cintura e fui lá para fora. Quando cheguei no jardim, Simone já estava encantando a todos, trazendo a noite de natal para os cristãos, ricos, de direita e brancos da América.





## KEROUAC vs A CIDADE PEQUENA

A gente acha que conhece uma mulher pelas palavras que ela diz, pelos olhos que brilham quando você sorri e pelos susurros na trepada. Mas tudo isso não passa de uma impressão machista e ocidental. Não sei, mas tenho a ideia de que reparam as coisas com um outro olhar, de um outro lugar. A maioria do que achamos que dá tesão talvez seja um detalhe que acrescenta e não necessariamente decida uma escolha.

Em uma noite regada a vinho, erva e muitos outros paraísos, quando nossos amigos se apresentaram em um festival na praia e eu tinha a exclusividade de um bangalô para saciar minha sede de sexo e alucinação, minha vara de condão resolveu não encontrar a lua. Fiquei obsessivo e obcecado pelas forças naturais terem me feito falhar com a deusa da primavera que visitava minha cama. Ela dormia de certa forma saciada, porém intrigada com minha reação raivosa diante a inatividade de meu ex-melhor amigo. Fiquei o resto do dia me tocando na esperança de que algo reagisse e eu a surpreendesse com o melhor sexo de todos os tempos.

Apesar de tentar, meus galhos não deram flores nessa estação. Perdi a moça e a estima. Precisava de um amor e isso estava claro. Gostaria muito que fosse um amor real, que viesse das ruas, que curtisse o bebop e amasse galerias

de arte e saraus. Pois, apesar de estar de saco cheio de poses artísticas, eu curto mesmo coisas densas, coisas malfeitas, mas realizadas, acionadas pelo autor, com sua expressão, ou pelo admirador com seu amor.

Uma vez recebi uma carta. Uma mulher de Lowell me parabenizando pelo livro – o único que foi publicado. Conhecia sua família, conhecia sua história. Ela era uma das personagens da minha trama. Era a irmã do melhor amigo de um dos meus alter egos. No verão deste ano, resolvi dar uma volta na velha e pacata cidade da minha infância. Passei pelo rio, passei pelas velhas fábricas abandonadas, pelos vidros da prefeitura, pelo campo de futebol da escola e pela irmã do meu melhor amigo, morto aos 18 anos.

Ela sempre fora um ano mais nova que todos nós. Era a mais bonita e esperta de todas. Nenhum menino conseguia ver sua calcinha e tinha um apreço muito interessante pela vida natural. Adorava se banhar nua na lagoa Houston. Hoje, temos 10, 12 anos a mais do quando nos vimos pela última vez. Sou um homem de 34 anos e ela tem 33. Já passamos por várias experiências, algumas juntos, como a morte de seu irmão e meu melhor amigo de infância. Porém, nada me tiraria da cabeça que ela era a grande mulher da minha vida. Aquela que havia escolhido para ser minha Julieta.

Uma pena eu não ter colhão para interromper o trem e paralisar o meu amor aqui mesmo, em Lowell. Só assim, nessa vida me será permitido viver o amor antes de qualquer outra ilusão que a sociedade dos homens sérios e corretos irá me oferecer. Há dois meses parti de Lowell, voltei à estrada, estou em Nova York e sigo nas ondas de Charlie Parker – que Deus o tenha!

## KEROUAC vs A AMÉRICA LATINA

Bill ficou muito vidrado no que viu abaixo do Equador. Ele me mandou cartas e mais cartas da América do Sul. Umas bem sacanas, com cenas de que só ele poderia ter sido personagem. De certa forma, eu tenho uma consideração a fazer a essa parte do globo: algo ali me excita de verdade, é um paraíso amaldiçoado, um lugar de perdição ingênua, mas letal. Uma coisa que me fascina no sul é o sincretismo de tudo e qualquer coisa. Parece o ponto de união de todas as almas já fabricadas nesse mundo. Há também certa devoção que também sempre tive ao Cristo – isso me conforta. Há uma tristeza no rosto da índia que imagina seu Jesus caboclo, mas de olho azul. Bill conta que nós, os norte-americanos, somos parâmetro para qualquer coisa. Eles nos engoliram junto com os aspectos da sociedade espanhola decadente das capitais – as rádios e os magazines misturam a aristocracia merengue e o consumo nova-iorquino. E uma parte deles nos adora como ídolos. Os mais abastados tentam ser como a gente – ou como imaginam o nosso modo de vida. É a finalidade de suas existências riquinhas. Nem imaginam que a sua roupa foi forjada por uma história de lutas injustas regadas a sangue nativo e muita ostentação e estupros. A maioria dos caras da alta nunca soube o que seus tios, avós e outros ancestrais fizeram ao povo que

ali florescera bem antes de os navios aportarem. Queriam sugar da terra e dela fizeram sua morada, explorando o povo original, obrigando-o a cultivar sua igreja e suas leis – geralmente desfavoráveis aos proprietários por natureza.

Todavia, nem é tanto desta parte da América Latina que “algo mais” toca o meu espírito. Tenho medo, pavor, horror, pânico de pensar estar solto em meio às terras quentes do Brasil. Por sorte, houve uma alma que resolveu acalmar meus tremores. E fez mais: pensar nele me fez recordar um episódio que havia gerado pensamentos impactantes na minha vida logo após *O Livro*. Vi que o beat, realmente, é uma poesia da vida e que vai, devagar mas vai, fazendo metáfora na cara de muita gente que não consegue se desvencilhar de uma honradez forjada. Como dar títulos ou dizer verdades a um povo em que a unidade é como um todo e não hierarquia? A nobreza é uma falácia acreditada. O que atesta alguém rico ou alguém pobre? Capaz ou incapaz... de quê?! Há sim um mundo lá fora, desconhecido, mas de um caminho que se repete na viga estranha em que se equilibra. São nas terras e pelas veredas que se encontra o mistério, ele não se esconde, quer ser achado. Porém, o que o homem que conta a história quer é que se acredite que só ele pode ou tem autorização para dizer do livro da vida o que as pessoas devem, atentas, ouvir.

Era verão e ainda não havia se passado nem um ano desde a fatídica resenha no NYT. O mundo havia girado no fundo de várias garrafas e eu, a cada semana, me transformava cada vez mais em um traste. Acho que o erro sempre foi não ter percebido que eu já estava velho para aquilo tudo. Pois bem, eu só queria que o tempo passasse de forma suave e intensa, um paradoxo perfeito para quando a fama abocanha o seu rabo. E você sabe que o brilho que sai também cega

as pessoas. Naquelas últimas três noites eu, All e os rapazes ficamos nos dividindo entre vários pulgueiros de Nova York.

Em uma das manhãs, alguém apareceu com uma Kodak e congelou na história o momento em que os beatniks foram pegos à luz do dia. Mal sabiam eles que o sol era tão artificial quanto a lua naquele momento. Exatamente naquela hora, qualquer coisa era contínua com a noite, nada além disso. A luz seria uma alegoria para a verdade obscura.

Mal sabia distinguir qual era o direito ou o esquerdo. Mesmo assim, fui amparado por anjos até o portão de casa. Deitei na mola como se entrasse num saco de feno confortável. As nuvens foram transformando o ambiente e logo ocupava a divisão onírica da vida. Obviamente, meu estado mental ainda andava intoxicado e as cenas do sonho não foram outras quantas as que narravam o martírio do próprio Cristo. Minha culpa por deteriorar a carcaça agraciada por Deus ao meu espírito me trouxe um resultado dos mais angustiantes dentro do sensorial mundo de Morpheus. Queria logo que a epopeia desconcertada dos meus erros marchasse pela cabeça. Porém, em vez dos tanques do abutre, meu mundo de sofrimentos foi acochado por um moleque atirando pedras em minha vidraça. Acordei gritando “filho da puta”, mas antes de terminar minha oração, Deus puniu meu ser enviando uma dor de cabeça aguda e profunda. Fui ver o que era com o gosto do sangue na boca, queria canibalizar quem me tornara tão pesado naquela noite. “Senhor Jack, Jack..” “VAI EMBORA, FILHO DUMA ... ai ai Aihhhh!!!” “Está acontecendo alguma coisa aí, senhor Jack?”, insistia o pentelho, agora preocupado com a minha saúde. “Senhor Jack, quer que eu chame uma ambulância?” “Não, não”, disse, “o que você quer?” “Estou indo embora para minha casa amanhã. Sou de muito longe e li o seu livro nessas férias. Não poderia voltar para São Pau-

lo sem ver a sua cara.” Então, controlei a respiração e disse: “Você bateu na minha janela, está gritando na porta da minha casa só para ver a porra dos meus olhos azuis. Você é uma bicha, sai do meu quintal!” “Calma, pelo menos autografa o meu livro... quer dizer, o seu?” “Ok, vou descer”, disse já com a mão pressionando um dos lados da têmpora na tentativa inútil de diminuir a dor.

Acabou que ficamos conversando e ainda eram 9 da noite. Meus ânimos pareciam ter voltado e agora eu já queria levar o rapaz para uma noite especial na capital do mundo. Ele me disse que seu nome era Guilherme e havia vindo a NY visitar um parente. No dia seguinte, voltaria para o Brasil, onde cursa algo parecido com a High School. Guilherme estava bastante apreensivo, falava o tempo todo em uma partida de futebol dos ingleses. “Jack, amanhã é a final do campeonato mundial. O Brasil tem um time formado por gente de toda cor, muitos são misturadíssimos. E o pior é que as principais estrelas, as que estão despontando nos jogos são negras. E sabe onde está sendo a Copa do Mundo, como é chamada?” “Não”, respondi desinteressado. “Na Suécia, Jack!” Ele tinha razão, como que pretos poderiam de novo superar os branquelões? Isso já tinha sido motivo para uma guerra! Hitler não aguentou quando o negro fodido Jesse Owens venceu com folga os alvos da raça perfeita ariana e o Führer descontou a humilhação em Berlim, balançando seu pintinho para outros países.

Guilherme me convidou no dia seguinte para ouvir a partida pelo rádio em uma estação da colônia italiana em Newark. Partimos para a cidade perdida e chegamos a uma espécie de rádio-pizzaria. Eram 11 da manhã quando a bola rolou em Estocolmo. A narração era em um inglês britânico dos mais afrescurados, mas que incrivelmente dava muita emoção quando entendíamos que algo estava acontecendo.

O estádio parecia vir a baixo e o locutor elevava o tom. No final das contas, Guilherme e os italianos comemoraram mais vezes do que xingaram o aparelho. O Brasil dos pretos ganhou o campeonato mundial e vi pessoas de outras partes do mundo deitarem lágrimas sobre o solo da América.

Depois daquele momento isolado, entendi que o beat da África havia sido explorado pela ignorância do homem. Entretanto, algo de mágico existe não só nesse povo, mas em suas relações com os novos mundos em que são enviados, buscados. Os Estados Unidos e o Brasil representam no macro a possibilidade da união em torno da alma, do beat. Há aqui e lá uma força que poetiza a existência. Não há cores nem hierarquias, somos um conjunto de almas livres para a criatividade estimulante. Um cobiça e aprende com o outro e, disso, surgem vários outros em uma corrente infinita de mescla e divisão. Por causa dessa experiência, dois anos mais tarde, não fiquei assustado quando o senhor de óculos me perguntou se eu conhecia alguma coisa de “soccer”, como os americanos chamavam o esporte. Apesar de não ter ligado o nome ao esporte, pelo sotaque carregado, logo vi de que esporte se tratava. Falei em francês (acho que aceitaria mais a minha fala assim): “Como não? Até ouvi o título mundial do Brasil em 58.”

Caí nas graças do sujeito. Alguém muito importante e interessante, diga-se de passagem. Tinha sido diplomata e agora, como eu, jazia na antessala de um programa de TV francês. Nós nos apresentamos, ele me reconheceu, me parabenizando por Vagabundos e disse gostar bastante do ritmo de minha escrita. Fiquei curioso para saber como era a sua misteriosa e cativante terra, o Brasil – país de que tinha certo receio, sem saber ao certo por quê. Explicou-me que poucos recursos chegam ao país e que, por isso, como o



povo era bastante criativo, algumas alternativas foram sendo construídas. Por exemplo, algumas cidades são em torno de florestas e, por isso, um meio de transporte usual é o cipó. Dizia ele: “O pessoal sai do morro e vai para o centro descendo por cipós firmes, recolocados pela prefeitura em caso de qualquer defeito.” Contou que, por lá, existia uma bebida mágica que transformava gente em um felino selvagem chamado “onça”.

É interessante como os nossos caminhos se cruzaram. O meu, a longa estrada empoeirada em sua margem; ele, um poeta, um embaixador de uma cultura desconhecida e aberta, profeta reconhecido pela diplomacia e proposições completamente caóticas e Zen. O tal senhor Rosa escreveu sobre uma terceira margem, um terceiro lugar na travessia do rio. Na hora vi o velho jangadeiro de Sidarta, o fluxo em trânsito pelo meio, sem apoio nas margens, mas consistente em sua paciência e leveza sobre o rio. Um delírio sobre a própria angústia de viver à deriva entre os macacos falantes.

Cada um entrou no estúdio a sua hora. O momento de Rosa foi após o meu, mas, como fui interpelado por algumas leitoras históricas e beats da França, pudemos nos encontrar novamente no saguão da emissora. Ele me desejou o melhor possível em minha jornada literária e me convidou para passar alguns dias em sua aldeia. “Tem uma linda praia”, disse apaixonado, sem antes diminuir a voz e falar das sereias que chegam à margem dos riachos e fazem o melhor oral da selva. “Ok”, disse entusiasmado, “irei quando as coisas se estabilizarem, quem sabe quando eu mudar de vida e não precisar mais do mar alucinante da América, eu topo passar por lá.”

“Hmm, América? Você, meu jovem, ainda não conheceu o que é a América, ela não se limita a essa sociedade que te criou mimado e crente de ser o portador da verdade.” Nós nos despedimos, concordei com seu raciocínio, todavia refleti como seria me transformar num gato selvagem, num tigre americano.

## KEROUAC vs A MODERNIDADE

Existem momentos na vida em que qualquer vagabundo ou sábio entende que é preciso cair fora. Inclusive da estrada. Havia em mim uma dor que não compartilhava com os executivos de uma empresa, nem com o operário que acorda aborrecido, mas ri no refeitório satisfeito com a ração que pensa que é de graça, mas é paga com o seu suor diário. Muito menos a dona de casa infeliz que espera o marido chegar bêbado de mais um dia de trânsito e pressão. Só mesmo aqueles que vivem se arrastando pelo asfalto e os ascetas entendem que essa vida de pó preto, sirenes e gente ao redor é algo ilusório, maya.

Arrumei meu kit de vagabundo da montanha e do mar e rumei para Big Sur. Estava em Denver e arranjei uma carona com duas loiras com lenços sobre o cabelo e batom rouge nos lábios. Elas estavam também de saco cheio de suas vidas de secretária em Nova York e resolveram partir para a Califórnia tentar uma vaga em Hollywood. Não sei se tinham talento artístico, mas sabiam conversar como ninguém. Astride era a mais alta e a que dirigia o conversível. Mostrava-se um pouco entediada com a minha presença e no início só respondia o óbvio. Charlene, mais fogaosa, logo se interessou quando disse que era escritor e que havia escrito um livro. Queria saber o que era verdade e o que era ficção no que tinha feito e como era fazer com que tantas personalidades inspiradas em mim mesmo conseguissem criar vida própria.

Apoiava minha mão nos dois bancos e chegava minha cabeça entre as duas e falava, falava e falava. De repente, Astride pareceu ter se interessado pelo papo e foi a vez de a gente ouvi-la falar por quase 100km sobre o que achava dos homens, do natal e da maneira como as mulheres eram tratadas na América. Sua visão não era simplista e até chegou a incomodar o meu pensamento de macho, branco e do leste. “Cara, você nunca vai entender uma mulher de verdade. Vocês acham que dar coisas como flores ou chocolates é o suficiente para a gente abrir as pernas de segunda a segunda. Não, meu camarada, não mesmo. Meu chefe é um escroto. Toda vez que tenta em vão meter aquela coisinha ridícula que tem dentro da calça se sente culpado e me manda, como se fosse uma vingança, encomendar flores para a imbecil da sua mulherzinha que fica em casa cuidando das crianças e dando um tapa no pó da cozinha.”

Mais conservadora, Charlene queria um homem que lhe desse conforto e fosse “amigo”. “Sabe”, disse a moça, “não acredito em amor mais. Entretanto, quem sabe um dia me arranjo com um cara legal que não vai querer mais outra coisa senão a mim.” E falava isso e suspirava e olhava para o horizonte sonhando com esse seu príncipe que não a amaria – e, nem ela a ele, em seu íntimo sincero, mas a deixaria confortável para dizer para todo mundo que tinha um homem que estava com ela e tudo o mais.

Quase chegando à fronteira da Califórnia, passamos por um acidente horrível. Uma família inteira tinha morrido, sobrando apenas um rapaz de traços indígenas e muito desconsolado. Naquele momento, ficamos em silêncio, cada um pensando no próprio sentido para a vida.

Tive mais e mais certeza de que deveria ficar um tempo longe de qualquer coisa que me lembrasse da civilização.

Estava de saco cheio desse sofrimento por conta do progresso inútil. Será que se ainda andassem em cavalos uma curva escrota os teria matado? Enfim, também não dá para saber se o destino se cumpre em seu exato momento. Estamos em 1954 e nada mudou realmente no preconceito e na vontade das pessoas. Acho que aquilo nos deixou bastante impressionados e tivemos que parar em um bar na estrada para encher a cara.



## KEROUAC vs A HONRA

Seus olhos nunca são os mesmos. A cada dia, a cada despertar, um novo mundo se projeta biologicamente dentro de você e aquilo que enxerga, por mais que seu cérebro de magazine, viciado, ache que é o mesmo, que o sorriso e a decepção têm os mesmos tons, não têm. Há uma história de que a angústia viaja amarrada nas costas do viajante. Não adianta sair de um lugar se o que lhe ferra tá dentro e te acompanha até a porta do inferno. Ou seja, por um lado temos um despertar completamente novo todos os dias e, por outro, temos as coisas dentro de nós permanecendo, independente da coordenada em que seu corpo estiver habitando. Assim, somos novos corpos em almas velhas, vagabundas, repetitivas, geralmente, estagnadas.

E assim, com a ilusão de que a mudança de lugar iria facilitar as dores, saí do ventre que tanto conhecia e parti para a maior cidade do mundo. Mesmo morando no interior, meu espírito sempre procurou entender das coisas como se não houvesse hierarquia nem limites em uma cidade. Não conseguia acreditar que qualquer coisa funcionasse melhor fora da gente do que dentro. Absorvi em torno de mim todas as possibilidades de acontecimento desse mundo e achei que, a partir disso, qualquer coisa que fosse possível, poderia estar em mim, independente de meus olhos, ouvidos, nariz ou boca estarem perto ou não daquilo. Por um lado, é uma forma de aceitar que o mundo é muito mais vasto que os seus sentidos e a área que

pode ocupar ou visualizar, mas também é um pouco de orgulho em não reconhecer a imensa pequenez. Que porra de vida é essa que me joga para o alto e me faz acreditar que sou um iluminado e ao mesmo tempo me tampa na parede, como um navio em mar bravio, me coloca em um lugar tão rebaixado que qualquer condenado sentiria orgulho de sua condição diante do quanto me humilha. Sou viciado em me colocar por baixo de qualquer ser que tenha um vazio entre as pernas e que demonstre nenhum tipo de consideração por mim. A única hierarquia que respeito é aquela que fode com meu coração e acaba com qualquer projeto sério que esteja levando no momento.

Essa herança maldita deve ter algum tipo de arqueologia em minha alma. Será possível olhar para trás e achar algum culpado nessa história louca de excitação, submissão, destino e chão? Será minha mãe, a morte imatura do meu irmão, os porres de papai, a cristandade chorosa da cruz do mundo? Porque sempre vou ao mais raso do raso, rastejo sobre minha carne e dilacero qualquer consideração por minha honra. Sou livre, mas aqui dentro, aqui onde eu acho que domino, sou fisicamente dependente da tristeza. Sinto-me livre, mas sei bem o quanto fico trancafiado em sentimentos de desconforto. Enquanto a maioria se mata pela vergonha, eu me alimento da minha própria desgraça. E essa sequência não apenas permaneceu quando me desloquei no espaço, como se potencializou na grande cidade. No interior, pelo menos em algumas ocasiões, só eu e meus piolhos sabíamos realmente que era prazeroso ser ofendido por uma vadia. Aqui, onde as regras e as leis não são conforme a tradição cristã, tudo mundo fica sabendo em seguida, é como se colocassem o fora que você tomou para passar na Times Square. Logo, os olhares são de pena e você tem certeza de que sua honra desceu pelo ralo do esgoto e que ninguém nunca mais vai querer olhar

para não correr o risco de pegar essa coisa de ser colocado na sarjeta da sociedade. Além disso, é missão de qualquer xoxota cosmopolita fazer questão de apontar para a sua cara e dizer: "Uau, você é o máximo, pena que não tem nome, pena que é um caipira."

Mas, enfim... levantei com novos olhos nessa manhã. A angústia, olhei no espelho e a vi tatuada no meu peito. Peguei uma faca e escarifiquei sobre a imagem, "impossível"... que ela saia dali, que eu desista de senti-la, que eu acorde como antes, que eu não seja eu mesmo. E com a lâmina sangrando, parti para as ruas, a primeira vadia que encontrar vou fazer questão de mostrar quão rústico é o meu pau.





## KEROUAC vs O KARMA

Uma vez eu sonhei com uma chuva que nunca parava. De tanta água caindo sobre a América, me restava apenas ir para o telhado de nosso apartamento em Ozone Park, Nova York. Porém, meu corpo abatido pelo abuso pesava sobre a cama e sobre meu sonho. Fiquei com tanta preguiça que esperei ela chegar na beira da janela. Joguei-me pelo sofá e saí nadando por Manhattan.

Percebi que era possível respirar debaixo d'água e que nem todos aqueles que me acompanhavam tinham a mesma desenvoltura que eu. Meus pensamentos guiavam a velocidade do meu corpo e fui navegando imerso em uma cidade líquida. Primeiro, fiquei preocupado com meus amigos. Pensei neles e vi um cardume de elétrons seguindo em direção aos seus endereços. Via refletido nas janelas dos prédios como estava, um por um.

Fiquei surpreso quando reconheci Birdcage como cenário habitado por Peter e Allen. Guiei meu corpo-pensamento para o local. De repente um medo súbito percorreu minha espinha. Uma remexida na água me fez lembrar de suas profundezas e monstros. Um mundo aquático é povoado por predadores e seres desconhecidos. Logo, logo crocodilos e tubarões estariam tomando os territórios.

Então, interrompi meu caminho e nadei para o alto. Subi em direção à chuva. Depois de algum esforço, consegui, enfim, alcançar o limítrofe da água. Avistei corpos espalhados.

Percebi que todos eram adultos e mais velhos. Suas roupas demonstravam a classe social a que correspondiam. Havia roupas, jóias e muitas notas de dólares espalhadas pelas águas. Já não havia superfície maior que a elevação do nível – Nova York inteira estava submersa.

Essa visão me livrou do medo oceânico e consegui me transferir para a casa noturna. Entrei nadando pela porta da frente e logo vi na pista, uma galera de *hipsters* felizes, se divertindo ao som dos melhores jazzistas da cidade. Vagabundos, bêbados, pequenos marginais, poetas frustrados, piranhas devotas, todo o tipo de gente que se encontra uma vez ou outra na noite, estavam todos reunidos de uma só vez. Como se a chuva os tivesse levado para lá.

Não consegui entender muito como aquilo tudo estava se dando. Cada vez mais me colocava dentro do mundo onírico, como se estivesse sendo seduzido por um sonífero perfumado, levando-me para um estágio mais profundo e menos narrativo do sono. Apenas sei que os instrumentos tocavam e que os corpos se mexiam e os sorrisos cheios de bolhas jorravam sobre todos! As bebidas eram espalhadas dentro d'água e, por causa da cor e da densidade, por alguns momentos, uma turma se juntava e todos bebiam do álcool espalhado pela atmosfera líquida.

Tentei relutar, mas não consegui. Fui deslocado para outra zona de atuação noturna. Já não estava mais submerso, e sim em uma montanha iluminada pelo sol do oriente. Minha alma ainda escutava os redemoinhos e as ondas da chuva. Encontrei-me diante um mestre ZaZen. Em vez de perguntar qualquer coisa do tipo “por que estou aqui?” ou “você é real?”, sentei-me de frente, observando os mínimos detalhes para que não o incomodasse. Sei que o sujeito poderia passar meses sentado, entretanto, confiava que haveria algum tipo de mensagem para mim.

Ele não parecia antipático, e então comecei a assoviar um cântico que havia decorado anos atrás. Por incrível que pareça, eu sabia tudinho, lembrava toda a melodia, era como se eu tivesse acessado o local e a hora exata em que eu ouvi aquilo pela primeira vez. O mestre foi saindo de seu transe e aos poucos foi se expressando para mim. Quando já estava restabelecido, me cumprimentou e disse: “Olá.” Respondi com um gesto de respeito e fiz minha reverência taoísta, sempre aconselhada para os grandes santos sagrados. Ele sorriu:

– Pequeno Jack, o que resta ao centeio senão ser cortado do campo?

– Saber que saciará a fome de alguns e que sua vida será renovada pela natureza.

– Então, ele deve se deixar ir?

– Não, apenas ter certeza de que sempre haverá uma solução que tende ao equilíbrio e ao movimento.

O mestre, em suas roupas simples, agora nos guiava em uma jangada. Logo pensei em Sidarta, em Hermann Hesse. Estávamos atravessando um rio também. Entretanto, poluído, desgraçado pela corrupção e ignorância humana. A pobreza de alma dos que tinham poder e a falta de esperança dos desprovidos de assistência geraram um caos irracional no formato daquela cidade. Parecia uma cidade invisível de Calvino. Descíamos por um rio estreito e malcheiroso. Nas margens, carros e outros veículos circulavam em velocidades alucinantes. O barulho das sirenes, do atrito com o asfalto e de toda a vida urbana entrava em mim como se fosse espinhos. Era preciso fechar os olhos para poder suportar aqueles raios sônicos.

Paramos em uma das margens e fui recebido por um grupo de mulheres. Estavam me esperando. Levaram-me para uma espécie de feira, onde se encontrava de tudo, desde

frutas a peças de automóvel, desde potes antigos de perfumes a artigos exóticos do oriente. As garotas eram como ninfas e pareciam flutuar. Tagarelavam entre si sobre assuntos que diziam ao meu respeito, porém fora do meu repertório consciente. Eram lindas, de várias idades, e para cada uma havia uma energia diferente, um tipo de emoção ou pensamento reservado, como se as conhecesse de eras, mas em tempos diferentes. Resolvi interagir em vez de simplesmente me deixar guiar. “A que caminho me levam?”, perguntei. “Para a tenda!”, responderam juntas. Antes que pudesse falar, uma delas, loira com feições sinceras e justas, introduziu:

– A tenda é onde esperam você. “E o que tem lá?”, você me perguntaria. Pois bem, ninguém sabe. Por isso estamos esperando você. É o único que pode entrar e descobrir o grande mistério. – E todas repetiram: – O graaaande mistério!

Uma vontade louca em atender esses apelos me fez seguir adiante. Pensei estar inebriado pela beleza das mulheres e, por um momento, também cheguei a concluir que poderia estar caindo em uma armadilha: qualquer um que aparecesse ali era tratado dessa forma. E, na tal tenda, um bicho ou maníaco era alimentado pela curiosidade e vontade de triunfar. Pareço estar sendo guiado para a berlinda.

“É óbvio que quero ser o pavão, quem não gostaria?”, pensei.

E até agora não sei exatamente o que aconteceu. Fui acordado pela minha mãe com dois comprimidos e um copo d’água.

## KEROUAC vs VAN GOGH

Tive mais um daqueles sonhos loucos. Entrei em uma dimensão psíquica que nunca havia experimentado ou, pelo menos, há muito não chegava tão perto. O dia não tinha sido lá muito produtivo, estava por conta apenas de curtir o frio do outono em Ozone Park. Tentei escrever alguma coisa, li umas duas ou três linhas de Proust e nenhum ideal genial veio até mim. A única diferença para o resto dos outros dias foi que a monotonia me fez ir para a cama mais cedo. Meu corpo não estava cansado, mas sentia certo prazer ao esticar minhas costas no colchão. Ficava apreciando aquela sensação agradável de dolorido. Fiquei capitaneando meus pensamentos durante um bom tempo e de repente, no meio de um lapso ou outro, acabei por entrar em um cenário diferente do daquele quarto. Demorei um pouco para perceber que estava tendo um sonho lúcido.

Pelo que eu entendo, estar consciente no mundo onírico é poder comandar certas coisas que geralmente nosso inconsciente cria. Durante muito tempo, depois que acordava, ficava imaginando que, se estivesse acordado num sonho e tomando as rédeas da situação em minhas mãos, gostaria de experimentar a morte, por exemplo, para ver o que aconteceria. Assim, se de repente me lembrasse disso num sonho, tentaria pular de um prédio ou coisa parecida. Todavia, nunca consegui ter essa consciência dormindo,

sempre me lembrava disso só quando acordava. Bom, de qualquer forma, esse não é o meu objetivo aqui.

Estava em uma via, uma estrada de chão cercada por um campo bem bonito. Pela cor do céu, tive a certeza de não estar na América, parecia muito com o Mediterrâneo. Achei aquilo um pouco confuso, pois, em minha consciência, sabia que estávamos passando pelo outono, tanto aqui, quanto lá. Acho que, por pensar nisso, o céu foi se transformando e parecia que uma tempestade fodida iria cair dali a um tempo. Além das nuvens pretas, um vento terrível começou a soprar, indicando uma baita chuva.

Pensei comigo, “pô, bem que podia ter uma casa aqui perto” e, de repente, um casebre apareceu no horizonte. Ele estava no meio de um campo de flores lindas, mas que estavam um pouco apagadas por conta do cinza que imperava no céu. Apertei o passo em direção ao local na esperança de poder me abrigar por ali. Qual foi minha surpresa quando vi um homem, nem alto, nem baixo, correndo também em direção à cabana. Com uma mão o sujeito segurava seu chapéu, com a outra, uma espécie de tela de madeira.

A chuva começou a cair e fiquei espantado com o tamanho, a grossura e, principalmente, a cor das gotas. Elas não eram feitas de água pura, pareciam misturadas com tintas. Elas batiam em meu corpo e minha roupa ficava manchada de azul, verde, cor-de-rosa, amarelo. Corri com todas as minhas forças e consegui alcançar a construção. A pessoa já tinha entrado e, por isso, tomei cuidado para não assustá-la. “Olá, alguém em casa?” “Sim, amigo”, respondeu uma voz masculina, “pode entrar e se proteger da tempestade aqui dentro.” Aquilo ali parecia uma espécie de atelier, equipamentos, ferramentas, brochas, tintas, telas espalhadas. Fiquei contente e senti um ar agradável ali dentro. No final do

cômodo único, o homem que havia me respondido estava a acender uma lamparina.

– Então, você é estrangeiro?

– Sim. Quer dizer, aqui não é a América, é?

– Não, é óbvio.

Fiz um sonoro “ahnn” ao perceber que o sujeito me era de alguma forma familiar.

– O que foi, estrangeiro? Usou do desdém, por acaso vê uma aberração?

– Não, muito pelo contrário.

– Então, o que lhe espantou?

– Van Gogh... você é o Van Gogh! Não acredito que eu tô na frente do Van Gogh!

– Por sinal, esse é um sobrenome que já ouvi de grandes negociadores de arte. Todavia, não conheço nenhum Van Gogh que viva aqui no sul.

– Vincent – falei.

Abri meus braços, emocionado, esperando o seu abraço. Ele me olhou de forma estranha, arregalando os olhos e se afastou rapidamente.

– Insisto que o senhor deve estar enganado. Em Arles não existe esse tipo de gente mais.

– Mas como não? – disse, jogando meus braços ao ar e virando meu rosto para trás em uma expressão de descontentamento bem dramática. – Olhe você – viro o meu corpo para o breu e faço como se olhasse para a minha plateia, como se eu estivesse em um espetáculo: – Vincent Van Gogh, o maior pintor de todos os tempos, relegado ao anonimato por mero capricho do Dharma.

Escrevo esta última frase no ar, paro, deixo o meu discurso, admiro ingenuamente o homem manipular plantas dentro do cômodo e fico pensando que eu, naquele quarto em



Ozone Park, era muito pouco diante da oportunidade de se viver na natureza, na vida selvagem. Por que não olhar para trás e simplesmente ir para a frente? Por que não interromper o circuito natural dos acontecimentos? Simples seria se todos soubessem que viver não é nada. É um instante, um instante que acontece o tempo todo.

– Vincent nunca estaria cuidando de plantas – disse, virando-se de costas pra mim. Ele gostava de cultivá-las em seu espírito, na tela. Sua paixão eram as cores, não onde elas estavam empregadas.

– Ah, pare! Chega! Eu conheço seu rosto, um pouco de sua obra e sobre sua vida quase toda. Estamos em Arles, provavelmente entre 1888 e 1890. Deixe-me ver, levante a lâmparina para próximo de suas orelhas.

A tocha foi vagarosamente iluminando o seu rosto e, de repente, pude ver que suas orelhas estavam até normais. Aliás, parecia que ele ainda usava algum tipo de acessório na cartilagem. Uma peça de madeira que fazia um arco, passando por um buraco, como um brinco para mulheres. “Que louco”, pensei.

Estou numa dimensão do passado, junto com Van Gogh, em Arles, mas antes de sua loucura e autoflagelação. Era provável que estivesse à espera de seu camarada Gauguin, que, pela história, chegaria lá por volta de outubro de 1889.

– Não, não – gesticulo com a cabeça –, você está esperando seu amigo Gauguin, antes do incidente.

– Olhe, estou achando esse papo muito divertido, mas a chuva acabou e eu acho que está na hora de eu poder voltar para os meus estudos. Aqui é como um relógio, chove em três ocasiões no ano e hoje é um desses dias. Estava à procura de enxergar uma tela sob a lente de um céu escuro, tenebroso, intimidador. Queria saber o que poderia construir com a

natureza depondo ali, contra mim. Este momento em minha vida é um sonho, um sonho.

– Claro, tem razão.

– Nããão, você não entende. É a ausência, a sua insignificância – ele era realmente pirado, pensei. – Você não me conhece, nunca me viu e ainda me confunde com outro. És um infame. Irei ligar ao padre a fim de que providencie a cocheira e te leve para Château Louis, lá os médicos poderão cuidar do seu estado mental.

Já estava cansado daquela paranoia de quem não quer ser descoberto. “Me mostra um quadro seu!?” Ele vasculhou em uma pilha de panos – a luz já havia voltado e as janelas podiam ser abertas, pois não tínhamos mais chuva. “Achei”, avisou. Quando pude ver a obra fiquei mais do que estupefato. Era o próprio retrato, o autorretrato de Vincent: seus cabelos longos, sua tez morena, seus olhos escuros... Não, aquele homem não era Van Gogh... era Gauguin!



## KEROUAC vs A METAMORFOSE

Sem dúvida era uma trilha. Mas também poderia ser um tipo de escada em caracol que sobe e sobe e chega a um lugar tão minúsculo que apenas um patriarca seria capaz de se estabelecer equilibrado por ali. Caminhava não mais por minha própria vontade, mas por uma força que guiava meus pés e empurrava minha perna em direção a algum lugar no meio de não sei o quê. A verdade é que me sentia em uma espécie de literatura de ficção muitíssimo fantástica, algo como um Calvino e seus cavaleiros inexistentes. A fina trilha agora se abria em uma estrada, não de asfalto ou poeira, mas daquelas medievais em que poucas charretes e cavalos circulavam. Um segundo antes não sentia sede, mas foi apenas o pensamento dessa constatação me vir que logo entrei em um pânico inenarrável em busca de um gole sequer de água. E tudo parecia árido como em um deserto, só havia o caminho e gados magros na paisagem. Meu corpo parecia guiado por algo sobrenatural enquanto minha mente se debatia entre entender o que estava ocorrendo comigo e a sede incontrolável que sentia. Por pouco não me empapei com um monte de areia fina que pensara ser um lago. Pura miragem.

De repente, uma esperança. Ao longe, o barulho de uma fonte encheu minha alma de esperança. O corpo, por mais certo de sua direção, provavelmente chegou à conclusão de

que também dependeria de água para prosseguir sua jornada. Obviamente, tive que me desviar da estrada para chegar mais próximo ao som da queda. Entrei em uma floresta que não era mais desértica. Eu me vi por um instante como um bardo. A bolsa que carregava junto à cintura não continha apenas roupas de viajantes, mas poções e outras ervas das que curavam e das que matavam também. O livro, o caderno e o lápis se transformaram em uma espécie de harpa medieval e, mesmo com toda a sede do mundo, meu corpo e minha mente entraram em sintonia. A mão pedia a harpa e o espírito queria a música. E, como um sátiro, saltitei feliz entre as enormes árvores, verdadeiros gigantes de vida.

Meus olhos já enxergavam com razão a bela lagoa que iria me servir de paraíso. Deixei meu instrumento de lado e caí de joelhos no leito. A água parecia bendita e nada iria me forçar a não experimentá-la. Enquanto minhas mãos seguravam alguns mililitros, um grito ensurdecedor se fez presente, vindo da própria lagoa. Uma linda e aterrorizada mulher emergiu do fundo das águas e, confusa, nadou nua até a margem em que eu me encontrava. Seus olhos miravam assustados algo que lhe perseguia e que poderia a qualquer momento emergir do lago. Consegui dar uma golada antes de envolvê-la em meus braços e, gritando para que se acalmasse, tossi engasgado.

– Olá, senhor – me disse –, um homem muito trevoso me persegue. Por favor, use a sua espada para detê-lo.

– Ahn, espada? – E, quando olho ao meu lado, minha bagagem agora era uma armadura e minha harpa, uma linda espada de duas mãos. Uma incrível força se apoderou de meus braços e a coragem passou a calar minha inoperante covardia.

– Pode ficar tranquila, donzela. Vista-se com meus trapos e fique escondida entre as árvores. Nada de mal acontecerá conosco.

A garota então tratou de se proteger entre alguns arbustos e ainda teve tempo para reparar na beleza de seus traços inferiores, uma linda orquídea rósea. Tinha certeza de que dois personagens estranhíssimos no mesmo lago não poderiam aparecer na mesma hora. Porém, quando vestia minha cota de malha, um estremecer nas águas me fez acelerar o processo. No meio do lago, um nobre cavaleiro se ergueu das profundezas. Seu cavalo não cavalgava sobre a água – mas ainda assim era grande o suficiente para mostrar seu cavaleiro até as botas. Em minha diplomacia, esperei estanke na margem da lagoa, olhando-o com nobreza e hombridade. Quando me viu, tratou de falar:

– Quem és, cavaleiro? De qual casa pertences?

– Sou Ti-Jean Lebri de Kerouac, da Bretanha.

– O que fazes tão longe de suas terras?

– Não sei onde estou... – Tremi nas bases, evocando o meu personagem real.

– Como não sabes? Não tens juízo, cavaleiro sem cavalo? Não sabes que nestas terras quem está perdido não voltas para o lar?

– E o senhor sabes onde nos encontramos?

– Ah, você acha que serei tolo o suficiente para deixá-lo sair desse bosque? Qualquer informação bastaria para que encontrasse o final deste martírio. Prefiro que os lobos comam você à minha princesa.

– Princesa?

Nesse momento, o cavaleiro já havia deixado seu animal e tomava água de uma espécie de cantil. Olhava atento para o interior da mata e, ao mesmo tempo, procurava consultar o céu, ainda claro, mas com o fim da tarde se aproximando.

– Se tu vieres comigo, irei conceder-lhe informação suficiente para que saia desse reino da confusão. Se ainda quiseres mais, torna-se meu servo e lhe responderei todas as perguntas

possíveis. – O filho da puta viu minha expressão de fausto satisfeito e prosseguiu: – Claro, cada uma a seu tempo.

– Bom, não sou homem de servidão, mas me interessa em lhe fazer algumas perguntas, mesmo que não me responda onde estou. Isso tenho certeza que saberei à noite, quando as estrelas estiverem aparentes.

– Não há tempo a perder. Minha esposa se foi e não posso correr o risco de um animal querer feri-la. Preciso que esteja viva, não poderia viver sem o seu amor.

Estava bastante confuso com aquela situação. Não sabia se ela estava ou não fugindo do cavaleiro. Muito menos se ele estava a salvá-la de um terceiro perseguidor. Era para ser uma decisão rápida, porém minhas dúvidas parecem ter influenciado na passagem do tempo. O homem me esperou e não me apressava. Enquanto me decidia, ele limpava sua armadura, enchia seu cantil, dava água ao cavalo e até deu um cochilo. Quando me decidi partir ao seu lado, mesmo não sendo seu servo, ele não reclamou muito. Apenas disse que se encontrássemos o corpo dela na floresta os lobos encontrariam o meu em seguida. Engoli seco, mas continuei com minha pose. O cavaleiro que se chamava Gernik achou melhor que dormíssemos.

Com toda aquela confusão, acabei ficando muito cansado e, mesmo com medo de ser morto durante a noite, dormi profundamente. No sonho, estava em Nova York. Parecia ser um tempo diferente daquele que vivia, uns dez anos no futuro, por volta da década de 70. Tudo estava estranho, as ruas mais sujas do que nunca e muitos jovens circulavam por elas, com roupas nem um pouco convencionais e, geralmente, maltrapilhos. Estava em uma larga avenida e um telefone começou a tocar insistentemente. Fui atendê-lo. Era pra mim!

– Ei, Jack, o Chad vai receber um grupo de músicos em sua galeria. Acho que vai ser bem legal. Vê se aparece, cara, estamos sentindo sua falta.

– Ei, quem tá falando?

– Pô, Jack. Está ficando doido mesmo, hein! Sou eu, porra, Gregory! Bom, pegue o 27 na 32 e chegue até aqui logo.

Fiquei estarrecido. Não sei se com o fato de aquele telefonema ter me encontrado quilômetros de distância ou se foi quando levantei meus olhos e o número 32 era o da rua que cruzava aquela avenida exatamente naquele momento. Por um instante até vi uma lanchonete em que a logo era um coelho branco. Ri, claro. Entrei na linha de ônibus e me sentei ao lado de um garoto com feições interessantes. Não era branco o suficiente para um americano, nem característico o suficiente para um latino. Seria um europeu, do leste, dos Bálcãs? Ou não, alguém de origem mais latina, um italiano, espanhol?

– Holla, como te llamas?

– João. Y tu?

– Jack, John, Jean... hahaha. Kerouac!

– Hahaha... o poeta beat?

– Sim! Me conhece?

– Claro, há três dias estava na Flórida, sobre o seu túmulo. Hahaha..

– O quê? Morto, na Flórida? Isso parecia surreal ou, pelo menos, um erro. Não morri, meu caro João.

– Haha, como vocês não conseguem dizer o ão. É ao, *jéqui*, tudo bem. Estamos nos anos 70. Aquarius já aconteceu e toda a conspiração é válida. Fiquei sabendo que alguns turistas encontraram o Morrison no deserto de Gobi. E a Janis foi vista lá perto do Rio. Agora, só falta o Hendrix aparecer em uma tribo africana. Hahaha!

– Você não está me levando a sério, né, garoto? Nasci em Lowell, 1922. Sou filho de...

– Tudo bem, tudo bem. Já li sobre você. E claro que se não for o Kerouac verdadeiro, é um cara realmente parecido



com ele. Não se sinta ofendido por todo mundo achar que está morto. Isso talvez seja uma vantagem nesse mundo louco pós-Vietnã!

– Caralho, moleque! Vencemos?!

– Claro que não venceram. Saíram de maus na história e agora o cinema daqui tenta justificar seus erros fazendo um monte de filmes patrióticos e mentirosos com heróis escrotos.

– Peraí, você não é americano mesmo, né?! Da onde...

– Brasil. Conhece?

– Claro. Nunca fui, mas sei onde fica no mapa! Hahaha... Onde está indo?

– Numa galeria, a exibição de uma banda brasileira. Sou jornalista e escritor, prazer.

Então estávamos indo para o mesmo lugar. Incrível. A banda, Os Mutantes, era de São Paulo, a maior cidade da América do Sul, maior até do que a gigantesca cobra Ciudad de México. Saímos do coletivo e ele me contava as suas ideias hippie ultrapassadas que queria implantar no seu país tropical. Havia anos que aquele papo era motivo de muita raiva da minha parte. Quando algum jovem começava a dizer que havia sido sua inspiração para sair por aí, minha vontade era de dar um soco na cara dele. Mas esse dia louco só me fizera transformações. Acabei me interessando por aquele papo todo de novo era e fiquei entretido até chegarmos na tal galeria. Lá dentro uma multidão de pouco mais de cem pessoas aguardava o início do show. Passei por todos sem reconhecer qualquer um e ninguém parece ter me notado também. João me apresentou a alguns amigos como Jack. Dei boa-noite e disse estar ansioso para ouvir o som dos jungle boys. Todos riram, acho até que ficaram ofendidos. Não sei exatamente.

E naquela noite eu me transformei em um lorde e fui suficientemente beatífico como não era desde os 28 anos de idade. A música psicodélica e deliciosa entrou em minha alma pelos flan-

cos e perfurou qualquer possibilidade de tristeza ou insegurança. Meu corpo parece ter despertado e voltou a dominar meu ritmo. Todavia, o caminho que seguíamos não era mais o da floresta ou do deserto, mas sim o das ondas da luz lasciva e penetrante. As ninfas se aglomeravam em volta do meu poder e sugaram minha alma, renovando por completo minha energia austral. Caí plenamente em sono profundo, novamente. Esperava, claro, acordar em casa. Quem dera!

O sol estava despertando e uma imagem enigmática me fez acordar em um salto. Por um instante, pensei ainda estar naquele quarto de hotel com uma das garotas que me acompanharam na farrá. Todavia, o corpo nu, pendurado e amarrado a uma árvore, não era de ninguém menos do que da tal princesa. E ela estava desacordada. Olhei a minha volta e não consegui avistar o cavaleiro James. Apenas seu cavalo estava lá. Encontrei no meu bolso uma adaga afiada o suficiente para cortar as cordas da moça. Antes, fui ao lago pegar um cado de água para caso ela precise ser acordada no susto. Aproximei-me daquela argila de carne tão bem modelada que meu impulso foi arrastar meus lábios até o seu pescoço e, encantado, subi minha atenção até sua boca e não aguentei. Meti minha língua por entre os lábios mais carnudos que avistara em toda a vida. E, num passe de mágica, a garota despertou de seu sono e sorriu, ao perceber nossas bocas e línguas coladas e enroladas umas com as outras.

– Solte-me, solte-me, por favor! Ele irá voltar a qualquer minuto. Disse que iria apenas caçar um coelho para o almoço. Acho que irá me matar aqui mesmo.

A dúvida outrora em minha mente. Puta que pariu, pensei. O que fazer? Cortei as cordas que a amarravam e esperei que viesse ao meu abraço. Ledo engano. Ela se jogou por trás de mim e, num só salto, mergulhou nas águas turvas da

lagoa, desaparecendo feito uma sereia. No mesmo instante, ouvi das profundezas da água, uma voz aguda e apavorante como a de uma feiticeira se despedindo triunfante. De repente, alguns passos me assustaram. Eles estavam vindo em direção à margem e, pelo peso das armaduras, imaginei ser o tal cavaleiro. Para meu espanto, não é ele quem caminha entre as enormes árvores, e sim um sinistro ser, metade homem, metade lobo. Não sei se era para rir ou para chorar, mas aquela situação não me deixou em dúvidas. Escondi-me na mata o mais furtivo possível, torcendo para o vento não levar meu cheiro para as narinas daquela fera. Ao chegar próximo ao cativeiro da mulher, o bicho soltou um grunhido dos mais assustadores. Urrando de raiva, enfiou suas garras nos troncos das árvores, que pareciam chorar com os golpes. Concentrou seus esforços no olfato e tentava deliberadamente encontrar alguma pista. Uma sensação estranha, um misto de covardia e senso de sobrevivência, coloquei-me de quatro entre os arbustos e senti meus músculos se fortalecendo ao mesmo tempo em que minha visão parecia se embaralhar, para depois surgir límpida e muito mais nítida. Da mesma forma, os odores do campo pareciam furar meu nariz de tão sensível se tornara meu olfato, forçando uma rápida adaptação àquela sensação. O monstro chegou até mim e, sem que percebesse a minha antiga condição, perguntou-me se havia farejado alguma pessoa por ali. Na verdade, tinha grunhido, mas, mesmo assim, pareciam palavras que penetravam suavemente no meu ouvido. Balancei a cabeça, indicando o lago. O homem-lobo não se aguentou de tanta fúria e chorou como um cão abatido. Aos poucos, seus pelos foram encolhendo e, em segundos, era o cavaleiro Gernik quem chorava como um bebê. Não que isso seja num sentido metafórico apenas, mas bastante

realista também. Aquele homem que havia se tornado um bicho virou um bebê de lindos olhos azuis. Achei que iria me metamorfosear novamente, saindo da forma lobo e me tornando um ser humano. Porém, pelo que parecia, aquele lugar era realmente muito instável. Fui até o lago e vi meu novo corpo refletido. Um lindo lobo europeu. Na verdade, era uma fêmea e com as tetas quentes. O garotinho chorava de fome e meu instinto me levou até ele. Com doçura e dedicação, deixei que deleitasse do sulco de minhas mamas. Senti uma forma maternal intensa, algo que nunca fui capaz de nutrir por nada ou ninguém. Em meio ao êxtase da verdade, a Senhora do lago retornou até mim e fez com que eu adormecesse com aquele moleque preso ao meu peito.

E, de repente, acordei.



## KEROUAC vs O OCIDENTE

Cada vez mais fico impressionado com a vida ridícula que tentam forjar para nós. Depois que a televisão invadiu a vidraça de nosso país, ninguém mais quer se encontrar nas ruas, ninguém mais quer pensar por si. Minha mãe chega em casa exausta da maldita fábrica de sapatos e gasta sua vida em mais algumas horas de TV. Eu sempre falo pra ela: “Mamãe, o lixo que isso produz na nossa cabeça não compensa esse prazer barato. Eles só querem saber de controlar sua vida!” “Que nada Jean”, diz repetidamente, “que mal pode fazer um romance, um jogo de adivinhação ou mesmo as notícias?” Argh... ela nunca vai entender.

Se ligo o rádio, um imbecil fica vociferando o que é certo ou errado o tempo todo. Quando tocam música, colocam essa moda insuportável de cantores italianos imitando músicas americanas. Acabaram com o bebop, os anos 50 transformaram o jazz em algo além das rádios comerciais, elas não querem saber de músicas inteligentes e com o verdadeiro beat em seu âmago. Os produtores agora só pensam em lançar quatro ou cinco idiotas sedutores de adolescentes, com letras irracionais que não completam de forma alguma o espírito de quem não se aliena. Tenho pena daqueles que virão. Imaginem os anos 70, 80, como será no futuro, acho que irão vender músicas para crianças. As pessoas sérias não vão se interessar por nada que mostrarem a elas.

Ah, tudo bem. Tem o cinema. Hahaha... quer máquina de ilusão mais perfeita? Washington, Wall Street e LA são o mesmo lugar no mapa. Nada que sai de Hollywood é sagrado. O profano e a corrupção, por menores que sejam, são partes integrantes do jogo de produção, distribuição e exibição. As histórias são sempre as mesmas e as mulheres, sobretudo, as mais paradoxais. As narrativas colocam a diva em seu lugar de objeto, a boceta das deusas é algo requerido constantemente. Por outro lado, e em função disso, a mulher é condenada como num sermão. É ela a prisão e a perdição. Não tem escapatória, ou serve ou será ferida. Fiquei sabendo que em países árabes, até hoje, 1967, ainda existem mulheres que são mortas por adultério. Elas valem meio homem. A sua palavra nunca será ouvida com maior respeito que a de um adolescente com pinto inchado. Se lá no oriente tacam pedra, por aqui, suavizam a punição e o vigiar através do cinema de Hollywood. Mas o resultado é o mesmo: uma sociedade americana machista, maquinista, misógina e, em verdade verdadeira, que não gosta e não curte a mulher. É uma pena. Espero o dia em que os homens de verdade irão se ajoelhar e, mostrando toda devoção, deliciarão as mulheres com o músculo que fica entre os lábios, escondido na boca.

Há em mim alguma coisa que me aproxima delas. Elas não são os inferiores. Aliás, até me enxergo e aos outros machos como menininhos sedentos pelos doces que carregam debaixo da blusa e do vestido. Mas não é só por isso. É que elas são capazes, as únicas que sacrificam o espírito por aquilo que realmente acreditam: a sensibilidade do ser humano, a potência oculta que inunda a alma de sutilezas e de uma beleza incrível. Há algo mais belo que o conjunto rosto, cabelo, coração, peito, cintura, coxas, cona de uma mulher feita? Nunca vi!

## KEROUAC vs ANANDA

Claro, sempre me interessei pelos tortos. Não só porque gosto do cheiro da espontaneidade, muito menos pela selvageria dos argumentos fantásticos, mas porque, sendo atípicos, suas ações sempre são respeitadas como as de um sujeito real, mesmo que a repugnância domine a maioria dos sentimentos dos que ouviram dizer ou daqueles que são acusados de ser como fulano (você é um Judas!). O homem não consegue sair desse sistema traçado hipoteticamente pela vontade de poder. É muito convencimento moral e financeiro ao mesmo tempo. É por conta de Deus, é por conta da honra em Deus e é por conta do dinheiro. Por isso, quando alguém peca ou falha, para o povo, é como um furo praticado no que é padrão, estremece as bases da conduta guiada pelo fora e todo o mal se torna o medo. Os que não caem, mesmo na ribanceira, jogam toda sorte de azar naquele que, por verdade ou por estória, caiu na berlinda da ágora. Estão, na verdade estamos TODOS, “fora de si”. Não possuem qualquer respeito de fato para julgarem qualquer um que for. Não há identidade certa para se conduzir a vida de um jeito ou de outro. Não existem acordos tácitos. A maioria das pessoas é levada pelas ideias que existem, que contam, que exalam feito perfume de cinema. Esquecem de produzir a própria vida, ideia, criação e muitas vezes julgam aqueles que riscam com sangue e paixão a trilha do independente como indignos da própria convivência e, se tanto, os veem com escárnio, punição, rancor.



Pois bem, agora me lembrei de Ananda. Primo e discípulo fiel de Buda. Reprendido e usado como exemplo de alma incompleta. Serviu ao iluminado, mas foi incapaz de ser aceito pelos outros sábios. Ananda morreu sem ter sido reconhecido como um *arhat* – sábio iluminado.

Foi uma espécie de Judas Iscariotes. Não cabe peso para um ou para outro. Porém, fico aqui me lembrando de uma coisa que sempre falo e nunca escrevo e posso sim agora, nesse papel, escrever O que EU penso e que, por ser um pensador LIVRE, posso escrever, mesmo que boa parte da minha família, comunidade inteira e o que for me queiram jogar na fogueira por falar disso do lado de fora da igreja, mas também nas reuniões de paróquia – minha mãe sempre me manda calar a boca: Judas e Jesus são personagens de uma mesma história de humanidade e divindade. Judas crera no nazareno como o messias, era um místico em sua linhagem. Não pensara que daria errado. Havia ali também uma vontade de Jesus em querer se tornar mais conhecido, um planejamento. Pensavam também no homem político. Acredito que o messias não contava com a vitória de Barrabás. Pensou mesmo que sairia daquela ileso, o povo não deixaria de escolher o óbvio – sobreviver aquele que não era ladrão –, havia sempre um que escapava. Barrabás era o maior filho da puta do Império Romano e olha que estamos falando de Jerusalém, ele estaria na confraria dos mais bárbaros. Judas cumpriu o teatrinho, mas as coisas acabaram indo além do que esperavam. Nem Jesus tirou a espada flamejante e destronou Roma nem aquilo que pensavam aconteceu. O povo sacrificou o criativo, escolheu a peste e a desgraça em vez da trabalhosa análise do espírito. Judas não deu conta, foi obrigado a se sacrificar e isso ficou impresso na história da comunidade cristã. Ele é um erro e, ao mesmo tempo, o meio mais extremo para revirar a situação. Provavel-

mente, outros queriam ferrar mais Jesus que o próprio Iscariotes, mas se passaram por bonzinhos, justificaram a resolução da coisa em cima de um homem só, de um indivíduo apenas. E, além dele, o povo também se ferrou, tornou fiel e depositário em sua culpa. O povo que escolheu o ladrão não queria um messias. Apesar disso, somos sempre julgados pois, Jesus morreu para nos salvar. O nazareno foi morto pelo não entendimento de que ele estava ali a favor das coisas, não como uma perturbação. Mas ele perturbava. Talvez parecesse individual e libertário demais para uma multidão – todos precisam que todos queiram estar entre todos para continuar multidão. Temiam a independência de Roma mais do que sofriam com as supressões. Estavam felizes comandados pelo de fora.

Ananda não traiu Buda, mas não conseguiu superar a destreza do corpo e do desejo em sua mente. Ao menos foi assim que a coisa foi sendo contada e escrita. Ele sempre foi O exemplo de alguma máxima, sempre considerado um impuro. Ao mesmo tempo, incomodou muito aos monges por sempre estar com Sakyamuni, o Buda, por ser sempre um dos seus preferidos, senão o maior e único. Das honrarias oferecidas aos mestres, ele foi o discípulo mais citado. Foi honrado em cinco, mais que qualquer um. Mas não nas que congraçam o intelecto, a sabedoria e o valor de um santo sagrado. Por isso não foi considerado um iluminado em vida, como tantos outros que, justamente, não lhe deram o título e as benesses deste. Entretanto, Ananda, daqueles, foi o que mais “viveu” e ainda assim, para espanto dos *arhat*, talvez tenha sido o único que alcançou o nirvana ainda em vida. Ele não saiu da sua condição de humilde homem, mesmo com as flechas da danação sendo lançadas, indo bem além do bem e do mal, fracassando na tentativa de ser puro em uma piscina já ensanguentada. Se não fossem por suas ações, muitas coisas não teriam sido compreendidas, vividas e

ensinadas. Ele tinha uma farta memória e com isso serviu a si como banquete para a empáfia do orgulho de alguns “santos” que também frequentavam por decreto ou política qualquer reino da sabedoria e da paz.

Eu me sinto uma espécie de Judas-Ananda. De alguma forma admito que posso percorrer caminhos tortuosos para conseguir realizar alguns desejos. Não justifico os meios, mas acredito demais em minha intuição. Às vezes ela é mais forte que minha inteligência e aí, tudo acaba indo muito mal. Se Judas acreditava que, provocando o Mestre, este se revelaria, Ananda respeitou a verdade que havia em si e também a que há em todas as coisas e pessoas. Serviu e ensinou. Os dois estão de acordo com o céu e com a terra. Ao menos, o céu e a terra que habitam o meu espírito. Acredito que uma loucura possa ser a solução e que é possível ir atrás de seus próprios pensamentos. Sempre busque estar queimando, queimando, tentando viver para a vida não passar correndo como se fosse qualquer coisa, como se um rio sempre fosse o mesmo e cuidando para dizer isso para as pessoas – o rio nunca é o mesmo!

Quero dizer aos irmãos mais ou menos acordados, tanto quanto eu, que há uma inteligência coletiva que prega e vive uma nova visão. É importante refletir sobre a conduta pessoal, saber que todas as ações respeitam a reação, mas que esta, a reação, não possui uma resposta especular – a complexidade não é olho por olho, dente por dente. Ela vem de várias maneiras e acontece tudo ao mesmo tempo junto com a própria resposta social e biológica e você tem que se reunir para entender o que realmente pode valer a pena. Principalmente, no presente. Ela é o presente e o passado em trabalho quase contínuo, mútuo. Ora se opõe, ora se completam, ora se isolam.

Ananda, apesar de tudo, apesar da autoflagelação pela conduta, conseguiu entender e praticou o que seu mestre indicou

para a vida: ele sabia o que queria encontrar e o que poderia encontrar dentro do pote – o destino não era um mistério, mesmo os desafios. Desejou e guiou seu destino pelo somatório de tudo aquilo que havia vivido, suas outras vidas, antepassados, líderes, pessoas do contato e do povo. Entendera que poderia muito bem encontrar uma peçonha no pote, mas crera cegamente que, mesmo que saísse dali mordido, sua certeza das verdades celestiais o protegeria de qualquer destino infinito, que mesmo na dor, ainda assim, teria condições de encontrar o equilíbrio. Seu acúmulo de virtudes não permitiria que voltasse do começo, talvez um pouco anterior ao último momento, mas nunca para atrás. O que se perde, pensou, são as incertezas e o medo. A serpente seria, por fim, sua confessora.



## KEROUAC vs WATTS

Estávamos de mudança, Deus havia nos permitido encontrar um novo caminho para a nossa vida. Meu pai, combalido e num estágio avançado da doença, conseguiu um empréstimo com um parente e esperávamos o caminhão Ford de Ned Sander parar na frente da nossa casa. Íamos saindo de Lowell, deixando para trás décadas de história, entretanto, a pobreza corrói o espírito e transforma o corpo em um lar de desespero. O homem falido deixa os hábitos e a sujeira ocupa suas feições. A barba cresce, os olhos passam a procurar o vazio, a coluna arria. Era outubro e o outono abriu meu coração, jorrando lágrimas de palavras sobre a tábua da vida.

Enquanto ouvia discretamente a chuva cair e o silêncio ocupar a paisagem, percebi que a porra do Sander estava atrasado. Meu pai tinha feito a barba, penteado o cabelo e usava o seu melhor traje. Queria sair dos limites da cidade de forma digna, sem que se sentisse “derrotado pelas coisas”. Mas que merda! Pensei em gritar: “Pai, cadê aquele animal?” Mas logo vi que essa raiva não era para o homem que se esquecera do compromisso. Percebi que o ódio era da mudança, da urgência da vida e da dependência moral e econômica dos cidadãos da América. Seria uma agressão ao meu velho e sacrificado pai, não um desabafo contra o outro, mas um tiro no meu próprio peito.

Numa das caixas, um livro me chamou a atenção. Era mais uma das coleções loucas de minha mãe, uma católica

que tendia para um lado mais esotérico e místico da crença. Ela sempre apresentou uma sabedoria unificada a superstições, uma mistura que também me cativou. O título da edição eu não me recordo, lembro-me da capa, bem bonita, uma santa talhada, uma verdadeira obra-prima da iconografia cristã. Ele devia ser muito velho, deve ter pertencido a algum parente distante. Ao me aproximar para pegar o livro, outro título, por baixo desse, estava ainda embrulhado. “Mãe, que livro é esse?”, perguntei. “Ganhei da Beth, Jean, acho que sobre um estudo de orientalismo, não me recordo o autor”, disse ao mesmo tempo em que soltou um suspiro de impaciência, seguido de um olhar para a tristeza de meu pai. Desviei minhas vistas da desgraça e logo me interessei pelo conteúdo daquele objeto. Quem sabe ele não tiraria minha atenção daquele momento e me levaria para o jardim secreto?

Rapidamente tirei o papel pardo que o cobria. Era um livro chamado *O espírito do Zen*, de Alan Watts. Nunca tinha ouvido falar do nome, mas já conhecia um pouco do assunto. Allen me apresentou algumas lições dadas pelos patriarcas e me explicou sobre a diferença entre o budismo mahayana e o hyrayna, o grande e o pequeno veículo. Explicação essa que tinha ido mesmo para o meu espírito, para o meu inconsciente. Só me lembrava do nome sagrado Sunyata, o nosso estado atual em que estamos todos separados, vazios. Então, abri a esmo as páginas, encontrei de cara alguns versos para Pu Tai, o Deus da fortuna, que diziam sobre vacas que pastavam em nossos domínios:

*Nunca deixem que te afastem/ Do chicote e da corda/ Pois, caso contrário, ela fugirá para um mundo profano/ Quando ela for adequadamente domada,/ Crescerá pura e dócil/ E mesmo sem cordas, e sem nada que a prenda/ Seguir-te-á espontaneamente*

Muito antes de acreditar ser um poema que incentive a violência contra o pobre rebanho, tive a intuição de que a vaca representava uma espécie de recompensa, de alimento. Para alcançá-lo é preciso que dominemos nossos instintos e continuemos com o esforço de educar nossas ações. Quando estivéssemos maduros, aquilo que nos é primário e necessário estaria em nós sem que percebéssemos. Todavia, não estaríamos presos a eles, não necessitaríamos contar os níqueis na carteira, nem lembraríamos de que existem bolsos, pois não pensaríamos neste acordo rasteiro chamado dinheiro.

Ned demorou mais alguns minutos para chegar, fazendo barulho e jorrando fumaça sobre nós. Nós nos mudamos para Nova York, Ozone Park, um bairro operário, cinza, triste, mas pelo menos podíamos nos esconder do frio. Apesar de tudo, da morte de meu pai, das grandes noites de insônia, do longo caminho aos bons lugares da grande massa, foi naquele pequeno apartamento que tive as minhas verdadeiras experiências búdicas. Foi ali em meio ao silêncio e à angústia que a força do Cristo se uniu ao contemplar de Gautama. Percebi que os dois eram um só e que eu e todos nós também somos eles. Escrevi ali os meus livros e iniciei a minha retomada dali mesmo. Minhas viagens foram feitas a partir dali, assim como minhas amizades, loucuras e amores. E foi naquela vizinhança que Buda se virou pra mim e me cumprimentou. Em meados de 55, o interfone tocou: “Olha, meu nome é Alan, sou pesquisador e fiquei muito interessado na maneira como escreve.” Era alguém ao interfone. “Onde conseguiu meu endereço?”, perguntei. “Como disse, sou um pesquisador. Leciono em faculdades, conheço a nova visão.” “Tudo bem, pode entrar.”

Ele devia ser um pouco mais velho do que eu, uns oito anos, já devia estar quase com quarenta, barba farta, cabelos



pretos, mas se encaminhando para o grisalho. Entretanto, não se vestia como um americano ou inglês. Pensei até que se tratava de alguém da Austrália, cheio de cordões, sua blusa e calça largas. Gostei de cara do sujeito.

– Jack, estudo o budismo há muito tempo e sempre vi dois tipos de textos. O considerado sagrado, protegido pelos patriarcas, contendo explicações doutrinárias, questões de lógicas morais e muitos, digamos, enigmas para o homem que não está acostumado à cultura do Oriente – disse, e então tomou um trago de água e olhou para dentro da própria mente.

– Sei, prossiga...

– O outro tipo são pessoas como eu, que pegaram esses ensinamentos e escreveram racionalmente, tentando interpretar e racionalizar em cima das propostas do budismo e muito também sobre a sua história e contexto social.

A questão é que eu nunca havia visto alguém escrever sobre o estado de iluminação dentro da própria literatura, sem necessariamente escrever. Estou falando a partir de pensamentos budistas. O tom que demonstra com seus personagens é impressionante búdico. Eles estão todos sobrecarregados de passagens, de idas e vindas sobre o vazio. A vida não é colocada como um fim, mas um meio, uma passagem para que se conquiste a liberdade.

Abro um sorriso, feliz por ter sido reconhecido, mas ainda mais alegre, pois realmente senti algo naquele homem. Além disso, estava justamente naqueles dias, acabando de dar os últimos retoques em meu terceiro título, *Vagabundos iluminados* (Dharma Bums). Eram lembranças e vivências de um tempo em que considerava a iluminação como a minha principal causa, uma época em que o Zen e o Tao regulavam meus costumes.

– Sabe, senhor Watts, eu tive um companheiro de viagem que me ajudou muito. Ele me mostrou sua coleção inteira de

haicais e me deu lições básicas de mandarim. Entretanto, ele foi para o Japão. Tenho algumas páginas do livro em que conto um pouco do tempo em que escalávamos montanhas para sentir a vida em sua extrema transformação, o senhor gostaria de fazer uma leitura?

– Não, acho que vou esperar que publiquem. Vim mesmo para olhar sua fortuna.

E, na simplicidade de um grande iluminado, pediu licença, agradeceu o papo e a oferta e me desejou paz e equilíbrio. Alguns anos depois, esse meu amigo que estava pelo Japão não aprovou muito do que escrevi. Sua busca por iluminação passava por um silêncio radical sobre a própria experiência. Até entendo esse isolamento, porém não teria como ter contado sobre as minhas transformações se ele não estivesse por perto. Seu vigor e sua sabedoria foram fundamentais para o processo. Fiquei isolado da humanidade por três meses pela força que ele me passou e agradeço a Deus por ter vivido a angústia do vazio.



## KEROUAC vs O PARADOXO

Estava zozzo, meu corpo foi erguido e momentos depois minha cabeça. Quando consegui me apoiar na posição que nos distingue dos demais, ereto, minha mente parecia badalar dentro de meu crânio, uma dor impressionante e que me ameaçava os movimentos. Era um passo embaixo e uma fisgada em cima. “Aiiii”, gritei. Claro, a dor aumentou! Concentrei meu pensamento no vazio, convenci-me de que não havia o que vomitar e esperei paciente o incômodo da carne deixar meu espírito. Finalmente, consegui me arrastar ao banheiro e lavei meu rosto e mijei meio torto sobre a privada semidescoberta. Olhei meu reflexo no espelho e não parecia me lembrar daquela cara. Pelo contrário, era a cara que eu encontrava no espelho em todas as manhãs dos últimos tempos.

Alguma coisa me dizia que tudo aquilo ali estava certo, mas que não era essa a minha maneira de entrar na vida. Muitos não percebiam o valor real de toda a transcendência e paralisação do homem, operário, crente, massa, um indivíduo sem rosto ou formato, condicionado pelos meios de comunicação, pelo cinema, pelo rádio e por pessoas que tentam separar pessoas, mas usam a máscara da bondade. Elas acabam sempre nos deixando sem graça de sermos nós mesmos. E o pior dessa história é que ela ocorre em ambientes e graus diferentes. Os enrolados pela vozeirada dos homens em palquinhos estão em todos os lugares, seja nas igrejas, nas

associações, nos governos e até mesmo na ciência. Em todo canto existe alguém querendo contar a melhor história para os outros. O mais infeliz de tudo é que são apenas estórias, na realidade, quando chegam ao poder, raros são os que só pensam no equilíbrio como forma de caminho. A maioria desequilibra a balança pesando a seu favor e a de seus aliados econômicos, políticos, militares, científicos e o que for. Até mesmo esportivo! Tenho certeza de que muitas vitórias e alguns títulos são presentes caros e negócios certos. Quem sabe todo esse esplendor em torno do resultado, do orgulho da vitória, do prazer do triunfo, quem sabe tudo isso não passe de um sentimento motivado por uma encenação. O resultado do jogo já estava sendo decidido no jantar da noite anterior e não era só grana que poderia rolar, ela era a principal dama, mas ali estavam disputas muito maiores e complexas do que entre simples apostadores.

Na cozinha, uma linda garota preparava ovos, o cheiro desagradou meu estômago e tive que me retirar rapidamente. Depois soube que era Carolina, uma produtora de arte brasileira, companhia de Jake Drefus. Voltei à sala e encontrei Mike e Sho conversando sobre o fim do mundo. O primeiro, americano, bastante racional, pensa em um mundo tecnológico e eficiente, onde o metal e a música seriam as únicas leis. Sho, estudante meio russo, meio hindu, filho de indianos ricos da Inglaterra, acreditava que haveria um colapso sanguinolento em um determinado tempo. Suas informações diziam que o homem iria chegar a tal grau de cegueira que suas ações imperialistas e totalitárias acabariam por fazer boa parte do trabalho. Sho ainda nos disse que tudo também decorria da falta de consciência do homem diante da beleza e da exuberância da natureza. Nós precisamos de sua energia muito mais do que petróleo para os carros ou

simplesmente verdura para o estômago. A nossa relação com os bens naturais era o que de mais puro poderíamos fazer nesse mundo. Todavia, com a corrupção da alma, o homem passou a querer controlar os terrenos para construírem seus desejos. Hoje, disse o cara, ainda dá para fazer alguma coisa, mas daqui a três, quatro décadas a quantidade de lixo que o homem produzirá transformará suas suntuosas cidades em verdadeiros lixões. Fora o ar, contaminado por diversas bactérias atômicas, sufocando as populações aos poucos, injetando em seus organismos muito mais do que oxigênio. Para nosso amigo russo hindu, o próprio homem seria um dos pilares da decadência, mas não o único. Continuou dizendo que poderíamos fazer escolhas certas que nos livrariam de alguns malefícios, porém, já havia alguns difíceis de serem evitados, principalmente os que vêm do alto, da terra ou do mar. Entretanto, queimadas, poluição em rios, melhorias no aproveitamento dos alimentos e uma qualidade de vida melhor poderiam ser alcançadas se tivéssemos consciência dessa relação intrínseca entre nossas atitudes e os revezes da natureza.

Claro que não concordo nem com um, muito menos com o outro. Para mim o mundo nunca irá acabar e, mesmo se por acaso a nave planetária explodir ou se inundar, é bem provável que a minha mente continue voando por aí, um pouco mais livre e intangível.



## KEROUAC vs SATURNO

Quando comecei a ter ideias próprias, isso não necessariamente significou ter ideias originais nem mesmo inovadoras. Passei por algumas fases de pensamento e postura que, mesmo que se enquadrem dentro da lógica capitalista, ocidental, branca, cristã e machista, nunca deixaram de questionar isso mesmo. Não gosto de ser produto do meio que habito e isso me machuca cotidianamente. Assim, escolhi desde cedo remar contra a maré, mas tomando fôlego na margem do meio. Não consegui sempre, de fato. Representei o papel fenomenológico de um homem ocidental, mas de alguma forma isso também serviu de aprendizado e não pode ser nem julgado nem condenado, ainda mais por quem possa admitir que nunca, em hipótese alguma, foi contaminado pelo contraditório.

Na verdade, não estou muito aí para nada. Só quero poder ter emoções sinceras sobre a vida e a existência. E talvez não haja época mais louca em que sentimentos e coisas acontecem na sua frente todos os dias. Não que nunca tivessem acontecido, todavia eram necessários por uma questão de sobrevivência, não como hoje em que a cada esquina me oferecem empadas e suas azeitonas. Não passo mais tanta fome. De qualquer coisa. Mesmo assim, passo fome de vida em determinados momentos ou dela lembro ter sofrido e ficado faminto. Fui para as ruas com um olhar vidrado, enlouquecido mais por ela estar acontecendo do que por aquilo que poderia



se tornar. É o seu trânsito e suas contradições, em todos os espaços possíveis, ocorrendo exatamente ao mesmo tempo. Em um segundo que dura vários, movimentos, corpos, sons, razões são despertadas e alertadas, utilizadas e concretizadas na sua frente tal qual um jardim, um suicídio e um passageiro de ônibus que não cumprimenta o motorista que nem mesmo faria questão, mas que, ainda assim, nota a indiferença do trocador que, realmente, não sabe nem por que está ali.

Não penso em desistir da humanidade, até porque nossa programação já está feita. Independente da minha matéria (jornalística, se for o caso), não há como negar que somos simples fatos. O que eu aconteço hoje não significará nada a mim amanhã, mas pode ser o início da vida de um observador. Meus atos e vontades podem ser meros automatismos, porém podem ser disparadores de segredos, caçadores de recalques, estimuladores corporais e espirituais.

Todo o problema de nossa espécie se concentra no Tempo e esse, para mim, não é o mais temível. Sou amigo de Saturno, ele é nosso avô-trovão, nosso preto velho. Dá, sim, para viver e ser vivido. E dura para mim não o tempo que durará para o outro, mas sim o tempo que me cabe viver.

## KEROUAC vs *THE US ARMY*

Mais uma vez me encontro inerte. Queria muito poder trazer das vísceras uma história, visão ou qualquer coisa que pudesse cuspir meu espírito. Ando muito atento, produzindo pensamentos e falando muito. Porém, o grande Babuíno não me visita a não ser que seja em metalinguagem, somente nessa hora, quando estou, justamente, reclamando a mim mesmo da falta de inspiração para juntar letras e, depois, espalhar palavras.

Acho que isso acontece desde quando eu comecei a encarar essa coisa de escrever de forma impessoal. Antigamente me arrastava por esse país tagarelando que era um escritor. Mas agora já não sei mais, acho que é uma espécie de maldição cigana. De tanto falar que seria, esse demônio apareceu, me obrigando a ser assim, a ser desse jeito que esperam de mim. Tenho caído muito na bebida e as ideias não estão sendo tão legais assim. Entretanto, vira e mexe um papa-letras (agente filho da puta) me pressiona a ser o velho beatnik. Mas eu mudei, porra! Não aguento mais esse pessoal que sempre riu das minhas cretinices e me cultua como um semideus. Se fosse no Camboja, teria uma imagem do Jack para adorarem. Enfim, coisas da vida!

E por falar no sudeste asiático, onde uma horda afina a pontaria e as doenças venéreas pululam nos pintos brancos e jovens da América, lembro-me de um veterano da guerra da Coreia, bêbado e entregue ao mundo. Estava em algum lugar

da Virgínia, indo em direção a Nova York. Parei para mijar e refrescar a garganta num posto e esse sujeito estava encostado no balcão, reclamando sobre a vida com a garçonete e, ao mesmo tempo, tentando seduzi-la com um discurso bem babaca. “Então, Betty, eu não aguento mais a política desse cara. Queria acabar com tudo aqui, ir para o oeste, levar sua bocetinha quente comigo.” Não acreditei muito quando ouvi aquilo. Achei que a Betty ia ficar chateada, mas nada. Abriu um sorriso bem safado e disse: “Ohhh, capitão, os pintos da Virgínia me atraem mais do que o deserto. E prefiro ter vários voando do que um só.” Na verdade, quem ficou puto foi o tal capitão. Na mesma hora, levantou o peito e os olhos, deu uma checada para ver se tinha alguém ouvindo. Ele me viu e viu que eu tinha visto e escutado. Olhou com ódio, primeiro para mim, depois para ela.

– Olha, o pior da América são esses idiotas metidos a alguma coisa que sempre acham que sabem mais que todo mundo. Ei, você, seu vagabundo, o que você faz da vida?

– Bebo cerveja! – respondi sem dar muita bola.

– Maricas...

Tomei mais um gole, pensei um pouco com os meus botões, olhei para a cintura dele... parti pra cima. Pow, um soco bem no olho do capitão. Acho que ele não esperava aquilo. Caiu como uma tábua velha e inchada. Betty se desesperou, acho que ela gostava mesmo dele.

Tirou um revólver de trás do balcão e me mandou sair, sem antes me roubar 20 dólares – muito além do que me cobraria. Por sorte, um tenente reformado estava passando pelo posto na hora e me deu uma carona até Maryland. Pensei que o capitão e sua putinha iriam me matar.

O surreal foi que a primeira pergunta que o motorista me fez foi a mesma que o cara do bar. Dessa vez, respondi como um bom menino: “Sou escritor.” “Ah, é?”, disse, “que

bom. Adoro ler, nunca conheci ninguém que tenha publicado.” Disse ao sujeito que escrevia desde pequeno e que na adolescência inventava meus próprios jornais e personagens e tudo o mais e que já tinha publicado um livro há alguns anos e que estava andando pra baixo e pra cima com um rolo com a história mais louca da América. Ele me pediu para contar, aí eu disse: “Bom, tenente, você tá nela!”

Como já disse Orwell, “paz é guerra”. Escrever é apagar.



## KEROUAC vs FAUSTO

Eu não sei exatamente onde é possível conter meu espírito. Procuro ardentemente a passagem para O platô, O lugar, Logos. A cobertura de um mundo que é real, que pertence a um possível, mesmo que sempre, sempre, qualquer coisa que seja aqui sempre será como um simulacro.

Tento continuamente me esgueirar do caminho. Prefiro a luz forte e ardente da porta arreganhada. Por um momento me penso como um anjo fodido que rompe o umbral para falar aos ventos do ódio e da raiva sobre a suavidade do silêncio e do Tao. Feito um equilibrista, conquisto prédios altos para me afirmar na ponta dos pés. Quero erguer comigo um império esfacelado pelos desejos de todos aqueles que reinam em meu coração.

A vida tem uma retórica estúpida de impossibilidade enquanto ela mesma não é narrada pelo que é humano. Nosso abrigo sobre o solo é fração, não unidade. Essa vem com a consciência de que o alto está no baixo. Tudo é sentimento, tudo é racional.

Passei anos penando para conseguir afastar de mim o desejo pelo pecado de querer fincar raízes. Não que fosse mais simples seguir o caminho do espelho, mas minha lição de existência me mandava querer ficar. Seria mais fácil, faltaria o humor, mas teria a velhice. Todavia, o mesmo demônio me mandava como alternativa seguir caminho para

as luzes ilusórias da cidade grande. Lá, dizia, “os vagabundos iluminados iriam querer ouvir de sua voz a batida beat do jazz. Lá, as cores da sua existência vão se tornar aroma para a vida de milhares de outras pessoas.”

Mover e não mover, ambos são Fausto.

## KEROUAC vs DULUOZ

Recebo um telefonema de Raphaello Scoth, meu contato no NY Times:

“Jack, o Gary entrou de férias, cara. Seu livro já era, meu camarada. Estou envergonhado, embaraçado... Maldito Gary! Ele tinha me confirmado – na próxima sexta, na próxima sexta –”

Filho da puta desgraçado, penso. “Diga a ele que quando eu for lido por metade da América, sua crítica já não vai adiantar nada.” Desliguei o telefone bastante puto. Maria estava com o cigarro em mãos, encostada na cama e me olhando.

– Não fique desesperado. Venha aqui.

Eu não consigo me controlar e nada me deixara mais confortável. Eu tinha que poder esbravejar:

– Como não! Gary Strandy é o único crítico na América que poderia dizer algo respeitável sobre o meu livro. E ele leu, tenho certeza. Mas que vacilo, mas que vacilo – soco o ar. Ela se assusta com meus gestos e fecha sua expressão.

Passa um tempo e o telefone volta a tocar, Maria apaga o meu cigarro e retira o lençol que estava sobre o seu corpo. A chamada do aparelho parece perturbar minha cabeça. Abandono a visão afrodisíaca – Maria tenta tirar minha atenção ao chamado, e persigo a possibilidade de boas notícias.

– Alô!?

– Jack?



- Sim, é você de novo Scoth?
- Jack, te prepara, irmão. Te prepara porque eu tenho uma bomba.
- Ei, Scoth, não fala assim, meu camarada. Há dez minutos você já me esfaqueou o peito, agora pensa em cravar a lâmina?
- Calma, Jack, é coisa boa... quer dizer, pode ser. Temos que esperar. Depois de amanhã sai, tenho certeza.
- Cara, não estou te entendendo. Seu frangote estranho, se você estiver aprontando com a minha cara... ainda bem que estou numa onda de paz. A sabedoria oriental tem me dado muita força. Andei aprendendo uns segredos e a violência não faz parte deles.
- Jack, a porra da resenha vai sair depois de amanhã, cara! O novo crítico chegou na redação ontem, mas logo viu seu livro. Ele se lembrou do seu nome e parece ter dito à Michele que adorou *Cidade pequena, cidade grande*.
- Sério?
- Porra! Cara, ele levou o livro para casa e disse que vai apresentar o texto na próxima sexta. Parece que o Gary armou tudo. Tirou o dele da reta e deixou para o substituto a missão de criticar “o novo fenômeno da América”!
- Ahn... que porra é essa, Scoth!? Tá ficando louco?
- Jack, foi isso que Gary escreveu no bilhete que deixou para o substituto.
- Como deu tempo para você conseguir todas essas informações? Não tinha nem dez minutos que você me ligou.
- Foi a Michele, tenho um contato forte na parte de crítica literária.
- Saquei, ela também escreve?
- Não, limpa!
- Bom, confiar em uma faxineira às vezes é mais lucrativo do que pegar informação em um balcão de informações. Mas

elas também costumam exagerar, isso é fato. De qualquer forma, quando desliguei o telefone, Maria já devia estar em seu terceiro sono. Talvez pensando em mim, talvez não. Seu ar sereno, seus traços latinos, sua pele, boca. Era tudo uma só inspiração para a felicidade. Um livro aceito, dinheiro por palavras. Talvez pudesse mudar a minha vida, transformar meu sonho em realização. Já sei o que fazer, escrever mais, mais e mais. Quem sabe a loucura consuma meu tecido e eu me perca de vez. O sucesso é um perigo. É ele o cetro da vaidade. Resolvi acender um cigarro enquanto refletia sobre o depois de amanhã.

**Conheça também:**

Site do projeto: [jackerouac.com](http://jackerouac.com)

Facebook: [facebook.com/LetItBeatnik/](https://facebook.com/LetItBeatnik/)

Entre no Facebook e conheça outros títulos da Editora Verve e dos outros selos do Grupo 5W. Siga nossa editora e passe a receber informações sobre nossos livros, lançamentos, inovações e promoções. Caso queira nos enviar sugestões, ideias ou originais para avaliação mande um email para: [original@editoraverve.com](mailto:original@editoraverve.com)

Este livro foi composto em Crimson Text  
Impresso em Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> e Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup>  
pela Gráfica PSI7 para a Editora Verve em 2017.